

ARTUR GERALDO PAIS

**AS FORMAS DE PRETÉRITO DO MODO
INDICATIVO NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
Reflexões e propostas de atividades**

ASSIS
2016

ARTUR GERALDO PAIS

**AS FORMAS DE PRETÉRITO
DO MODO INDICATIVO
NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
Reflexões e propostas de atividades**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (Área de Conhecimento: Linguagens e Letramentos).

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Orientadora: Prof^a Dr^a Juliana Bertucci Barbosa

Agência de Fomento: CAPES

ASSIS
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

P149f Pais, Artur Geraldo.
As formas de pretérito do modo indicativo no ensino fundamental II: reflexões e propostas de atividades / Artur Geraldo Pais. Assis, 2016.
156 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr^a Juliana Bertucci Barbosa

1. Língua portuguesa - Verbos. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 3. Ensino fundamental. 4. Material didático - Avaliação. I. Título.

CDD 469.5

ARTUR GERALDO PAIS

AS FORMAS DE PRETÉRITO DO MODO INDICATIVO NO
ENSINO FUNDAMENTAL II: Reflexões e propostas de
atividades

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para
obtenção do título de Mestre em LETRAS
(Área de Conhecimento: LINGUAGENS E
LETRAMENTOS)

Data da Aprovação: 25/11/2016

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROFA. DRA. JULIANA BERTUCCI BARBOSA - UNESP/ARARAQUARA



Membros: PROF. DR. DANIEL SOARES DA COSTA - UNESP/ARARAQUARA



PROF. DR. NIGUELME CARDOSO ARRUDA - IFSC/CRICIÚMA

Esta dissertação é dedicada a todos os professores que não se cansam de trabalhar por uma Educação pública de qualidade, mesmo que, para isso, tenham de abrir mão dos momentos de lazer com suas famílias, ou, até mesmo, adiar aquela especialização ou o mestrado que tanto sonham realizar, pelo simples fato de, ironicamente, dedicarem-se ao preparo de aulas melhores para seus alunos.

Dedico, também, à memória de meus pais, Joaquim e Anália, que muito fizeram para que nós, seus filhos, crescêssemos com saúde, disposição, sabedoria, fé e, acima de tudo, amor.

AGRADECIMENTOS

Ao fim da realização desta pesquisa e de minha participação no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –, gostaria de expressar neste espaço meus sinceros agradecimentos àqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, para que eu pudesse obter o Título de Mestre em Letras, com o propósito de valorizar minhas práticas pedagógicas e o árduo e dedicado trabalho do professor na escola pública.

Primeiramente, quero agradecer a Deus pelas bênçãos de sempre, por haver me dado saúde física e mental, e por ter me fortalecido nos cumprimentos dos créditos do programa e na realização da pesquisa, de modo simultâneo ao meu trabalho docente na rede pública estadual.

Agradeço imensamente à querida Professora Dra. Juliana Bertucci Barbosa, pela dedicação na orientação deste trabalho, pela compreensão, pelas excelentes sugestões de leituras e de materiais, além de sua grande paciência em ajudar-me na pesquisa e na produção escrita desta dissertação.

Meus agradecimentos aos Professores Dr. Daniel Soares da Costa e Dra. Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho, pelas excelentes contribuições no Exame de Qualificação.

Agradecimentos especiais ao Professor Dr. Niguelme Cardoso Arruda que, juntamente ao Professor Daniel, contribuiu com observações fundamentais para a edição final deste trabalho durante a defesa realizada em 25 de novembro de 2016.

Aos Professores Daniel, Juliana, Kelly, Karin, Odilon, Marco Antônio, Rozana, Lúcia, Cláudia Binato, Daniela, Maria do Rosário e Eliane Galvão, pelas aulas inesquecíveis do mestrado.

À seção da pós-graduação, pelas dúvidas sanadas e orientações acadêmicas necessárias para a entrega e/ou expedição de documentos. Meu muito obrigado aos funcionários João, Sueli, Lucilene, Marcos e Natália, em especial pela paciência que sempre tiveram quando precisei de maiores esclarecimentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pelo incentivo financeiro aos professores pesquisadores da rede pública de ensino.

Aos amigos e colegas do PROFLETRAS Ângela, Larissa, Michelle (e seu esposo Danilo) e Washington, pelo empenho e pelos momentos divertidíssimos na realização dos trabalhos em grupo, em diferentes disciplinas do programa.

Aos demais amigos e colegas do PROFLETRAS – Aline, Camila, Gerson, Isabel, Maria Fernanda, Marília, Mônica, Patrícia, Renata, Roseli, Solange, Valmira e Wilton –, por compartilharem suas experiências profissionais e de vida, e por enriquecerem as discussões que sempre fizemos acerca de nossa realidade na educação pública. E pelo alto astral sensacional desse povo!

À minha eterna amiga Rosenes Souza, por incentivar-me a voltar aos estudos acadêmicos e por apoiar-me nos intensos e produtivos anos de trabalho docente que realizamos na mesma escola, apoio extremamente fundamental nos momentos de alegria, de realizações, de angústia, de estresse e de dificuldades em nossa realidade escolar, mas sem perder a esperança de tornar melhor o processo de ensino e de aprendizagem.

À amiga Eva Menezes, pelo carinho e sinceridade, e, principalmente, por ser um exemplo de profissional centrada no que faz.

Ao meu caro Leonardo de Carvalho, o “Léo Gerrard”, pela amizade honesta e por contar com seus fantásticos pontos de vista acerca da realidade educacional, acadêmica e política.

Ao meu ex-aluno Júlio César, o amigo “Julius”, pelos momentos de bom humor em meio à correria de meus trabalhos e estudos.

À minha família, em especial à minha irmã e grande amiga Maria Helena, pelo apoio moral e constante compreensão.

À direção, coordenação, funcionários e professores da Escola Estadual Professor Carlos Alberto de Oliveira, grandes colegas que me apoiaram em meu mestrado e colaboraram para que eu pudesse conciliar a minha carga horária de trabalho com os estudos acadêmicos.

E, finalmente, quero agradecer aos meus alunos, pois eles foram e sempre serão importantes para que eu busque o aperfeiçoamento e a valorização de meu trabalho. Vem deles o verdadeiro reconhecimento que um professor pode receber.

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava as Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

(ABREU, Casimiro de. Meus oito anos. In: MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 24ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 172-173.)

Oh dias da minha infância,
Quando eu ficava doente,
Ou sentia dor de dente,
E lá vinha tratamento!
Era um tal de vitamina...
Mingau, remédio, vacina
Inalação e aspirina,
Injeção e linimento!

(ROCHA, Ruth. Ai que saudades... In: ABRAMOVIC, Fanny [Org.] **O mito da infância feliz**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1983. p. 105-106.)

PAIS, Artur Geraldo. **As formas de pretérito do modo indicativo no Ensino Fundamental II:** reflexões e propostas de atividades. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

Os recentes materiais didáticos destinados à aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II têm procurado desenvolver um trabalho de gramática direcionado aos mais diversos gêneros textuais. No que diz respeito ao ensino dos verbos, particularmente as formas de pretérito do modo indicativo, gêneros como relato de experiência, notícia de jornal, crônica, biografia, entre outros, contemplam o conteúdo das formas de passado no português brasileiro. Entretanto, percebe-se que ainda persiste um mero ensino das características morfológicas desse tempo verbal. Noções de aspecto, modalidade e uso são deixadas em segundo plano, ou simplesmente ignoradas. O Currículo do Estado de São Paulo propõe, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que o ensino gramatical seja voltado para o texto em seus mais variados gêneros, e que tenha respaldo na língua em situações de uso real. Por outro lado, os materiais de apoio do Currículo (Caderno do Aluno e Caderno do Professor) não concentram o ensino da gramática a essas situações de uso e acabam seguindo o mesmo padrão adotado pelos livros didáticos, nos quais sequer existem menções a valores aspectuais e modais dos verbos. O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados acerca da investigação e análise da abordagem dada às concepções de ensino de língua e aos estudos gramaticais nos materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo e em alguns livros didáticos de Língua Portuguesa de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, com um recorte dado aos verbos e, particularmente, às formas flexionadas nos tempos do pretérito do modo indicativo no português do Brasil. Considerando os conceitos de tempo e de aspecto verbal e as diferentes perspectivas de abordagem dos tempos de pretérito do modo indicativo na Língua Portuguesa, esta pesquisa, de caráter qualitativo, consiste na análise dos documentos oficiais e dos materiais didáticos utilizados na Educação Básica, e apresenta, como proposta de intervenção, um Caderno Complementar de Atividades para o professor aplicar junto aos alunos do Ensino Fundamental II, com exercícios que contemplem o passado dos verbos em português, dentro de uma perspectiva semântica e funcional, em diferentes gêneros textuais. A presente pesquisa também apresenta uma análise da elaboração do Caderno Complementar e da aplicação das primeiras atividades com alunos do 7º ano de uma escola pública da cidade de Assis, SP.

Palavras-chave: Ensino. Gramática. Pretéritos. Variação linguística. Verbos.

PAIS, Artur Geraldo. **The forms of the past tense in the indicative mood in Elementary Education:** some reflections and proposal of activities. 2016. 156 p. Dissertation (Professional Master's Degree in Language Studies). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

ABSTRACT

The newest schoolbooks for the learning of Portuguese language in Elementary Education try to develop a grammar teaching according to various text genres. When the subject is the teaching of verbs, particularly the forms of the past tenses in the indicative mood, text genres like experience report, newspaper report, chronicle, biography, and many others, include the contents of the forms of the verbs in the past in Brazilian Portuguese. However, it is very clear that there is still a mere teaching of the morphological characteristics of this tense. The verbal aspect, the modal verbs and the functions of verbs are not the main topic in the studies, or they are simply ignored. The Currículo do Estado de São Paulo – an official document that indicates the contents to be taught in public schools in São Paulo State – proposes, based on the PCN (Brazilian National Curriculum Parameters), that the grammar teaching must be focused on the text in its several genres, and has to consider the language in real use situations. On the other hand, the Currículo support materials (student's and teacher's notebooks) do not consider these situations in the grammar teaching, and the approach follows the same pattern adopted by the textbooks, in which there is not any mention about aspect values or modal verbs. The aim of this work is to present the results on the research and analysis of the approach of the language teaching concepts in the support materials of the Currículo do Estado de São Paulo and in some textbooks of the 6th and the 7th years in elementary school, with the focus on the grammatical studies about the verbs and, particularly, their inflected forms in the past tenses in the indicative mood, in Brazilian Portuguese. Considering the concepts of tense and verbal aspect, and the different perspectives of approach to the past tenses in the indicative mood in Portuguese, this qualitative research analyzes the official documents and the teaching materials used in Elementary Education, and presents, as a proposal of intervention, a Complementary Activities Notebook for the teacher's work with the elementary school students, with exercises that include the verbs in the past in Portuguese, in a semantic and functional perspective, in different genres. This research also analyzes the development of that Complementary Notebook and the results of implementing its first activities with students in a 7th year at a public school in Assis, São Paulo State.

Keywords: Teaching. Grammar. Past tenses. Linguistic variation. Verbs.

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Localização do município de Assis, SP, Brasil.....	46
Figura II: Reprodução do texto “Meu tio Jules”	49
Figura III: Tabela de expressões que indicam tempo	50
Figura IV: Paradigmas de conjugação de verbos no modo indicativo – I	51
Figura V: Paradigmas de conjugação de verbos no modo indicativo – II.....	52
Figura VI: Reprodução do texto “Flor do cerrado: Brasília”, de Ana Miranda.....	53
Figura VII: Reprodução da seção “Estudo da Língua” – verbos do texto “Flor do cerrado: Brasília” – I.....	54
Figura VIII: Reprodução da seção “Estudo da Língua” – verbos do texto “Flor do cerrado: Brasília” – II	54
Figura IX: Reprodução da seção “Estudo da Língua” – títulos de notícia de jornal	56
Figura X: Reprodução da seção “Estudo da Língua” – tempos verbais.....	57
Figura XI: Trecho do texto “Dia a dia em Bissau” – Folha de S. Paulo – Folhinha	59
Figura XII: Trecho da reportagem “Tempo de criança” – Folha de S. Paulo – Folhinha – I	60
Figura XIII: Trecho da reportagem “Tempo de criança” – Folha de S. Paulo – Folhinha – II ..	61
Figura XIV: Atividades referentes aos modos verbais	63
Figura XV: Tirinha de Hägar (Dik Browne).....	64
Figura XVI: Usos do pretérito	65
Figura XVII: Tirinha de Luis Fernando Verissimo	66
Figura XVIII: Atividades com usos do pretérito	67
Figura XIX: Atividades sobre os usos do presente do modo indicativo.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Atividade de múltipla escolha sobre o uso do presente do indicativo.....	59
Quadro II – Atividade com trecho da crônica “Antigamente”	72
Quadro III – Atividade: trecho narrativo com ações habituais no presente	73
Quadro IV – Atividade: fragmento adaptado da crônica “Lar Desfeito”, de Luis Fernando Verissimo.....	75
Quadro V – Atividade: trecho do livro Coisas de índio , de Omar Landi e Edmilson Siqueira ...	76
Quadro VI – Atividade: passagem do romance Whatever , de Leonardo Brasiense.....	77
Quadro VII – Atividade 4: O pretérito em diferentes aspectos	80
Quadro VIII – Atividade 6: O pretérito em diferentes aspectos.....	80
Quadro IX – Atividade 3: Escrevendo sobre o passado.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CA – Caderno do Aluno

CEL – Centro de Estudos de Línguas

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa

cf. – conferir

CP – Caderno do Professor

CPF – Cadastro de Pessoa Física

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

EUA – Estados Unidos da América

Fatec – Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo

FEMA – Fundação Educacional do Município de Assis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

km – quilômetro(s)

km² – quilômetro(s) quadrado(s)

ONU – Organização das Nações Unidas

PB – Português Brasileiro

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SEE-SP – Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TV (tevê) – televisão

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Uniesp – União Nacional das Instituições de Ensino Superior Privadas

UNIP – Universidade Paulista

UNOPAR – Universidade Norte do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	23
1.1 Gramática, ensino e variação linguística	23
1.2 Os Tempos do Pretérito do Modo Indicativo	27
1.2.1 Revendo o conceito de Tempo e Aspecto	27
1.2.2 Os tempos do pretérito do modo indicativo: perspectiva das gramáticas.....	31
1.2.3 Os tempos do pretérito do modo indicativo: perspectiva dos PCN e do Currículo do Estado de São Paulo	36
1.2.4 Os tempos do pretérito do modo indicativo: perspectiva dos estudos sociolinguísticos.....	39
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3 A ABORDAGEM DOS TEMPOS DO PRETÉRITO DO MODO INDICATIVO NOS MATERIAIS DIDÁTICOS	48
4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CADERNO COMPLEMENTAR DE ATIVIDADES PARA ALUNOS SOBRE O ENSINO DOS PRETÉRITOS DO MODO INDICATIVO.....	70
4.1 Elaboração do Caderno Complementar de Atividades.....	71
4.2 Comentários de aplicações do Caderno Complementar de Atividades.....	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
6 REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES.....	96
Apêndice A – Caderno Complementar de Atividades para alunos sobre o Ensino dos Pretéritos do Modo Indicativo	97
Apêndice B – Autorização da Escola	150
Apêndice C – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	151
Apêndice D – Plano de Intervenção	153

INTRODUÇÃO

Eu canto em português errado
 Acho que o imperfeito não participa do passado
 Troco as pessoas
 Troco os pronomes
 (RUSSO, R.; VILLA-LOBOS, D.; BONFÁ, M. Meninos e Meninas. In: **As quatro estações**. Legião Urbana. Manaus: Videolar [EMI], 1989. Faixa 9.)

Parece que sempre houve uma confusão entre o ato de ensinar língua e o de ensinar gramática. E ensinar gramática sempre se pautou pelas normas do falar e do escrever “bem”, “corretamente”, “certinho”. É fato que é impraticável não abordar as regras exigidas em contextos mais formais nas aulas de Língua Portuguesa, mas essa abordagem não deve ser o foco principal do ensino (é importante um trabalho com as variações linguísticas). Mais do que isso, quando falamos em ensino de gramática, ele não deve consistir em mero despejo de regras e nomenclaturas totalmente descontextualizadas e que não fazem sentido algum aos alunos. É esse tipo de ensino de gramática (normativa), inclusive, que gera clichês do tipo “português é a língua mais difícil do mundo”, “eu não sei nada de gramática” ou “eu não sei português”, pois se alguém de fato não soubesse nada de língua portuguesa e, conseqüentemente, do funcionamento da gramática da língua, não conseguiria se comunicar nem razoavelmente.

Quando o assunto das aulas de Português diz respeito à aprendizagem das classes gramaticais, em especial o verbo, é comum depararmo-nos com conceitos do tipo “verbo é a palavra que expressa ação, estado ou fenômeno da natureza”. Assim, palavras como “briga”, “papo”, “conversa”, “corrida”, “jogos”, “dança”, “estudo”, “análise”, entre outras, poderiam ser consideradas como verbos pelos alunos. Percebemos que a definição de verbo precisa ser repensada. Outro conceito comumente apresentado é que o “verbo é a palavra que indica ação, estado, fenômeno da natureza e se relaciona a determinado tempo”. Para um aluno do 6º ou do 7º ano do Ensino Fundamental essa definição pode ser confusa, levando-os a considerar expressões como “amanhã cedinho”, “à noite” como verbos – afinal, verbo é a palavra que “se relaciona a determinado tempo”, segundo o conceito apresentado.

Com esses conceitos e definições, muitos estudantes podem não saber identificar verbos em textos e concluir que não sabem nada dessa classe gramatical. Trata-se de um evidente paradoxo, pois o que o aluno mais faz, assim como qualquer usuário do português brasileiro (doravante **PB**), é utilizar verbos em sua fala e escrita. Como todos nós, o estudante conta fatos

que envolvem a vida dele, de seus familiares e amigos, o bairro onde vive, os programas de tevê e filmes de sua preferência, suas conquistas e seus planos etc. E nesse narrar, principalmente os acontecimentos passados, fica evidente como ele consegue se valer de diferentes tipos de pretérito. Porém, o aluno fica mais uma vez confuso quando o professor lhe pede para identificar em um determinado texto os verbos no passado e classificá-los em pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito. Não conseguindo fazê-lo, o professor sugere que o estudante treine, como tarefa de casa, os paradigmas de conjugação dos verbos “cantar”, “vender”, “partir”, “ser”, “estar”, “ter”, “ir” e “pôr” em todos os seis tempos do modo indicativo. O aluno consegue memorizar todas as flexões, inclusive a segunda do plural “vós”, que ele nem usa e tão pouco faz ideia que aparece nos textos bíblicos e nas orações que faz na igreja. Entretanto, continua sem compreender as diferenças de uso dos pretéritos.

Na citação que abre a presente seção, Renato Russo disse que “o imperfeito não participa do passado”. Refletindo sobre o trecho, muitas vezes nós utilizamos essa forma verbal para expressar uma ação subordinada a outra no passado, porém com a intenção de expressar uma hipótese impossível de ocorrer (como em “se eu fosse você, eu **estudava** mais para a prova”, no lugar de “...eu **estudaria** mais para a prova”) ou um desejo de fazer algo (“eu **queria** ver a minha prova”, no lugar do pouco utilizável “eu **quereria** ver minha prova”). Bechara (2015), em sua **Moderna Gramática Portuguesa**, já afirma que o imperfeito é o “presente do passado”, o que faz muito sentido se pensarmos na utilização desse pretérito expressando hábitos comuns de outrora, como “eu **brincava** na rua com meus amigos depois da escola”. Tal definição é muito mais compreensível que dizer que o pretérito imperfeito se refere a uma ação passada que se desenvolvia, sem a necessidade de se saber se fora concluída ou não.

Existe um esforço em desenvolver os conteúdos gramaticais de modo significativo para que os alunos compreendam a importância de se estudar a própria língua sem se sentir um estrangeiro nela, conforme está exposto no Currículo do Estado de São Paulo, documento norteador dos conteúdos e das habilidades a serem desenvolvidas nos diferentes componentes curriculares da escola pública estadual paulista. Por outro lado, mesmo com essas tentativas de atividades reflexivas, os materiais que apoiam o Currículo de São Paulo e os livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) parecem não propor atividades efetivamente epilinguísticas que levem o aluno a aprender e a compreender as regras de uso de sua própria língua em

contextos significativos (ou seja, atividades que os alunos utilizem as regras da língua partindo da reflexão do uso, sem necessariamente recorrer constantemente a nomenclaturas e conceitos).

No estudo da língua proposto pelo Currículo do Estado de São Paulo, o ensino da gramática tem destaque para tópicos que geram mais dificuldade de uso para os falantes, levando em consideração as diferenças entre a norma padrão e a linguagem utilizada em situações informais de comunicação. Dessa forma, as atividades gramaticais estão diretamente relacionadas às variedades linguísticas e aos gêneros textuais, e o foco de ensino da gramática seguirá, de acordo com o Currículo de São Paulo, a organização tradicional adotada pelos livros didáticos. Também é importante ressaltar que, nos anos finais do Ensino Fundamental, os materiais de apoio voltam-se para quatro tipologias textuais que estruturam as situações de aprendizagem: narrar (6º ano), relatar (7º ano), prescrever (8º ano) e expor/argumentar (9º ano).

Por essa razão, alguns questionamentos tornam-se pertinentes diante dessa proposição do documento no que diz respeito ao ensino da norma culta:

- a) Os materiais de apoio trabalham aspectos gramaticais de forma reflexiva, em situações concretas de uso dos falantes – no caso, os alunos?
- b) Restringindo o objetivo da presente pesquisa, qual é a abordagem dada aos chamados tempos do pretérito do modo indicativo nas aulas de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental? Existe alguma abordagem semântica e/ou funcional quanto ao estudo dos diferentes tipos de pretérito no português do Brasil nesses materiais?
- c) Há algum dado que esclareça aos alunos a necessidade de se aprender os usos do pretérito para a produção e compreensão de textos pertencentes às tipologias narrar e relatar, comuns no 6º ano e no 7º ano, respectivamente?

Em relação aos questionamentos levantados acima, podemos formular algumas hipóteses como respostas provisórias a serem desenvolvidas nesta pesquisa:

- Por meio dos gêneros textuais comuns nas tipologias narrar e relatar, o aluno pode compreender a utilização dos diferentes tipos de pretérito no PB;
- O contato com diversas narrativas (fábulas, contos, crônicas, romances) e com gêneros como biografia, notícia de jornal, depoimentos garante ao aluno a assimilação da estrutura do pretérito em Língua Portuguesa, bem como a compreensão dos aspectos funcionais do passado tanto nas produções escritas quanto nas orais;

- Os momentos de sistematização das regras de formação do passado não podem ser deixados de lado, porém necessitam ser significativos para que os alunos consigam entender a funcionalidade desse tempo verbal na produção de gêneros textuais que lhe são solicitados nessa etapa escolar;
- O uso dos materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo precisa estar conjugado à utilização dos livros didáticos que contemplem atividades com o pretérito, embora tais atividades estejam meramente restritas ao caráter morfológico;
- Desenvolver estratégias de ensino tomando como referência características semânticas e funcionais dos pretéritos em Português, com ênfase nos aspectos modais (o imperfeito indicando hábito no passado, a duração de uma determinada atividade expressa pelo imperfeito do verbo “estar” mais o gerúndio do verbo principal), pode garantir uma aprendizagem mais eficaz dos tempos verbais, além de esclarecer o sentido de termos como perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito, em vez de exigir exercícios mecânicos de conjugação totalmente descontextualizados;
- Abordar o uso do pretérito em produções que se referiram a fatos históricos (linha do tempo, biografia de pessoas marcantes na sociedade), contrastando com a possibilidade de também se utilizar o presente do indicativo para expressar tais fatos, analisando os efeitos de sentido que o uso de um e de outro tempo verbal proporcionam no texto;
- Propor produções textuais para os alunos usarem de modo significativo os tempos verbais do PB, em especial os pretéritos – o que resultará numa melhor compreensão do uso dos verbos em determinados gêneros textuais, como a notícia e a biografia.

Partindo desses questionamentos e hipóteses, esta dissertação tem como objetivo principal investigar a abordagem dada às concepções de ensino de língua e aos estudos gramaticais nos materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo e em alguns livros didáticos de Língua Portuguesa de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, com um recorte dado aos verbos e, particularmente, aos pretéritos do modo indicativo no PB.

A escolha desse tempo verbal deve-se ao fato de o programa do ensino de Língua Portuguesa na rede estadual paulista privilegiar, conforme mencionado na página anterior deste trabalho, textos das tipologias narrar e relatar no 6º e no 7º anos do Ensino Fundamental, contemplando gêneros textuais tais como fábulas, crônicas, piadas, narrativa de aventura, romance, depoimento, notícia de jornal, reportagem, (auto)biografias etc. Normalmente, a

abordagem dada aos pretéritos e aos demais tempos verbais nesses materiais didáticos consiste num enfoque meramente morfológico, com pouquíssima explicação voltada para os usos e para características semânticas, não havendo menções suficientes para as noções de aspecto e de modalidade verbal. É claro que não se espera que nos materiais didáticos do Ensino Fundamental sejam abordadas noções de aspectos imperfectivo, durativo, incoativo, entre outros, mas que sejam apresentadas atividades de uso da língua esclarecedoras aos alunos a respeito das maneiras de expressar o passado muito comuns em nossa língua, em especial as formas compostas, que alguns autores de livros didáticos insistem em dizer que são coloquiais e, provavelmente, não merecem destaque nas atividades gramaticais.

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, também busca verificar a abordagem dada a essas formas verbais na compreensão de seu uso nos textos das tipologias narrar e relatar. Espera-se que o trabalho com os gêneros textuais dessas tipologias possa esclarecer o uso dos pretéritos no PB, apontando os pontos positivos que os materiais didáticos apresentam no ensino dos verbos e os aspectos que merecem atenção para tornar mais significativa a aprendizagem de tal item gramatical.

Portanto, os objetivos específicos para a realização desta pesquisa são os seguintes:

- Verificar a concepção de língua e de seu ensino, em especial o gramatical, presente no Currículo do Estado de São Paulo;
- Compreender as diferentes concepções teóricas acerca do ensino de gramática e dos tempos verbais nas aulas de Língua Portuguesa, nos anos finais do Ensino Fundamental, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e conforme estudos acadêmicos desenvolvidos sobre o tema;
- Analisar as concepções teóricas apresentadas em gramáticas tradicionais acerca do estudo dos tempos verbais, com destaque para os pretéritos, verificando se há alguma abordagem semântica ou funcional, além da morfológica;
- Analisar as mesmas concepções teóricas e abordagens nos materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo e em alguns dos livros do PNLD;
- Identificar, por meio da análise do Currículo e dos materiais de apoio, bem como a dos livros didáticos, os pontos positivos sobre o uso do passado em determinados gêneros e tipologias textuais, e verificar em quais pontos desses materiais merece um olhar mais acurado para o ensino significativo dos pretéritos no PB.

Tomaremos como referência os estudos linguísticos sobre tempo, aspecto e modalidade verbal, além da revisão sobre o pretérito da língua portuguesa analisado pelos estudiosos da linguagem como Bagno (2012), Bechara (2015), Castilho (1968, 2014), Castilho e Elias (2012), Cunha e Cintra (2001), Neves (2011) e Perini (2010), entre outros. Como resultado final, proporemos um pequeno caderno com atividades complementares que destaquem o uso significativo do passado em Língua Portuguesa por meio de exercícios epilinguísticos, de modo a subsidiar os professores do Ensino Fundamental com um trabalho gramatical contextualizado. Procuraremos, também, aplicar alguns dos exercícios desse caderno em um 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Assis, SP, com o propósito específico de verificar a aplicabilidade e aceitabilidade de tais atividades do caderno complementar que apresentaremos como produto final da pesquisa.

Dessa forma, a presente dissertação estrutura-se com as seguintes partes:

1. **Pressupostos teóricos:** essa seção apresenta o referencial teórico que fundamentou a pesquisa, além da abordagem dos pretéritos do modo indicativo nos materiais didáticos destinados aos anos finais do Ensino Fundamental. A seção subdivide-se em:
 - 1.1. **Gramática, ensino e variação linguística:** nessa subseção, discorremos sobre as concepções de gramática e variação linguística como conteúdo do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, levando em consideração que o ensino deve abarcar as diversas manifestações do PB;
 - 1.2. **Os Tempos do Pretérito do Modo Indicativo:** contemplamos, nessa parte do trabalho, as diversas formas de expressão do passado no PB, na perspectiva das gramáticas (tradicionais e descritivas), no enfoque dado pelos documentos oficiais (em especial os PCN e o Currículo do Estado de São Paulo) e na perspectiva dos estudos sociolinguísticos; para o desenvolvimento teórico dessa parte, apresentamos a seguinte subdivisão:
 - 1.2.1. **Revedo o conceito de Tempo e Aspecto:** estabelecemos, nessa subseção, os conceitos de tempo gramatical e tempo cronológico, além de explorarmos as concepções de aspecto verbal, pouco ou quase não utilizadas no ensino dos verbos nas aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica;

- 1.2.2. **Os tempos do pretérito do modo indicativo – perspectiva das gramáticas:** aqui apresentamos os conceitos de verbo, tempos verbais, aspectos verbais e os diferentes usos dos pretéritos do modo indicativo segundo Bechara (2015) e Cunha e Cintra (2001), na perspectiva das gramáticas tradicionais, e de acordo com Bagno (2012), Castilho (2014) e Perini (2010);
 - 1.2.3. **Os tempos do pretérito do modo indicativo – perspectiva dos PCN e do Currículo do Estado de São Paulo:** nessa parte da dissertação, discorreremos sobre as concepções de gramática, variação linguística e tempos verbais, em particular os pretéritos do modo indicativo, segundo os documentos oficiais, especificamente os PCN, o Currículo do Estado de São Paulo e seus materiais de apoio;
 - 1.2.4. **Os tempos do pretérito do modo indicativo – perspectiva dos estudos sociolinguísticos:** com base nas concepções de aspecto verbal, nessa parte, apresentamos usos frequentes dos pretéritos do indicativo no PB, incluindo alguns não mencionados nos materiais didáticos e em gramáticas tradicionais, como a perífrase de gerúndio (verbo “estar” no imperfeito mais o gerúndio do verbo principal). Partimos de estudos realizados por Freitag e Damaceno (2015), Mendonça e Freitag (2013), Rocha e Martins (2014) e Vargas (2010). Buscamos enfatizar a importância da compreensão do uso dos verbos nos diversos gêneros textuais, de modo que o aluno possa refletir sobre esse uso e apropriar-se de uma norma para utilização em contextos mais monitorados em sua comunicação.
2. **Procedimentos Metodológicos:** nessa seção, esclarecemos a metodologia da presente pesquisa, de caráter qualitativo, feita com base na análise dos documentos oficiais e dos materiais didáticos, a respeito da abordagem dada aos pretéritos do modo indicativo nos anos finais do Ensino Fundamental. Tal análise resultou na elaboração de um Caderno Complementar de Atividades, com exercícios que exploram os usos das diferentes formas verbais do passado em Língua Portuguesa.
 3. **A abordagem dos tempos do pretérito do modo indicativo nos materiais didáticos:** aqui realizamos uma análise propriamente dita da abordagem dada às diferentes formas de passado

no PB nos materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo e em alguns livros didáticos, em especial os da coleção **Projeto Teláris: Português**, destinados aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

4. **Proposta de intervenção – Caderno Complementar de Atividades para alunos sobre o ensino dos pretéritos do modo indicativo:** essa seção apresenta a problematização e a justificativa para a elaboração de um Caderno Complementar com exercícios que privilegiem os usos dos pretéritos do modo indicativo no PB; a presente seção subdivide-se em:
 - 4.1. **Elaboração do Caderno Complementar de Atividades:** nessa subseção, apresentamos os objetivos para o desenvolvimento de atividades que propiciem maior reflexão sobre o uso da língua e a proposição dessas atividades como complementação ao material didático utilizado pelo professor;
 - 4.2. **Comentários de aplicações do Caderno Complementar de Atividades:** nessa parte da dissertação, analisamos algumas atividades do Caderno que foram aplicadas a alunos de 7º ano de uma escola pública da rede estadual paulista, na cidade de Assis, SP, com o objetivo de verificar sua aceitabilidade e realizar ajustes para a edição final desse Caderno.
5. **Considerações finais:** por fim, nessa seção, registramos algumas reflexões sobre o desenvolvimento de nossa pesquisa, como proposta de intervenção para um ensino mais significativo de gramática, tempos verbais e as diferentes formas de pretérito do modo indicativo no PB, dentro de uma abordagem semântica e funcional (de uso).
6. **Referências:** apresentamos aqui a bibliografia que serviu de base para a realização de nossa pesquisa, contendo os materiais didáticos (livros e materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo), as gramáticas (descritivas e tradicionais), os estudos acadêmicos e documentos oficiais (PCN, Currículo do Estado de São Paulo).
7. **Apêndices:** nessa parte do trabalho apresentamos: (i) o **Caderno Complementar de Atividades**, com propostas de exercícios para alunos do Ensino Fundamental, a respeito dos pretéritos do modo indicativo (dentro de uma abordagem semântica e funcional), algumas orientações para a aplicação dos exercícios e sugestões de textos para que o professor possa desenvolver outras atividades complementares; (ii) o documento com a **Autorização da Escola** para aplicação das atividades do Caderno Complementar; (iii) o **Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, com o objetivo de garantir a participação das

crianças e/ou dos adolescentes, por parte dos pais ou responsáveis, na pesquisa; (iv) o **Plano de Intervenção**, apresentando o produto final (**Caderno Complementar de Atividades: os Pretéritos do Modo Indicativo**), o tema da presente pesquisa, a problematização, a justificativa, os objetivos, a metodologia, os recursos pedagógicos, os resultados esperados, a avaliação e as referências bibliográficas para a elaboração da proposta de intervenção.

Assim, esperamos que a presente pesquisa seja um material de reflexão para o professor desenvolver um ensino da norma culta mais significativo junto a seus alunos da Educação Básica. Esperamos, também, com este trabalho, ter contribuído para a formação continuada do docente de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, da mesma forma que desejamos que o Caderno Complementar de Atividades com os Pretéritos do Modo Indicativo auxilie os estudantes na compreensão dos diversos usos e sentidos que os verbos apresentam nas diferentes manifestações de passado do português falado e escrito do Brasil.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Apresentamos, nesta seção, o embasamento teórico que fundamentou esta pesquisa a respeito da abordagem dada ao ensino dos pretéritos do modo indicativo nos materiais didáticos dos anos finais do Ensino Fundamental, em especial os materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo, destinados ao 6º e ao 7º anos, e alguns livros pertencentes ao PNLD.

Discorreremos, num primeiro momento, sobre os conceitos de gramática, ensino e variação linguística, como conteúdo de Língua Portuguesa, à luz do que escreveram Bagno (2003, 2012) e Possenti (2012). Em seguida, faremos uma breve revisão do conceito de tempo e aspecto, conforme estudos de Bagno (2012), Barbosa (2008), Bechara (2015), Castilho (1968), Castilho e Elias (2012), Costa (1990) e Neves (2011). Finalmente, passaremos a uma análise dos tempos do pretérito do modo indicativo: (i) na perspectiva das gramáticas, segundo Bagno (2012), Bechara (2015), Castilho (1968, 2014), Cunha e Cintra (2001) e Perini (2010); (ii) na perspectiva dos documentos oficiais (PCN, 1998; Currículo do Estado de São Paulo, 2012); (iii) na perspectiva dos estudos sociolinguísticos, de acordo com Freitag e Damaceno (2015), Mendonça e Freitag (2013), Rocha e Martins (2014) e Vargas (2010).

1.1 Gramática, ensino e variação linguística

Marcos Bagno (2003) expõe, na introdução de seu livro **Preconceito Linguístico**, um interessante paralelo: “Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.” (p. 9) Fica evidente que o autor quer justificar o tema de seu livro com base em uma confusão criada há muito tempo entre língua e gramática normativa. A língua é algo que se renova constantemente, visto que ela é utilizada pelas pessoas que, conseqüentemente, passam por transformações nas suas vidas; a gramática normativa não tem essa renovação constante, pois seu objetivo é o de estabelecer as regras de funcionamento de uma língua de acordo com uma determinada parcela da sociedade, normalmente composta pelos escritores, jornalistas, críticos de arte, juízes, advogados etc.

É importante, contudo, levar em consideração que essa parcela da sociedade também passa por transformações – se compararmos a expressão (oral ou escrita) de um jornalista de hoje com certeza ela terá muitas diferenças em relação à de um jornalista da década de 1950 ou 1960.

Porém a gramática normativa, que é a base do ensino de língua, parece manter-se a mesma, sem alterações, salvo algumas mudanças que ocorreram recentemente – a reforma ortográfica em vigor desde 2009¹.

Bagno defende a ideia de que os professores de língua precisam ter o conhecimento técnico – metalinguístico – das regras da gramática para ensinar seus alunos, que, por sua vez, não necessitam saber uma infinidade de nomenclaturas para se tornarem excelentes usuários de uma língua em suas modalidades oral e escrita. O estudante já traz consigo uma gramática internalizada (POSSENTI, 2012, p. 69-73), visto que ele não precisou de nenhum professor de Língua Portuguesa para ensiná-lo a dizer “eu gosto muito de chocolate”, assim, nessa ordem; esse mesmo estudante também poderia dizer/escrever algo como “de chocolate eu gosto muito”, o que seria perfeitamente compreensível e, evidentemente, gramatical; mas ele jamais falaria ou escreveria “muito de gosto chocolate eu”, pois essa construção não existe na nossa língua, e isso o estudante já traz internalizado consigo.

Possenti (2012, p. 53-54) declara o seguinte:

[...] o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica. Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são suas regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais.

O exposto acima retrata muito bem uma realidade que ocorre nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Existem muitos alunos que dominam nomenclaturas e regras gramaticais, resolvem exercícios normalmente usando palavras, frases ou orações descontextualizadas, isto é, sem referência alguma a uma unidade maior como o texto, têm ótimo desempenho em avaliações de verificação sistemática de tais regras e nomenclaturas, mas, infelizmente, perdem-se completamente na hora de pôr tais regras em uso na produção de seus textos. Na verdade, a própria produção textual ocorre na escola sem que o estudante compreenda

¹ É importante esclarecer que as mudanças propostas conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995), em vigor desde 1º de janeiro de 2009, afetam exclusivamente a produção escrita.

a função social da escrita, ou seja, essa produção não está contextualizada com situações reais de uso, porém não é este o assunto de nossa pesquisa.

De modo geral, nossos estudantes ficam expostos a uma infinidade de regras gramaticais, mas não compreendem seus usos adequados em situações comunicativas, como a produção escrita de um artigo de opinião ou a elaboração de um cartaz convidando os pais a participarem mais das reuniões escolares – no último caso, a oportunidade de se usar os verbos no modo imperativo indicando uma sugestão ou um convite a tomar uma atitude seria uma aprendizagem significativa, enquanto, no primeiro, a utilização de marcadores argumentativos, conectivos, pronomes relativos e períodos compostos teriam muito mais lógica do que seu uso em frases “soltas”.

A respeito do trabalho com gramática no Ensino Fundamental, Franchi (1991, p. 20) afirma não ser relevante que o aluno entenda uma definição de substantivo ou de sujeito para poder identificá-los em frases ou até mesmo em textos, mas considera ser essencial “levar os alunos a operar sobre a linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas linguísticas disponíveis para suas mais diversas opções”. Em outras palavras, Franchi afirma que é necessário realizar um trabalho criativo sobre a gramática despertando a consciência no aluno acerca dos recursos expressivos que ele utiliza em seus textos escritos, permitindo-lhe, em um primeiro momento, que compreenda diferentes construções linguísticas para, em uma etapa posterior, entender diferentes conceitos e nomenclaturas comuns nas teorias gramaticais.

Entender as regras gramaticais é um processo pelo qual o aluno desenvolve seu raciocínio, e isso é importante ser explorado nas aulas de Língua Portuguesa. Por meio de diferentes tipos de textos, de vários gêneros textuais, o estudante pode refletir sobre o uso, por exemplo, dos tempos verbais (os pretéritos, caso de nossa pesquisa), da morfossintaxe, das figuras de linguagem, dos conectivos (conjunções, preposições, pronomes etc.), observando como os autores usam esses elementos em suas produções. Resolver listas de exercícios para fixação de regras gramaticais é uma atividade pouco produtiva, a não ser que haja uma razão para que o aluno possa aprender determinadas estruturas não muito comuns em seu uso cotidiano (talvez tal atividade estrutural seja muito mais coerente nas aulas de língua estrangeira, já que se trata de um código distinto da língua que o estudante já traz consigo).

É preciso ressaltar, ainda, a necessidade de respeitar a diversidade linguística que existe no uso real da língua. O ensino de gramática deve contemplar as diversas manifestações da língua no dia a dia. É evidente que a oralidade dispõe de recursos distintos da escrita, porém é necessário evitar discursos do tipo “escrever é mais complicado que falar”, “as pessoas usam uma língua para escrever e outra para falar”, e outros afins, pois acabam criando o mito de que “o português é o idioma mais difícil de se aprender no mundo”.

Em um país com grande extensão territorial como o nosso, o professor que recorre aos mais diferentes textos para ensinar a Língua Portuguesa contemplará manifestações linguísticas que variam do Oiapoque ao Chuí, de um estado para outro, de uma cidade para outra, de um bairro a outro, de um indivíduo a outro. Ou seja, o professor deve priorizar o trabalho com os mais diversos gêneros textuais que circulam na sociedade de modo a evidenciar aos seus alunos que a língua falada em todo o Brasil apresenta variações, mas é a mesma língua – a Língua Portuguesa –, com uma gramática² que estabelece seu funcionamento e suas peculiaridades.

Uma tirinha publicada em um jornal do Rio Grande do Sul servindo de instrumento de análise e reflexão linguística por um estudante que mora no Pará demonstra que o ensino de língua é muito mais rico ao se abordar o uso adequado do idioma, não somente de acordo com os grandes escritores da literatura, mas também conforme os mais diversos gêneros textuais e seus suportes existentes em toda a sociedade, propondo atividades de adequação linguística que muito sustentarão a formação de um indivíduo competente em sua expressividade oral ou escrita do PB. Para encerrarmos esse raciocínio, Bagno (2012, p. 31-32) declara o seguinte:

A educação em língua materna não é sinônima de um ensino exclusivo de uma única modalidade de emprego da língua, muito menos de uma modalidade obsoleta e anti-intuitiva. Educar em língua materna é permitir o acesso dos aprendizes ao maior número possível de modalidades faladas e escritas de sua língua, modalidades que só se realizam empiricamente, concretamente, na forma de gêneros textuais.

É no trabalho com os mais variados gêneros textuais – falados e escritos – que os aprendizes tomarão consciência da multiplicidade de usos possíveis da língua. Um folheto de cartomante distribuído na rua merece ser estudado e analisado em sua constituição textual: seu vocabulário, suas estratégias argumentativas, seus recursos morfosintáticos, tanto quanto um editorial de uma revista de grande circulação. É evidente que a literatura tem de se destacar na educação em língua materna, mas não para servir de “modelo a imitar”, e sim pelo que representa de fruição estética e de elemento constitutivo da cultura e da identidade de um indivíduo e da coletividade.

² Nessa situação, deve-se entender gramática como as regras de funcionamento da língua.

Passaremos a discorrer acerca de um recorte que estabeleceremos no desenvolvimento de nossa pesquisa sobre gramática, ensino e variação linguística, de acordo com o estabelecido pelos PCN, pelo Currículo do Estado de São Paulo e pelos materiais didáticos destinados aos anos finais do Ensino Fundamental: o uso dos pretéritos no PB em uma abordagem semântica e funcional.

1.2 Os Tempos do Pretérito do Modo Indicativo

Nesta subseção, contemplaremos as diferentes formas de pretérito no PB, levando em consideração a abordagem dada pelas gramáticas tradicionais e descritivas, pelos documentos oficiais que prescrevem os conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de Português (em especial, os PCN e o Currículo do Estado de São Paulo) e pelos estudos sociolinguísticos. Entretanto, iniciaremos com uma breve revisão do conceito de tempo verbal e de aspecto verbal, cujas peculiaridades são pouco (ou quase nunca) exploradas nos materiais destinados ao ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica.

1.2.1 Revendo o conceito de Tempo e Aspecto

Geralmente, os conteúdos relacionados aos verbos nos materiais didáticos destinados aos anos finais do Ensino Fundamental destacam a ideia de se tratar de uma classe gramatical que indica ação, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza e que se flexiona em tempo, modo, número, pessoa e voz. No que diz respeito à flexão verbal **tempo**, é preciso considerar que o conceito de **tempo gramatical** não condiz necessariamente à noção de **tempo natural** ou **cronológico** a que estamos habituados no nosso cotidiano. Para deixar um pouco mais clara tal distinção, podemos estabelecer um paralelo com a língua inglesa para entender que, para significar tempo cronológico, os anglófonos dizem *time*, ao passo que, para tempo verbal, utilizam o vocábulo *tense*. Barbosa (2008), partindo dos estudos de Benveniste (1989 [1974]), esclarece mais precisamente essas diferentes noções de tempo: há o **tempo físico** (a medida das coisas entre anterioridade e posterioridade, num “contínuo uniforme, infinito e linear, exterior ao homem”), o **tempo cronológico** (considerado o tempo dos acontecimentos, no qual se estabelecem situações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade, e que, associado ao

tempo físico, constitui o calendário, servindo de eixo referencial) e o **tempo linguístico** (baseado no tempo cronológico, porém não coincide totalmente com este, está ligado ao exercício da fala e sua definição e ordenação estão condicionadas a sua função no discurso).

Bagno (2012), referindo-se a Lyons (1968), expressa que a categoria de **tempo gramatical** está condicionada a relações temporais uma vez que são indicadas por contrastes sistemáticos, reconhecidos por gramáticos nos estudos das línguas grega e latina: o **passado**, o **presente** e o **futuro**. Entretanto, embora esses contrastes pareçam ser universais na linguagem humana, existem idiomas que destacam mais a categoria de **aspecto verbal** do que a de **tempo verbal**. Segundo Lyons (1968, *apud* BAGNO, 2012, p. 575), a categoria gramatical de tempo condiciona o momento da ação verbal ao momento da enunciação, o “agora”, e, assim, o tempo passa a ser uma categoria dêitica, propriedade da sentença e da enunciação.

Diante do exposto, é possível compreendermos que a flexão verbal de tempo, no PB, pode contrastar com as noções de tempo cronológico, quando, por exemplo, usamos o presente do indicativo expressando acontecimentos passados (incluindo o chamado presente histórico – “Cabral **chega** ao Brasil em 1500”), em notícias publicadas na imprensa após o ocorrido (“EUA **sofrem** maior ataque da história”) ou fatos que ainda ocorrerão em um futuro próximo (“amanhã eu **converso** com você”); ou a utilização do pretérito imperfeito indicando um desejo educado, muitas vezes condicionado a algo que vai acontecer (“eu **queria** que você buscasse os livros para eu ler”).

As abordagens semânticas listadas acima são muito pouco exploradas no ensino das formas verbais para alunos dos anos finais da Educação Básica. De fato, materiais didáticos têm recorrido a abordagens morfológicas quando é necessário explicar algum conceito de tempo e modo verbal, ignorando quase que completamente as noções de **aspecto verbal** essenciais para a compreensão de sentido de textos em seus mais diversos gêneros. O **aspecto verbal**, segundo Cunha e Cintra (2001), designa uma categoria gramatical voltada para o ponto de vista do falante ou interlocutor, que considera a ação como concluída (observada pelo seu término ou resultado) ou não concluída (nesse caso, observada pela sua duração ou repetição). Bechara (2015, p. 225) define **aspecto**, segundo Jakobson, como a “ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita)”. O autor ainda considera algumas subdivisões de **aspectos verbais**, como ações durativas, incoativas, terminativas, iterativas etc. Bagno (2012, p. 547) relaciona o **aspecto** ao modo

como o falante vê a situação, o estado de coisas anunciado como um evento unitário e concluído (“a ponte caiu”) ou como um evento em processo e inconcluso (“a ponte caía”). Também nos informa se a ação é repetitiva, habitual (“no tempo em que eu estava estudando no Recife...”), se está no começo, no meio ou no fim, entre outras coisas.

Castilho (1968, p. 14) conceitua **aspecto** baseando-se na “visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento”. Barbosa (2008), partindo de várias conceituações sobre **aspecto**, ressalta alguns pontos importantes: enquanto o **tempo**, como categoria dêitica, considera o processo de enunciação, o momento da fala, o **aspecto** não age como tal, constituindo-se uma categoria não dêitica, pois se refere à sua duração e à situação em si (constituição temporal interna); o **aspecto** apresenta noções de desenvolvimento (início, meio e fim) e complemento³ (completo ou incompleto) de uma determinada situação; os acontecimentos sob a ótica do **aspecto verbal** se dão dentro de um intervalo de tempo no qual ocorre um evento específico.

Costa (1990, p. 19) discorre que **aspecto** e **tempo** são categorias temporais “no sentido de que têm por base referencial o tempo físico”. Semanticamente essas categorias se distinguem considerando-se concepções de tempo interno (aspecto) e de tempo externo (tempo). Segundo a autora (p. 19-20)

As noções semânticas do âmbito do Tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, as noções de presente, passado e futuro e suas subdivisões. Já as noções semânticas do âmbito do Aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Podemos observar, portanto, que são noções que referem à maneira como o tempo decorrido dentro dos limites do fato é tratado. [...] Assim, enquanto a categoria de Tempo trata o fato enquanto ponto distribuído na linha de tempo, a categoria de Aspecto trata o fato como passível de conter frações de tempo que decorrem dentro dos seus limites.

A autora esquematiza uma proposta de conceituação para **aspecto verbal**, definindo-o como uma “categoria linguística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato” (p. 38). Segundo Costa, há o **aspecto perfectivo**, no qual o fato é visto de maneira global, sem marca de constituição interna, diferentemente do **aspecto imperfectivo**, que,

³ Aqui, **complemento** assume o sentido de **completude**, ou seja, qualidade, estado ou propriedade do que é completo, perfeito, acabado. Travaglia (1994) utilizou o termo **completamento** para definir a constituição temporal interna do verbo, podendo ser completa (perfectiva) ou incompleta (imperfectiva).

semanticamente, restringe-se a lexemas com traços mais durativos que indicam fatos em curso, em fase inicial, em fase intermediária, em fase final e em estado resultante de um processo (o chamado **imperfectivo resultativo**).

Castilho e Elias (2012) argumentam que o **aspecto verbal** é usado para expressar um ponto de vista a respeito do verbo: duração, não duração, repetição, resultado. Os autores explicam que, ao indicar duração, um verbo pode ter representado graus específicos de desenvolvimento dessa duração: se está no começo, no meio ou no fim. Assim, para os autores, o **aspecto verbal** representa fatos que duram (**aspecto imperfectivo** – “**estou lendo** um livro de autoajuda fantástico”), que começam e acabam (**aspecto perfectivo** – “autoajuda não **inclui** outra pessoa”, “eu **comprei**”) e que se repetem (**aspecto iterativo** – “você **vive escrevendo** livros, não se cansa?”). Como, segundo Castilho e Elias, o aspecto não dispõe, na Língua Portuguesa, de morfologia própria, o falante do idioma deve recorrer ao uso de formas nominais (como o gerúndio e o particípio) ou de advérbios ou expressões adverbiais para expressar as ideias de duração, de início e término e de repetição (“estudo **frequentemente** / **muitas vezes** o aspecto verbal”).

Em **Gramática de usos do Português**, Neves (2011) apresenta o conceito de **verbos aspectuais**. Segundo a autora, são os verbos formadores de perífrases ou locuções verbais, que indicam o início de um evento, **aspecto inceptivo** (desandar a chorar, começar a correr); o desenvolvimento de um evento, **aspecto cursivo** (estar falando, continuar lutando, ficar resmungando) – que, por sua vez, pode se desdobrar em outros aspectos, como o **habitual** (expressa hábitos: viver fazendo, andar lendo), o **progressivo** (indica progressão: estar evoluindo, ir crescendo, vir aprendendo); o término de um evento é expresso pelo **aspecto terminativo** ou **cessativo** (parar de falar, acabar de fazer, deixar de se ocupar); o resultado de um evento é indicado pelo **aspecto resultativo** (estar resolvido, ficar acertado); a repetição de um evento com ideia de frequência é demonstrada pelo **aspecto iterativo** ou **frequentativo** (“eu tenho saído”, “ele tem comprado”, “ela deu de teimar”, “ele costuma fazer”), mas essa repetição pode não ter nenhuma ideia de frequência e, de acordo com Neves, pode ser representada por perífrases como “voltar a falar”, “tornar a entrar”; a autora também apresenta alguns verbos aspectuais que indicam consecução (chegar a terminar), intensificação (cansar de fazer algo) e aquisição de estado (vir a saber).

Pretendemos, com a realização de nossa pesquisa, enfatizar a necessidade de um trabalho linguístico no ensino de Português que contemple os tempos verbais em uma abordagem semântica e funcional, de forma que os alunos consigam reconhecer os efeitos de sentido que determinadas construções verbais apresentam, sem a necessidade mecânica de realizar paradigmas de conjugação que nada acrescentam à aprendizagem. Explorar as categorias de tempo e modo verbal (BAGNO, 2012; CASTILHO, 2014) associadas à categoria de aspecto (COSTA, 1990; BAGNO, 2012; CASTILHO e ELIAS, 2012) é um bom passo para fazer com que os estudantes compreendam a funcionalidade dos verbos em diversos gêneros textuais. Trataremos em nossa pesquisa os tempos do pretérito no modo indicativo considerando não somente sua abordagem morfológica, mas, principalmente, suas características semânticas e funcionais.

1.2.2 Os tempos do pretérito do modo indicativo: perspectiva das gramáticas

Conforme já mencionado nesta pesquisa (cf. p. 29), o tempo verbal é uma categoria dêitica, uma vez que ele está diretamente relacionado ao momento da enunciação, da fala, o “agora”, e se estabelece por relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade. Quando queremos nos referir a eventos ou acontecimentos ocorridos anteriormente ao momento da enunciação, o tempo mais adequado para se utilizar é o passado, também conhecido como pretérito. De acordo com as gramáticas normativas e, conseqüentemente, os materiais didáticos destinados ao ensino de Português na Educação Básica, as ações registradas em um passado definido e concluído devem ser expressas pelo pretérito perfeito do modo indicativo; quando uma ação passada foi concluída antes de uma outra ação também concluída, é conveniente se usar o pretérito mais-que-perfeito; quando um determinado acontecimento passado referir-se ao seu desenvolvimento, sem a necessidade de estabelecer sua conclusão, é comum utilizarmos o pretérito imperfeito.

Cunha e Cintra (2001) afirmam que o pretérito imperfeito designa um fato passado, porém não concluído, encerrando uma ideia de continuidade da duração do processo verbal (“O frio **ia aumentando** e o vento **despenteava** o cabelo de ambos”). Segundo os autores, o pretérito perfeito, em sua forma simples, indica um acontecimento de certo momento do passado, descrito como tal conforme a perspectiva de um “observador situado no presente e que o considera do

presente” (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 454), ou seja, uma ação completamente concluída que se afasta do momento da enunciação (“**Jantei** com um apetite devorador e **dormi** como um anjo”); em sua forma composta, o pretérito perfeito expressa um fato repetido ou contínuo, com aproximação ao momento da fala (“**Tenho lutado** contra a adversidade e **tenho compreendido** os homens”).

Tomando como referência algumas noções de aspecto verbal, Cunha e Cintra declaram que o pretérito imperfeito se vale de fatos habituais, exprime ações durativas, não as limitam no tempo, enquanto o pretérito perfeito indica ações não habituais, momentâneas, definidas no tempo. Os autores esclarecem que o pretérito mais-que-perfeito exprime ações ocorridas antes de outras ações no passado (“**Casara, tivera** filhos, mas nada disso o **tocara** por dentro”; “Samuel aproximou-se para avisar que o táxi **tinha chegado**”). É importante ressaltar que, nos exemplos apresentados, Cunha e Cintra utilizam também a forma composta do pretérito mais-que-perfeito, muito mais usual no PB contemporâneo que a forma simples (“**tinha chegado**” no lugar de “**chegara**”). Os autores destacam a utilização do imperfeito e do mais-que-perfeito em situações em que, normalmente, se utilizam o futuro do pretérito (“Um pouco mais de sol – e **fora** [= **teria sido**] brasa...”) e o imperfeito do subjuntivo “Quem me **dera** [= **desse**]!”), respectivamente.

Bechara (2015) destaca a utilização do imperfeito para transportar o falante mentalmente a uma época passada e descrever o que, então, era considerado presente. O autor explica que o pretérito imperfeito também é usado para expressar um pedido feito com modéstia (“Sr. Manuel, eu **desejava** telefonar”) ou, na conversação, uma forma de substituir o condicional, ou futuro do pretérito (“se eu fosse você eu **levava** o trabalho para o professor”). Citando Said Ali (1931), Bechara estabelece que o pretérito perfeito “fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado” (p. 103, *apud* BECHARA, 2015, p. 292). A forma composta indica uma repetição ou prolongação da ação até o momento da enunciação, como também pode expressar um fato consumado, como o habitual “tenho dito” comum nos finais de discursos. Já o pretérito mais-que-perfeito, tanto o simples quanto o composto, exprime ações concluídas anteriores a outras também já concluídas.

Castilho (1968) destaca que a categoria tempo situa o processo com base em três pontos de referência: o falante, o momento de desenvolvimento do processo (em que o falante está situado idealmente, deslocando o pensamento para o passado ou para o futuro) e o momento em que outro processo se desenvolve. Para o autor,

O desvio do ponto de referência faz oscilar todo o sistema – nada mais abstrato que a noção de tempo – e temos assim os tempos absolutos (primeira hipótese: presente, passado, futuro), os tempos relativos (segunda hipótese: imperfeito, mais-que-perfeito, futuro e perfeito do subjuntivo, futuro perfeito) e os tempos históricos (terceira hipótese), em que o sujeito se inclui na história, assumindo o papel de *dramatis persona* (“Napoleão desembainha a espada”) ou então adotando um tom profético de quem não duvida da veracidade de suas palavras (“Esta foi a decisão que mudará o curso da história”). (CASTILHO, 1968, p. 16)

Podemos inferir que Castilho considera o pretérito perfeito como um tempo absoluto por ter um aspecto perfectivo (totalmente concluído), ao passo que o imperfeito e o mais-que-perfeito são tempos relativos pelo fato de o primeiro assumir aspecto imperfectivo (não concluído) e o segundo estar condicionado a um evento concluído posteriormente à sua ocorrência.

Em sua **Nova Gramática do Português Brasileiro**, Castilho (2014) discorre sobre os tempos do passado explorando características que vão além do conceito de tempo anterior ao ato da fala. Para o pretérito perfeito simples, o autor o exprime como um passado real, indicando anterioridade, sob os aspectos durativo e pontual (“**andou** um pouco e **caiu** logo em seguida”) e iterativo (“**perdi** sempre no jogo do bicho⁴”). Também indica tratar-se de um passado metafórico, que substitui o imperfeito (“quando trabalhei lá eu o **vi** diariamente”) ou o futuro do presente, no caso de construções condicionais (“bateu em meu filho, **morreu!**”), e de um passado atemporal, ora aorístico⁵ (“quem **morreu, morreu**”), ora como marcador discursivo (“faça isso ainda hoje, **viu?**”). Quanto ao pretérito perfeito composto, o autor destaca tanto o uso real, sob os aspectos durativo (“**tem andado** muito alegre, é uma tonta”) e iterativo (“**tenho perdido** muitos amigos por causa desse meu gênio”), quanto o uso metafórico, em que poderia ser substituído pelo perfeito simples, nas finalizações de discursos (“**tenho chegado** ao final de minhas considerações”), ou pelo mais-que-perfeito do indicativo, em frases condicionais complexas (“se eu **tenho sabido** disto a tempo, não vinha a essa reunião”)⁶.

⁴ De fato, a iteratividade é expressa pela utilização do advérbio **sempre**, acompanhado do pretérito perfeito do indicativo do verbo perder.

⁵ O adjetivo **aorístico** deriva-se de **aoristo**, que, segundo o **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, é a “forma aspecto-temporal do verbo grego antigo, que expressava a ação pura, sem determinação quanto à duração do processo ou ação ou ao seu acabamento; podia indicar: a) ação pontual (**morreu**); b) fato passado, anterior a outro tb. passado (corresponde ao mais-que-perfeito em português); c) início de uma ação, no passado (**começou** a rir); d) ação terminada, com resultado (**cruzou** o estreito); e) fato aceito como verdadeiro, porque comprovado pela experiência geral” Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=aoristo>> Acesso em: 18. jul. 2016.

⁶ Exemplos apresentados por Castilho (2014).

Em relação ao pretérito imperfeito do modo indicativo, Castilho ressalta, além do uso real indicando anterioridade não pontual (“quando cheguei, ela **olhava** pelo buraco da fechadura”), o uso metafórico, expressando polidez (“**queria** que vocês aceitassem minha proposta”) ou substituindo o imperfeito do subjuntivo (“se eu **percebia** que o carro ia resvalando para o buraco, tinha saltado muito antes”), entre outros usos. Quanto ao pretérito mais-que-perfeito simples ou composto, o autor apresenta seu valor metafórico expressando atenuação, no lugar do perfeito (“eu **tinha vindo** para te lembrar daquela dívida”), ou em frases optativas cristalizadas na fala (“**tomara/quisera** eu ter ganhado esse prêmio”/“quem me **dera** ser rico!”). No modo subjuntivo, é importante destacar os usos que o autor apresenta do pretérito perfeito composto metafórico, ora substituindo o futuro do presente composto do indicativo (“talvez no próximo sábado ele já **tenha acabado** tudo”) ou o próprio imperfeito do subjuntivo (“não é possível que **tenha vindo** em tão curto espaço de tempo”).

Perini (2010) afirma que a expressão do passado no PB é muito complexa em termos de análise gramatical, porém, para o falante nativo, as diferenças entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito são muito claras. O autor afirma que “o perfeito focaliza os limites temporais da situação descrita”, ao passo que o imperfeito “indica um evento ou estado habitual, ou uma qualidade considerada como válida para um período extenso no passado” (p. 227-228). Perini também ressalta o uso do imperfeito como cenário ou pano de fundo para outros eventos que, normalmente, vêm no perfeito. O autor deixa claro que “o uso do imperfeito normalmente levanta a expectativa de que outro evento também será mencionado; esse segundo evento se expressa no perfeito, e é temporalmente contido no período delimitado pelo imperfeito” (p. 230). O autor dá como exemplo o período “meu pai **trabalhava** na alfândega quando **aconteceu** o escândalo”.

Perini também afirma que o imperfeito expressa um processo não acabado e costuma indicar eventos contínuos, diferentemente do que ocorre com o pretérito perfeito. Quanto aos tempos compostos no passado, o autor esclarece o uso do verbo **ter**, no presente do indicativo, mais o particípio do verbo principal para indicar um acontecimento iniciado no passado e que continua ininterruptamente no presente (“**tem chovido** horrores nos últimos dias”, “essa menina **tem estudado** demais”). Além desse uso, Perini alerta que o pretérito mais-que-perfeito composto, indicador de um fato no passado ocorrido antes de outro fato também no passado, é comumente usado no PB em detrimento à sua forma simples, considerada praticamente arcaica para os padrões linguísticos atuais (“o candidato declarou que **tinha lido** todos os livros do

programa”). O autor menciona o uso das formas progressivas no passado (o verbo **estar** mais o gerúndio do verbo principal) expressando eventos em andamento (“alguns meninos **estavam fazendo** barulho lá fora”, “eu **estive trabalhando** no meu projeto durante uma semana”).

Para Bagno (2012), o uso dos pretéritos no PB apresenta muitos valores aspectuais que não constam dos compêndios gramaticais que servem de base para a elaboração de muitos materiais didáticos para o ensino de Língua Portuguesa. O linguista destaca o caráter perfectivo do pretérito perfeito simples, apresentando casos que, na expressão comum, os falantes brasileiros substituem o imperfeito do indicativo (de caráter imperfectivo), como em “a casa que eu **morei** quando era menina...”, ou o futuro composto do subjuntivo, como em “quem **deixou** de entregar a declaração de Imposto de Renda do ano passado, já está com o CPF suspenso”. O autor ainda afirma que o pretérito imperfeito do indicativo também se presta a usos do tipo como nos versos “se essa rua, se essa rua fosse minha, eu **mandava**, eu **mandava** ladrilhar”, em que o imperfectivo **mandava** substitui o condicional expresso pelo futuro do pretérito **mandaria**.

Quanto ainda ao uso do imperfeito, Bagno alerta para a utilização habitual, pelos brasileiros, dos verbos **querer** e **preferir**, dificilmente usados no futuro do pretérito para expressar pedidos ou desejos de forma polida, atenuada: “eu **queria (quereria)** te pedir um favor” e “eu **preferia (preferiria)** deixar essa questão de lado”. O autor também faz menção ao uso do imperfeito na fala das crianças para exprimir mundos imaginários e designar papéis a serem desempenhados em jogos ou brincadeiras, mesmo com referência ao tempo atual, como registrado, poeticamente, por Chico Buarque e Sivuca na canção “João e Maria”: “Agora eu **era** o herói / e o meu cavalo só **falava** inglês...”. Bagno discorre que o pretérito mais-que-perfeito, na sua forma simples, não chega a ser comumente utilizado pelos falantes brasileiros, dando lugar à sua forma composta (o imperfeito do verbo **ter** ou, raramente, do verbo **haver**, mais o particípio do verbo principal), mas destaca o fato de a forma simples estar presente nos textos literários ou sob a forma de expressões optativas, como em “**pudera**”, “**tomara**”, “**quisera**”, “quem **dera**” etc.

As perspectivas acima discutidas acerca dos pretéritos do indicativo, em especial as de Bagno, merecem atenção no ensino a alunos de 6º e 7º anos da Educação Básica, em especial por meio de atividades epilinguísticas que tenham como referência textos de diferentes gêneros. O importante é que o estudante compreenda quando se deve usar adequadamente o perfeito, o imperfeito e o mais-que-perfeito (composto) para expressar o passado ao produzir relatos de

experiência, (auto)biografias, narrativas, depoimentos, notícias, reportagens etc., além de auxiliá-lo na compreensão leitora desses textos.

Em relação ao uso adequado das formas de pretérito do modo indicativo nas produções textuais, Kleiman (2013) afirma que, na construção de uma narrativa, o uso do pretérito imperfeito do indicativo, para descrever o cenário e apresentar a situação inicial dos acontecimentos, e o do pretérito perfeito do indicativo, para indicar o início do conflito e seus desdobramentos, marcam a superestrutura ou a estrutura abstrata do texto, estabelecendo um excelente recurso de coesão e coerência textuais.

1.2.3 Os tempos do pretérito do modo indicativo: perspectiva dos PCN e do Currículo do Estado de São Paulo

De acordo com os **PCN** (1998), nos anos finais do Ensino Fundamental, as aulas de Língua Portuguesa devem ter o texto como foco de instrumento de aprendizagem, e atividades epilinguísticas são necessárias para o trabalho de observação, descrição e categorização dos fenômenos linguísticos correntes nas práticas discursivas. Essa reflexão sobre o uso da língua possibilita o desenvolvimento do raciocínio do indivíduo, já que este já tem consigo uma gramática interiorizada – afinal, ele é falante competente do idioma – e é capaz de formular explicações e conceitos para determinada manifestação linguística.

O documento alerta para o cuidado com o trabalho gramatical no que diz respeito ao excesso de nomenclaturas, muitas delas incompreensíveis para os alunos. Faz mais sentido para o aluno a internalização dos mecanismos de coesão e coerência em suas produções textuais do que ter de memorizar conjunções e os tipos de orações coordenadas e subordinadas. Ressalta, também, para um profícuo trabalho com variação linguística, para que o estudante consiga compreender aspectos de adequação da linguagem com as produções que venha a realizar, deixando de lado noções de “certo” e “errado” para entender o que é linguisticamente adequado ou não nos textos que porventura vier a ler ou a escrever. Não há nenhuma perspectiva específica nos PCN acerca do ensino dos tempos verbais, com destaque para os pretéritos, mas podemos subentender que a aprendizagem do perfeito, do imperfeito e do mais-que-perfeito deve ser significativa, coerente com a expressão que o aluno já traz consigo para a escola, contextualizada (aqui podemos pensar em reflexão do uso da língua e em gramática textual) e que contemple os

efeitos de sentido que as expressões verbais apresentam para relatar eventos situados num momento anterior ao discurso.

Pensando numa educação à altura dos desafios contemporâneos, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP) implantou, em 2008, em suas unidades de ensino, o **Currículo do Estado de São Paulo**, de modo a garantir que toda a rede desenvolva os conteúdos mínimos necessários, associados a competências e habilidades, para promover uma aprendizagem mais efetiva dos estudantes que frequentam as escolas estaduais. Segundo o documento em questão (SÃO PAULO, 2012, p.15),

Uma das razões para se optar por uma educação centrada em competências diz respeito à democratização da escola. Com a universalização do Ensino Fundamental, a educação incorpora toda a heterogeneidade que caracteriza o povo brasileiro; nesse contexto, para ser democrática, a escola tem de ser igualmente acessível a todos, diversa no tratamento a cada um e unitária nos resultados.

Optou-se por construir a unidade com ênfase no que é indispensável que todos tenham aprendido ao final do processo, considerando-se a diversidade. Todos têm direito de construir, ao longo de sua escolaridade, um conjunto básico de competências, definido pela lei. Esse é o direito básico, mas a escola deverá ser tão diversa quanto são os pontos de partida das crianças que recebe. Assim, será possível garantir igualdade de oportunidades, diversidade de tratamento e unidade de resultados. Quando os pontos de partida são diferentes, é preciso tratar diferentemente os desiguais para garantir a todos uma base comum.

Em termos de aprendizagem dos conteúdos gramaticais, o Currículo alerta para o seguinte (SÃO PAULO, 2012, p. 17):

O desenvolvimento da competência linguística do aluno (...) não está pautado na exclusividade do domínio técnico de uso da língua legitimada pela norma-padrão, mas, principalmente, no domínio da competência performativa: o saber usar a língua em situações subjetivas ou objetivas que exijam graus de distanciamento e de reflexão sobre contextos e estatutos de interlocutores, ou seja, a competência comunicativa vista pelo prisma da referência do valor social e simbólico da atividade linguística, no âmbito dos inúmeros discursos concorrentes.

A utilização dessa variedade dá-se por meio de um exercício prático em situações de simulação escolar. A competência performativa exige mais do que uma atitude de reprodução de valores.

O Currículo do Estado de São Paulo, que estabelece os conteúdos mínimos a serem desenvolvidos nos anos finais do Ensino Fundamental e em todo o Ensino Médio, toma como referência as competências formuladas em 1998 para a realização do Exame Nacional do Ensino

Médio, o Enem. Para fundamentar o trabalho com leitura e escrita em todas as áreas do conhecimento – não se restringindo apenas às aulas de Língua Portuguesa – e o domínio de linguagens, o documento do Estado de São Paulo ressalta a primeira competência do Enem articulada aos princípios propostos pela SEE-SP (SÃO PAULO, 2012, p. 21):

“Dominar a norma-padrão da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica.” A constituição da competência de leitura e escrita é também o domínio das normas e dos códigos que tornam as linguagens instrumentos eficientes de registro e expressão que podem ser compartilhados. Ler e escrever, hoje, são competências fundamentais para qualquer disciplina ou profissão. Ler, entre outras coisas, é interpretar (atribuir sentido ou significado), e escrever, igualmente, é assumir uma autoria individual ou coletiva (tornar-se responsável por uma ação e suas consequências).

Quanto ao ensino de Língua Portuguesa, o Currículo estabelece que esse componente pode centrar-se nas regras de produção de frases para se chegar aos enunciados concretos, bem como nos enunciados de circulação cotidiana que possuem regras peculiares que garantem a comunicação. Entretanto, o documento, ao mencionar tais regras, não está necessariamente se referindo às regras gramaticais. Com a preocupação de que “o aluno não se sinta um estrangeiro ao se utilizar de sua própria língua” (SÃO PAULO, 2012, p. 32), o Currículo do Estado de São Paulo propõe que o centro da aula de Língua Portuguesa seja o texto em seus mais variados gêneros, e o estudo da língua (como sinônimo de estudo das normas que regem essa língua) deve ser uma atividade social, um espaço de interação entre os indivíduos em um contexto específico de comunicação, compreendendo a enunciação como eixo central do sistema linguístico. Os estudos dos aspectos gramaticais, de acordo com o documento, têm momentos de sistematização, em especial para os temas da norma culta que expressem contraste com a variação linguística do aluno. Além disso, os conteúdos gramaticais estão associados aos gêneros textuais presentes nas situações de aprendizagem contidas nos materiais de apoio do Currículo: **Caderno do Aluno** e **Caderno do Professor** (doravante **CA** e **CP**, respectivamente), popularmente conhecidos na rede estadual como “apostilas”.

Nos cadernos dos sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental, a referência principal dos conteúdos de Língua Portuguesa consiste nas tipologias narrar e relatar, com diferentes gêneros textuais selecionados para o desenvolvimento das atividades. No 6º ano, os estudos de língua priorizam, entre diversos conteúdos, a noção de tempo verbal, verbos regulares, tempos e modos verbais e locuções verbais. No 7º ano, os estudos linguísticos continuam priorizando os

tempos e os modos verbais, porém, nas primeiras unidades, há um destaque dado ao uso dos pretéritos nos gêneros relato de experiência, autobiografia, crônica narrativa, notícia de jornal, entre outros gêneros, de modo que o estudante reflita sobre a utilização de tais tempos verbais nesses textos e se aproprie dos pretéritos para a construção de seus próprios relatos, narrativas ou notícias. Há um exercício com o uso de advérbios e de locuções adverbiais para a melhor compreensão dos pretéritos, porém a atividade logo é finalizada indicando que o professor fará uma seleção de exercícios do livro didático adotado para que o aluno assimile melhor os diferentes usos do passado no português (mais exemplos e esclarecimentos nas p. 48-58 deste trabalho).

Infelizmente, o material de apoio do Currículo deixa de efetivar uma atividade mais significativa e reflexiva sobre verbos no PB, em especial os pretéritos. Por essa razão, desenvolvemos nossa pesquisa acerca do passado verbal e propusemos atividades complementares que possibilitem ao aluno uma melhor compreensão sobre os diferentes tipos de pretérito de nossa língua, indo além das categorias tempo e modo, abordando também seus aspectos imperfeito, perfectivo e iterativo.

1.2.4 Os tempos do pretérito do modo indicativo: perspectiva dos estudos sociolinguísticos

Nossa pesquisa também está fundamentada nas contribuições de acadêmicos que estudam a língua e o ensino gramatical dos tempos verbais, em especial os pretéritos, recorrendo à categoria do aspecto verbal, normalmente deixada de lado nas gramáticas escolares e nos materiais didáticos. Os pontos de vista sociolinguísticos apresentam particular colaboração na análise dos tempos do pretérito no PB, na verificação de como esses tempos são abordados na Educação Básica, se estão inseridos em um contexto que privilegie o trabalho com os gêneros textuais, e na proposição de atividades complementares que favoreçam o trabalho docente nos anos finais do Ensino Fundamental, além de tornar mais significativa, para o aluno, a aprendizagem desse conteúdo linguístico.

Vargas (2010) propõe uma questão a fim de se discutir a melhor maneira para o aluno compreender as categorias de tempo e de aspecto verbais como fatores essenciais na construção de sentido do texto. A pesquisadora discorre que o ensino do verbo deve ser tratado como um mecanismo essencial da língua, de modo a permitir ao indivíduo – no caso, o aluno – a expressão

de certezas, desejos, emoções, contribuindo para que o falante desenvolva sua competência linguística e consiga entender como usar esse mecanismo para criar sentido em suas produções.

Ao se trabalhar os textos narrativos, é necessário chamar a atenção dos alunos para a comparação de diferentes formas verbais para que percebam os sentidos que elas expressam, muito além das categorias de tempo, modo, pessoa, número e voz. Normalmente, o uso do pretérito perfeito, de aspecto perfectivo, que começa e acaba, situa as ações em um passado distante, ao passo que o pretérito imperfeito, de aspecto imperfectivo, que dura, apresenta fatos ocorridos no passado narrativo, mas não é importante saber quando tais fatos acabam ou se acabam. Na narração, o efeito provocado é o de prolongamento das ações, de modo a fazer o leitor compreendê-las como se estivessem acontecendo no momento em que lê a narrativa.

Vargas não descarta a possibilidade de se ensinar a classificação das formas verbais e seus tempos e modos, mas defende que isso seja feito posteriormente; em primeiro lugar, é fundamental que os alunos compreendam o uso dos verbos no texto e reconheçam seus efeitos de sentido para formulação de hipóteses a respeito das intenções de quem produziu tal texto. Vargas destaca que é necessário promover uma prática em que o aluno reflita diante de textos em seus mais variados gêneros, com a mediação do professor, produzindo um conhecimento gramatical significativo. Esse trabalho de reflexão deve ser integrado à leitura e à interpretação de textos, pois, de acordo com os PCN, são atividades necessárias aos estudos gramaticais que garantem um processo de ação-reflexão-ação no entendimento de aspectos morfológicos, sintáticos e semântico-pragmáticos.

Existem duas formas de expressão do aspecto imperfectivo no PB, segundo Mendonça e Freitag (2013): o pretérito imperfeito simples do modo indicativo e a perífrase de gerúndio (composta pelo imperfeito do verbo **estar** mais o verbo principal no gerúndio). Ambas as formas expressam um acontecimento em desenvolvimento em um ponto no passado, ou seja, indicam que um fato se desenvolvia enquanto outro ocorria (“eu **assistia** / **estava assistindo** à TV enquanto minha irmã **estudava** / **estava estudando**”), ou simplesmente um fato em andamento quando outro tinha se realizado (“eu **tomava** / **estava tomando** banho quando o telefone tocou”⁷). As autoras discorrem sobre o fato de os materiais didáticos e as gramáticas tradicionais

⁷ Exemplos livremente adaptados de materiais didáticos de Inglês em relação ao ensino das formas de passado *simple past* (quando se expressa uma ação concluída em um passado definido) e *past continuous* (quando uma determinada ação no passado estava em desenvolvimento no momento do desenvolvimento de outra, também no passado, ou quando tal ação em desenvolvimento era interrompida por outra).

não destacarem esse aspecto verbal, pois tal aspecto é muito útil para a seleção de formas verbais a serem utilizadas na produção de textos escritos, tais como as narrativas. Para as autoras, a escolha desses imperfectivos garantem diferentes efeitos de sentido nos textos, principalmente se utilizados conjugados com os perfectivos, que normalmente focam nos resultados e na resolução de conflitos da narrativa.

Os PCN propõem que o ensino de Língua Portuguesa contemple a reflexão de elementos linguísticos de forma que os alunos construam sua cidadania por meio da leitura e da escrita e se tornem competentes no uso e na compreensão da língua. O trabalho com a linguagem deve privilegiar tal reflexão para que o estudante saiba fazer escolhas e adequar vocabulário e estruturas gramaticais de acordo com as situações de uso. Porém, o ensino de gramática na Educação Básica ainda é preso a muitos conceitos e nomenclaturas, e atividades epilinguísticas quase não são sugeridas pelos materiais didáticos.

Mendonça e Freitag (2013) acreditam que, para formar alunos competentes nesse uso e compreensão do idioma, seja necessário desenvolver estratégias pedagógicas nas quais a gramática seja um meio (e não um fim) para se entender, organizar e estruturar textos. No que diz respeito aos conceitos e às nomenclaturas, é raro os materiais didáticos explorarem o caráter habitual que os verbos no imperfectivo expressam para indicar o aspecto iterativo no passado, assim como ocorre no presente do indicativo: normalmente, os livros didáticos apresentam o tempo verbal presente como indicador de “fato ou estado **habitual, frequente**”, segundo Borgatto, Bertin e Marchezi (2012, p. 153); por outro lado, essas mesmas autoras expressam que o pretérito imperfeito do indicativo “expressa um fato ou uma ação que era **habitual** ou **costumava acontecer** no passado; também pode indicar que é uma ação que teve **continuidade** no passado” (2012, p. 119).

Concordando com Mendonça e Freitag, um ensino mais produtivo deveria abordar essas características semânticas dos pretéritos no português. Não deveria insistir apenas na abordagem morfológica (não morfossintática) de conjugação verbal, principalmente de tempos quase nunca usados pelos falantes brasileiros, como o mais-que-perfeito simples do indicativo, e de pessoas verbais que só aparecem em textos bíblicos, religiosos, literários clássicos ou eruditos, como a segunda do plural (vós). Nesse cenário atual, é imperativo, segundo as autoras, integrar atividades de gramática com produção de textos em uma abordagem semântico-discursiva e que priorize os aspectos verbais. Não se podem mais deixar de lado construções verbais usuais no dia a dia,

como a perífrase de gerúndio, seja no pretérito imperfeito ou no presente, pois, realmente, elas garantem o aspecto iterativo, progressivo das ações.

Freitag e Damaceno (2015, p. 13) afirmam que o estudo dos verbos deve ser mais produtivo na escola, levando em consideração as competências sociocomunicativas em língua materna. As autoras esclarecem ser necessário estudar o sistema verbal do Português de modo descritivo, pois “em todas as línguas há verbos, e em todas as línguas os valores de tempo, aspecto e modalidade são expressos em torno dos verbos; são valores universais (...)”. Segundo as autoras, o ensino tradicional dos verbos gira em torno do paradigma verbal em função dos tempos – no caso do passado, existem o pretérito perfeito (simples e composto), o imperfeito, o mais-que-perfeito (simples e composto) e o futuro do pretérito. Entretanto, é preciso ir além das características morfológicas desses tempos verbais: a utilização mais frequente do pretérito mais-que-perfeito composto no PB, a regularização da expressão de passado através da perífrase de gerúndio (imperfeito de “estar” mais o gerúndio do verbo principal) e a alternância do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do modo indicativo são exemplos decorrentes de sequências discursivas, cujos valores necessitam ser analisados e ensinados, não devendo restringir apenas às declinações morfológicas, tão comuns no ensino de verbos na escola, nos materiais didáticos da Educação Básica e nas gramáticas tradicionais. Freitag e Damaceno (2015, p. 16) esclarecem que, para que haja um ensino produtivo, é necessário levar em conta que os verbos

estão associados à expressão de tempo, aspecto e modalidade: a noção de tempo está associada à ordenação externa dos eventos; aspecto, à ordenação interna dos eventos; e modalidade, às atitudes sobre os eventos. A expressão destes valores não é associada a uma forma morfológica específica: tome-se a categoria modalidade, que recobre valores deônticos (necessidade, obrigação, desejo) e epistêmicos (crença, julgamento, negação); diferentes estratégias gramaticais são requisitadas para codificar estes valores na língua, como modos verbais, verbos modais e verbos de modalidade. Mas, mais importante que saber qual é a forma gramatical, é identificar o valor associado ao contexto.

Rocha e Martins (2014) declaram ser importante o aluno conhecer as partes significativas do verbo, ou seja, os morfemas constituintes das formas verbais, porém destacam que o trabalho com os verbos não pode ocorrer de forma isolada. De acordo com as autoras, o verbo constrói uma rede de significados com as demais palavras do enunciado ou do texto, e, por isso, é importante que o aluno perceba tal relação. Em outras palavras, a escolha por uma determinada forma verbal – conforme o modo, tempo ou pessoa – só tem sentido se forem levadas em

consideração as outras partes (palavras) do enunciado. Somente dessa forma é que o aluno poderá ampliar sua competência comunicativa em Língua Portuguesa no nível formal. Para as autoras, é interessante

o aluno ter conhecimento das designações dos tempos e reconhecer suas diferenças para selecionar adequadamente modo e tempo verbais a ser empregados nas sentenças da língua falada e escrita. Mas isso não implica dizer que o aluno tenha que memorizar os agrupamentos verbais. Reconhecer esses aspectos morfológicos da língua serve para desenvolver a competência metalinguística do falante e ampliar a reflexão sobre o objeto de estudo. No entanto, isso só será significativo se também servir para ampliar a competência comunicativa, o que é possível se considerarmos as práticas de ensino realizadas em um contexto de uso da língua, as quais deverão favorecer o letramento tanto em situações de fala, como em atividades de leitura e escrita da língua em situações mais monitoradas. (ROCHA, MARTINS, 2014, p. 186)

Portanto, o ensino dos verbos não pode ficar restrito apenas às suas características morfológicas; é preciso que o estudante reconheça os sentidos de determinadas flexões verbais e possa usá-las de modo significativo nas suas produções textuais, escritas ou orais, estabelecendo uma firme associação de tempo, aspecto e modalidade com as demais palavras do enunciado.

As autoras ressaltam a variação existente entre a conjugação verbal ensinada pelas gramáticas normativas e a que de fato ocorre no uso amplo do Português falado no Brasil, em que há uma tendência de apenas a primeira pessoa do singular ser flexionada, ao passo que as demais mantêm a mesma terceira pessoa do singular. Rocha e Martins (2014) alertam para que haja um ensino de língua que garanta o direito de aprendizagem da língua padrão – incluindo a conjugação normativa dos verbos – a camadas menos favorecidas da sociedade, porém sem discriminações ou reforço de desigualdades sociais. Não se trata de taxar de “errada” a expressão verbal, ou especificamente a conjugação dos verbos, que o aluno traz consigo, mas garantir a esse mesmo aluno um ensino de uma norma considerada de “prestígio” para que ele possa utilizá-la em contextos formais e mais monitorados de comunicação. É uma forma de proposição de um “bidialetalismo não para sua adaptação, mas para a transformação de suas condições de marginalidade” (SOARES, 1991, p. 78).

É necessário, segundo Rocha e Martins (2014), ensinar o aluno a perceber que o verbo é um elemento importante e essencial para a construção significativa dos enunciados. Elas sugerem que sejam ensinados os valores semânticos dos verbos por meio de vários enunciados que circulam na sociedade, contemplando diversos gêneros textuais que extrapolam o limite escolar,

tais como capas de revistas, folhetos, anúncios publicitários, *banners*, notícias, manchetes de jornal, letras de música e outros tantos que pertençam à realidade cotidiana dos estudantes. Certamente nesses gêneros textuais serão encontradas formas verbais que contemplem as noções de aspecto e de modalidade, raramente ensinadas nas aulas de Língua Portuguesa, porém constantes na expressão diária escrita ou oral do aluno, de seus professores e de diferentes pessoas de seu convívio.

As autoras dão outras sugestões de ensino significativo dos verbos, por meio de práticas de oralidade, como a elaboração de entrevistas, atividade em que os alunos poderiam gravar os depoimentos dos entrevistados e analisar, com a colaboração do professor, a utilização da linguagem em contextos mais ou menos monitorados, e, dessa maneira, perceberiam que o perfil sociolinguístico do falante pode interferir no uso dos verbos.

Podemos concluir que os estudos sociolinguísticos vêm colaborar para que o ensino dos tempos verbais seja realizado com função social. Esses estudos não pretendem substituir materiais didáticos ou desprezar os aspectos morfológicos que, de fato, são importantes para a aprendizagem (as desinências, as flexões, número e pessoa, os paradigmas de conjugação, tudo isso não pode ser ignorado). Por outro lado, noções semânticas, como de aspecto verbal (perfectivo, imperfectivo, iterativo – tão comuns nos diferentes tipos de pretérito do modo indicativo) e de modalidade verbal (obrigação, necessidade, permissão, possibilidade), são fundamentais para que o estudante compreenda a importância da aprendizagem de uma categoria gramatical como o verbo.

Segundo Bagno (2012, p. 508), o verbo é o núcleo de enunciados significativos, “a tal ponto que a própria definição de sentença (ou oração) é dependente de verbos: contamos o número de sentenças num período pelo número de verbos que ele apresenta”. Não é à toa que chamamos de “linguagem verbal” aquela que faz uso da palavra, seja esta falada ou escrita.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, para atingirmos nossos objetivos, realizamos uma revisão sobre o ensino dos pretéritos do modo indicativo no PB, tanto nos materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo quanto nos livros didáticos. Além disso, fizemos uma revisão teórica a respeito do estudo dos tempos verbais em seus aspectos morfológicos e semânticos, com base na leitura de artigos e na consulta a gramáticas tradicionais, a gramáticas descritivas e em estudos linguísticos. Procedemos, em seguida, com uma leitura detalhada e analítica do Currículo de São Paulo, particularmente das seções “A concepção do ensino na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias” e “Fundamentos para o ensino de Língua Portuguesa”, enfatizando as concepções de ensino da norma padrão. Também consideramos como objeto de análise outros documentos oficiais, como os PCN e algumas publicações da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo, como a de Franchi (1991), que procura estabelecer um ensino criativo e significativo de gramática na educação básica.

Em um segundo momento, realizamos ainda uma análise dos materiais de apoio do Currículo de São Paulo, com foco nas situações de aprendizagem que privilegiem o ensino dos tempos verbais e, especificamente, os pretéritos do modo indicativo, verificando como esses tempos verbais são explorados nos gêneros e tipologias textuais apresentados pelos materiais. Estabelecemos, também, uma comparação com as propostas de ensino dos verbos no passado em alguns livros didáticos, em especial os de 6º e de 7º anos da coleção **Projeto Teláris: Português**, procurando obter as respostas para alguns questionamentos: A abordagem dos tempos verbais nos materiais didáticos ocorre unicamente com ênfase na morfologia? Há algum destaque para questões semânticas? Os materiais de apoio e os livros didáticos mencionam noções de aspecto e de modalidade verbal? Existe algo nos materiais didáticos que faça referência ao uso de construções como a perífrase de gerúndio, indicadora do aspecto de continuidade de ações no passado e tão comum no PB?

Após essas etapas, como resultado final, seguindo nosso Plano de Intervenção (Apêndice D), elaboramos um **Caderno Complementar de Atividades** (Apêndice A) para propor o ensino semântico/funcional dos tempos do pretérito do modo indicativo, para alunos dos anos iniciais (essencialmente, 6º e 7º anos) do Ensino Fundamental II. Algumas atividades desse Caderno Complementar foram aplicadas a estudantes de 7º ano de uma escola pública da rede estadual de

ensino, na cidade de Assis, SP, com o objetivo de verificarmos sua aceitabilidade e de realizarmos ajustes necessários para finalização de tal Caderno. É importante deixar claro que houve autorização da direção da escola para a aplicação das atividades e o projeto foi submetido, via Plataforma Brasil, ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Situada a 434 quilômetros a oeste de São Paulo, capital do Estado, e conhecida como “Cidade Fraternal”, Assis (cf. **Figura I**) ostenta o título de Capital do Paranapanema, graças ao seu comércio e à prestação de serviços de relevância cultural, esportiva, tecnológica e científica. Localiza-se próximo à divisa do Estado do Paraná (aproximadamente 50 km). A população assisense, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2015), compreende 101.597 habitantes, em pouco mais de 462 km². O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Assis, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) é de 0,805, ocupando o 28º lugar entre as cidades de maior IDH do país, e é considerado elevado se comparando com o do Estado de São Paulo (0,783).



Figura I: Localização do município de Assis, SP, Brasil

Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_\(S%C3%A3o_Paulo\)#/media/File:SaoPaulo_Municip_Assis.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_(S%C3%A3o_Paulo)#/media/File:SaoPaulo_Municip_Assis.svg)>
Acesso em 25 jul. 2016.

No que diz respeito à Educação Básica, a cidade possui quinze estabelecimentos de ensino da rede estadual, com os anos finais do Ensino Fundamental (6º a 9º anos) e o Ensino Médio. Esses estabelecimentos estão diretamente subordinados à Diretoria Regional de Ensino de Assis, órgão da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Na rede municipal de ensino, há trinta

colégios que oferecem Educação Infantil (creche e pré-escola) e os anos iniciais e intermediários do Ensino Fundamental (1º a 5º anos). Quanto ao Ensino Superior, em Assis são oferecidos os cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Ciências e Letras, campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Há, também, oferta de cursos de graduação pelas seguintes instituições: Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA); Universidade Paulista (UNIP); Instituto Educacional de Assis (Uniesp); Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR), com ensino a distância; Centro Universitário Uninter (oferecido pelo Colégio Mais Ensino); Faculdade de Tecnologia de Assis (Fatec).⁸

Conforme já mencionado, algumas atividades do Caderno Complementar foram aplicadas a alunos de um 7º ano do período vespertino, em um colégio da rede estadual da cidade de Assis. Essa unidade escolar localiza-se no centro da cidade, próxima a estabelecimentos comerciais e bancários, mas os estudantes que ali se encontram matriculados – em sua maioria, moradores da zona urbana – vêm dos mais diversos bairros do município. O colégio também abriga cursos do CEL, Centro de Estudos de Línguas, em que são oferecidos, com duração de três anos, os idiomas Espanhol, Francês, Italiano, Alemão, Japonês e, com duração de um ano, Inglês (como complementação às aulas oferecidas desse idioma na grade curricular dos Ensinos Fundamental e Médio). Alguns dos alunos que participaram da aplicação das atividades frequentam as aulas de Espanhol no período matutino; outros fazem curso de Inglês em escolas de idiomas da cidade (as aulas de Língua Inglesa no CEL são direcionadas apenas a estudantes do Ensino Médio). De um modo geral, esses estudantes de 7º ano não apresentam baixo rendimento escolar e, de acordo com o que poderá ser visto mais adiante no presente trabalho, têm noções básicas de conceitos gramaticais, em especial os verbos nos pretéritos do modo indicativo.

⁸ As informações podem ser encontradas nos seguintes endereços eletrônicos: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_\(S%C3%A3o_Paulo\)#Educa.C3.A7.C3.A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_(S%C3%A3o_Paulo)#Educa.C3.A7.C3.A3o)>, <<http://www.assis.sp.gov.br/CIDADE?id=38>>, <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/enoticia.php?id=231140>>, <http://www.educacao.sp.gov.br/central-de-atendimento/Relat_Escola.asp?ID_DIR=020&ID_MUN=189&ID_DIST=&NM_MUN=ASSIS&NM_DIST=&CD_ADM=1&Nova=1>. Acesso em 25 jul. 2016.

3 A ABORDAGEM DOS TEMPOS DO PRETÉRITO DO MODO INDICATIVO NOS MATERIAIS DIDÁTICOS

Nesta seção, discorreremos sobre algumas análises dos materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo, os CA e os CP da disciplina de Língua Portuguesa, do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental, no que diz respeito ao ensino dos verbos, tempos e modos verbais, em especial os pretéritos. Verificaremos se existe alguma menção aos conceitos de aspecto verbal e se há alguma proposta de trabalho com a semântica dos passados do PB. Em seguida, passaremos a uma breve análise das atividades dos livros didáticos da coleção **Projeto Teláris: Português**, especificamente as edições para o 6º e o 7º ano, com o propósito de verificar o enfoque dado ao ensino de verbos, tempos e modos verbais e os tipos de pretérito do modo indicativo.

No CA do 6º ano, volume 1, há uma atividade que solicita ao estudante marcar as palavras que indicam passagem de tempo em um texto lido, “Meu tio Jules”, de Guy de Maupassant (p. 21-25). Essa atividade deve ser feita com a orientação do professor, que pode (segundo instruções do CP, p. 31) dividir o texto em várias partes e determinar que os alunos circulem tais palavras indicadoras da passagem de tempo. O exercício visa à compreensão textual de verbos e advérbios utilizados no texto (cf. **Figura II**). No mesmo volume do CA, na página 30, os alunos têm de preencher uma tabela (cf. **Figura III**), anotando, na coluna da esquerda, as “palavras ou expressões do texto que indicam tempo e variam no presente, no passado e no futuro”, e, na da direita, as “palavras ou expressões do texto que indicam tempo e não variam no presente, passado ou futuro”. O objetivo dessa atividade, segundo o CP (p. 36), é estabelecer a distinção entre verbos e advérbios, porém sem ainda uma definição formal, conforme as gramáticas normativas. Após tal atividade, o CA indica, na página 30, que o aluno faça uma pesquisa em grupo, sob a orientação do professor, para procurar no livro didático adotado pela escola as definições de verbos e de advérbios, discutir com os colegas e registrar na apostila o que realmente entendeu sobre essas classes gramaticais. O CP (p. 37) sugere que o professor entregue aos alunos cópias de textos sem verbos e peça que completem adequadamente, após uma discussão acerca do que pode ser entendido desses textos sem a presença de tais palavras. Nas páginas 31 a 33 do CA, há atividades em uma seção denominada “estudo da língua”, na qual solicita que o aluno consulte o livro didático e anote, com suas próprias palavras, uma definição de modo indicativo, além de copiar exemplos de frases nesse mesmo modo. Em seguida, o professor deverá explicar como

funciona o presente, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo para o aluno anotar no CA, e, então, responder ao seguinte questionamento: qual a diferença de uso entre pretérito perfeito e imperfeito do indicativo? É importante destacar que, no CP, está expresso que “o pretérito perfeito determina a finalização de uma dada ação” (p. 37), e apresenta como exemplo “eu **amei**”; no CP também está expresso que “o pretérito imperfeito, por sua vez, produz a ideia de continuidade no passado” (p. 37), e os exemplos apresentados são “eu **amava**” e “eu **costumava amar** sempre, continuamente”.

Língua Portuguesa – 5ª série/6º ano – Volume 1



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3
ILUSTRANDO A HISTÓRIA EM DOIS MOMENTOS



Leitura e análise de texto

Meu tio Jules

Um velho mendigo de barbas brancas pedia esmolas na rua. Para minha surpresa, meu amigo Davranche lhe deu cem souls, uma quantia alta. E assim explicou:

– Um coitado como esse me lembra uma história, que me persegue a vida toda... se você quiser ouvir, eu a contarei.

Claro que queria! Então foi isto que ouvi...

Minha família é originária do Havre e não era rica. Meu pai tinha um pequeno comércio e trabalhava de manhã à noite; ganhava pouco. Eu tinha duas irmãs.

Mamãe sofria muito com o aperto em que vivíamos e sempre tinha uma língua muito cruel para com papai. O pobre homem nada respondia, apenas se encolhia diante das broncas. A submissão e a covardia dele sempre me magoaram profundamente. Mas era um garoto, não tinha o direito de opinar.

Isso não impedia minha revolta, mas em silêncio.

Figura II: Reprodução do texto “Meu tio Jules”

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, 5ª série/6º ano, v. 1, 2014, p. 21-25.

Língua Portuguesa – 5ª série/6º ano – Volume 1

Em grupo e com auxílio do professor, separem-nas de acordo com as categorias previstas no quadro a seguir.

Palavras ou expressões do texto que indicam tempo e variam no presente, passado ou futuro	Palavras ou expressões do texto que indicam tempo e não variam no presente, passado ou futuro



PESQUISA EM GRUPO

Seu professor vai orientá-lo a procurar os temas *verbos* e *advérbios* no livro didático ou em outra fonte de consulta que ele indicar. Você deverá ler as definições dos dois termos, discutir com seus colegas e escrever o que entendeu.

Figura III: Tabela de expressões que indicam tempo

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, 5ª série/6º ano, v. 1, 2014, p. 30.

Depois de o aluno responder o questionamento, o CA pede que o aluno anote os verbos conjugados no pretérito perfeito e no imperfeito do modo indicativo em textos do livro didático utilizado pela turma. Nas páginas 32 e 33 do CA, há exercícios com os paradigmas de conjugação de alguns verbos (cf. **Figuras IV e V**). O primeiro exercício indica que os alunos devem preencher um quadro com a conjugação do verbo regular “amar” no presente, no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito do modo indicativo. Na atividade, algumas flexões já estavam apresentadas (“eu amo”, “vós amais”, “eu amei”, “ele amou”, “tu amavas”, “eles amavam”). Para finalizar a seção de estudo da língua, os alunos precisam completar dois quadros com a conjugação, nos mesmos tempos e modo, dos verbos “ser” e “ir”, atentando para as semelhanças existentes na conjugação do pretérito perfeito do indicativo, idênticas. Pede-se que os alunos expliquem como podem saber quando se trata do verbo “ser” ou do verbo “ir”, o que só pode ser explicado pelo contexto do enunciado.

8. Complete, no quadro, a conjugação do verbo *amar* no Presente, no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito do Modo Indicativo.

Verbo <i>amar</i> – Modo Indicativo		
Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
Eu amo	Eu amei	
Tu		Tu amavas
Ele	Ele amou	
Nós		
Vós amais		
Eles		Eles amavam

9. Complete, nos quadros, a conjugação dos verbos *ser* e *ir* no modo e nos tempos determinados.

Verbo <i>ser</i> – Modo Indicativo		
Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
Eu sou		
Tu		
Ele		Ele era
Nós		
Vós		
Eles	Eles foram	

Figura IV: Paradigmas de conjugação de verbos no modo indicativo - I

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, 5ª série/6º ano, v. 1, 2014, p. 32.

Verbo <i>ir</i> – Modo Indicativo		
Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
Eu vou	Eu fui	
Tu		
Ele		
Nós		Nós íamos
Vós		
Eles		

10. Há semelhanças entre as conjugações dos verbos *ser* e *ir* nos tempos do Indicativo que você conjugou? Circule-as.

11. Como podemos saber se é o verbo *ser* ou *ir*?

Figura V: Paradigmas de conjugação de verbos no modo indicativo - II

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, 5ª série/6º ano, v. 1, 2014, p. 33.

A proposição dessas atividades no CA do 6º ano produz um exercício de reflexão sobre as formas verbais do modo indicativo, incluindo os dois tipos de pretérito mencionados. Entretanto, não podemos perceber nenhuma menção aos conceitos de aspecto verbal, em especial o perfectivo e o imperfectivo, a não ser no trecho acima mencionado pelo CP, com uma explicação muito “técnica” para os estudantes dessa faixa etária (o aluno precisa compreender bem a ideia de “continuidade” da ação para entender o aspecto durativo ou imperfectivo do pretérito imperfeito). Por outro lado, o próprio CP indica que o professor recorra aos livros didáticos e outros materiais necessários para se explorar esses tempos verbais, levando em conta a sua utilização em textos narrativos, uma vez que a tipologia narrar é a que predomina no ensino de Língua Portuguesa da série em questão. O que deve ser feito é ensinar contextualmente os verbos no pretérito,

destacando seus efeitos de sentido nos gêneros fábula, conto, crônica, romance, considerando aspectos semânticos.

No CA do 7º ano, volume 1, a primeira situação de aprendizagem, intitulada “Estudo dos traços característicos do agrupamento tipológico ‘relatar’ (parte 1)”, apresenta a leitura de um relato autobiográfico chamado “Flor do cerrado: Brasília”, de Ana Miranda (cf. **Figura VI**), com todos os seus parágrafos numerados. Nas páginas 11 e 12, na seção “estudo da língua”, solicita-se que o aluno retorne ao texto lido e, tomando como referência o quarto e o quinto parágrafos, anote em um quadro todos os verbos e classifique-os quanto ao tempo verbal, modo ou formas nominais (cf. **Figuras VII e VIII**).



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

ESTUDO DOS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DO

AGRUPAMENTO TIPOLOGICO “RELATAR” (1)



Leitura e análise de texto

1. Leia o texto a seguir.

Flor do cerrado: Brasília

Para lá e para cá

[1] Criança não gosta de mudar de casa. Assim, com o meu coração apertado recebi a notícia de que íamos para Brasília. Eu nunca tinha ouvido falar nessa cidade, *Brasília*, jamais tinha escutado esse nome, e fiquei sabendo que a cidade ainda nem existia.

[2] “Mas se a cidade não existe, como é que vamos nos mudar para lá?”

[3] Brasília ainda não existia, mas ia ser construída, e ia ser construída por meu pai. Achei papai um herói, construir uma cidade de verdade não devia ser nada fácil. Eu imaginava que ele ia construir Brasília sozinho. Mas ele disse que estava indo muita gente para o centro do Brasil, onde ia ser construída a nova capital.

[4] Eu tinha quatro anos, era uma menina de olhos grandes e duas tranças, que usava vestidos de renda. Muito tímida, calada, eu gostava de olhar livros, ouvir histórias, e desenhar. E sonhava.

Saudades do Ceará

[5] De noite fiquei inquieta, virei na cama para um lado e para o outro, demorei a dormir, e sonhei com Brasília. Brasília era um deserto cheio de lobos uivando e uma lua vermelha no céu. Mas o sonho não me deu medo, era até bonito. Acordei de madrugada e fui olhar pela janela o mar de Fortaleza, as estrelas, os coqueiros na praia.

Figura VI: Reprodução do texto “Flor do cerrado: Brasília”, de Ana Miranda

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, 6ª série/7º ano, v. 1, 2014, p. 5-6.

Estudo da língua

- Volte ao texto *Flor do cerrado: Brasília*. Circule todos os verbos dos Parágrafos 4 e 5.
- Anote-os no quadro, classificando-os de acordo com o exemplo.

Parágrafo	Verbos encontrados	Tempo verbal/modo ou formas nominais
4º	tinha	Pretérito Imperfeito/Indicativo

Figura VII: Reprodução da seção “Estudo da língua” – verbos do texto “Flor do cerrado: Brasília” - I

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, 6ª série/7º ano, v. 1, 2014, p. 11-12.

- Responda no caderno:
 - Por que a maioria dos verbos encontrados no texto *Flor do cerrado: Brasília* foi conjugada no tempo passado?
 - Qual é a relação entre o tempo passado e os relatos autobiográficos?
- Em grupos, retomem agora os textos que escreveram nas atividades anteriores, observando os verbos utilizados. A maioria deles também está conjugada no tempo passado? Formulem uma explicação para esse fato, relacionando-o ao tipo de texto estudado.
- Seu professor fará a seleção de algumas atividades do livro didático sobre verbos no tempo passado. Desenvolva-as individualmente.

Figura VIII: Reprodução da seção “Estudo da língua” – verbos do texto “Flor do cerrado: Brasília” - II

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, 6ª série/7º ano, v. 1, 2014, p. 11-12.

A maioria dos verbos utilizados no texto e, em especial, nos parágrafos mencionados encontra-se no tempo passado. O aluno deve explicar por que há a predominância desse tempo (trata-se de um relato autobiográfico) e qual a relação entre os pretéritos e os relatos autobiográficos (segundo o CP, p. 22, “os verbos conjugados no passado são essenciais para que o leitor possa compreender o tempo no qual a experiência ocorreu”). Logo após a resolução dessas atividades, os alunos devem reunir-se em grupos e retomar alguns textos produzidos nas aulas anteriores, nos quais tiveram de escrever um relato de um programa de televisão, ou um relato de uma experiência vivida na infância, ou ainda uma pequena biografia de algum familiar (o professor, segundo orientações do material de apoio, teria de organizar os estudantes em grupos para a produção de tais relatos), para conferirem se utilizaram adequadamente os verbos no passado. Finalizando essa sequência de atividades, o CA indica para os alunos que o professor selecionará algumas atividades do livro didático sobre os verbos no passado.

Ainda há duas atividades no CA (p. 13) que exploram a finalidade de expressões marcadoras de tempo e de lugar, os advérbios. Infelizmente, não existe nenhuma menção, após o término dessas atividades, a respeito das diferenças de uso do pretérito perfeito e do imperfeito do modo indicativo, tão pouco aparecem sugestões, no CP, para que o professor explore os sentidos desses tipos de passado. Caberia, aqui, uma retomada daquela atividade feita no ano anterior, de maneira mais detalhada e com exploração dos efeitos de sentido que os tipos de pretérito apresentam, principalmente se tomarmos como referência o que disse Kleiman (2013), conforme já mencionado neste trabalho: o pretérito imperfeito do modo indicativo é utilizado para descrever o cenário e apresentar a situação inicial dos acontecimentos em uma narrativa; já o perfeito indica o início do conflito e os desdobramentos da história (cf. p. 36).

No mesmo volume do CA do 7º ano, na página 49, há uma atividade da seção “estudo da língua” que solicita ao aluno observar os títulos das notícias de jornal e indicar o tempo verbal mais comum (o presente do indicativo) e dizer por que, na opinião do estudante, os redatores das notícias escolhem esse tempo verbal (para indicar a atualidade da informação, conforme indica o CP, p. 71). Pede-se que o aluno compare o tempo verbal utilizado nos títulos das notícias de jornal com os relatos estudados na primeira situação de aprendizagem do CA. Além disso, o estudante deve observar os verbos que são utilizados no corpo das notícias, no texto em si (cf. **Figura IX**). Segundo o CP (p. 71), o aluno chegará à conclusão de que, nos relatos autobiográficos, é comum o uso dos verbos no tempo passado, ao passo que, nos textos

jornalísticos (as notícias) estão mesclados o presente e o pretérito do modo indicativo. Infelizmente, a atividade não explora mais diferenças de utilização do presente e do pretérito do modo indicativo. Seria importante o professor explorar outras notícias de jornal para explicar, com base no uso, as flexões do presente e dos pretéritos, além dos sentidos que a escolha de um ou de outro tempo verbal proporciona no entendimento desse gênero textual.

Língua Portuguesa – 6ª série/7º ano – Volume 1

- Em grupo, troquem os títulos entre si para comparar o que fizeram: Quais contemplam adequadamente o fato noticiado, causando um efeito de sentido para o leitor?
- Votem nos títulos que vocês acham mais apropriados para representar as notícias lidas.
- Apresentem esses títulos a toda a classe, justificando oralmente o critério de escolha utilizado.

Estudo da língua

1. Nos títulos das notícias de jornais, quais os tempos verbais mais comuns?

2. Por que vocês acham que esses tempos, em geral, são escolhidos pelos autores dessas notícias?

3. Os principais tempos verbais utilizados nos títulos das notícias de jornal são os mesmos que os dos relatos estudados na Situação de Aprendizagem 1? E os verbos utilizados no corpo das notícias?

4. Como o estudo dos tempos verbais os ajuda (ou não) a compreender melhor os títulos e lides das notícias de jornal?

Figura IX: Reprodução da seção “Estudo da língua” – títulos de notícia de jornal

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, 6ª série/7º ano, v. 1, 2014, p. 49.

No segundo volume do CA do 7º ano, há um texto chamado “História de Mariana”, escrito por Débora de Angelo e Eliane Aguiar especialmente para fins didáticos, dividido em duas partes. Os alunos têm de resolver algumas atividades da seção “estudo da língua”, na página 11 da apostila, identificando, na primeira parte do texto, todos os verbos conjugados no tempo passado (segundo orientação do CP, até os verbos conjugados no futuro do pretérito do indicativo devem ser assinalados, porém não há referência alguma de trabalho com tais formas verbais). Em seguida, em grupos, os estudantes devem analisar as diferenças dessas conjugações para

observarem se todos os acontecimentos se desenvolveram em um mesmo momento do passado, ou se há passados mais próximos e mais distantes do momento “presente” do texto (cf. **Figura X**).

Estudo da língua: tempos verbais

Parte 1

1. Individualmente, retome a *Parte 1* da história, a fim de analisar os tempos verbais nela utilizados.
2. Grife todos os verbos conjugados no tempo passado.
3. Em grupos, analisem as diferenças dessas conjugações, observando se todos os acontecimentos e ações foram desenvolvidos em um mesmo momento do passado, ou se há passados mais próximos e mais distantes do momento presente do texto.
4. Façam uma pesquisa no livro didático para saber quais tipos de pretérito o Modo Indicativo apresenta. Anotem, no caderno, as informações que encontrarem.
5. Reflitam:
 - a) É possível saber qual passado parece mais próximo do momento presente do texto?
 - b) Qual deles indica ações concluídas, finalizadas?
 - c) Quais indicam ações que se repetiam no passado?
 - d) Quais indicam uma ação passada em relação ao momento em que se fala, mas presente em relação a outro fato passado?
6. Preencha o quadro a seguir com verbos grifados no Item 2 desta atividade. Veja o exemplo:

Verbos conjugados no Modo Indicativo	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito
Ter	Ela <u>teve</u>		

Figura X: Reprodução da seção “Estudo da língua” – tempos verbais

Fonte: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, 6ª série/7º ano, v. 2, 2014, p. 11.

Sob a orientação do professor, os alunos devem pesquisar, no livro didático, os tipos de pretérito do modo indicativo, anotar as informações encontradas para, então, refletirem sobre algumas questões: a) é possível saber qual passado parece mais próximo do momento presente do texto? (o CP, na página 24, afirma que basta reparar quando aparece um verbo conjugado no pretérito imperfeito ou perfeito e outro no pretérito mais-que-perfeito em uma frase); b) qual deles indica ações concluídas, finalizadas? (o pretérito perfeito); c) qual indica ações que se repetem no passado? (o pretérito imperfeito); d) qual indica uma ação passada em relação ao

momento em que se fala, mas presente em relação a outro fato passado? (o perfeito ou o imperfeito, em relação ao pretérito mais-que-perfeito). Para encerrar a seção, os alunos precisam retomar os verbos destacados no texto “História de Mariana” e classificá-los quanto aos tipos de pretérito do modo indicativo. O CP apenas menciona que o quadro classificativo dos pretéritos pode ser ampliado para o aluno aprender as diferentes formas de passado. Acreditamos que, neste momento, o ideal seria o professor explorar as noções de aspecto verbal para o aluno melhor compreender esses pretéritos, não se esquecendo da frequente utilização de perífrase de gerúndio (MENDONÇA e FREITAG, 2013) e do mais-que-perfeito composto, comuns no PB, inclusive em situações mais monitoradas de comunicação.

Quanto aos livros didáticos, parece existir uma preocupação em se ensinar os conteúdos gramaticais de forma contextualizada, sempre tomando o texto como referência, e, em relação a um dos materiais que utilizamos em nossa pesquisa, o **Projeto Teláris: Português**, essa preocupação não se restringe apenas ao texto narrativo ou literário. Passaremos a uma breve análise de algumas unidades observadas nos volumes de 6º e de 7º ano dessa coleção, nos quais podemos notar a utilização de diferentes gêneros textuais no ensino dos tempos verbais, em especial os pretéritos.

Borgatto, Bertin e Marchezi (2012), no volume do 6º ano da coleção mencionada, começam a explorar os conceitos de verbo e tempos verbais no capítulo 6, cujo propósito é trabalhar o gênero textual reportagem. Tomando como referência um trecho do texto “Dia a dia em Bissau”, publicado originalmente no suplemento Folhinha do jornal **Folha de S. Paulo** (cf. **Figura XI**), as autoras alertam para “palavras marcando o tempo dos fatos relatados”. O trecho em questão apresenta fatos relatados predominantemente no tempo presente.

Leitura 1

Dia a dia em Bissau

Apesar das dificuldades em casa e na escola, guineenses brincam de "cerca-cerca" (pega-pega) e "malha" (amarelinha)

Mirella Domenich
Colaboração para a Folha, de Bissau

Futebol é o esporte preferido da maioria das crianças. O português é a língua ensinada na escola e a garotada se diverte muito com pega-pega e amarelinha. Sabe de onde estamos falando? A resposta correta é Guiné-Bissau.

Assim como o Brasil, o país africano é uma ex-colônia de Portugal. Na época da escravidão, muitos guineenses foram levados à força para o Brasil para trabalhar como escravos. Hoje trabalham duro na reconstrução do país, que é independente desde 1973 e está classificado como o sexto mais pobre do mundo.

É grande a lista de dificuldades de Guiné-Bissau: faltam escolas e material escolar, água encanada e luz elétrica nas casas. Sem energia, ninguém assiste à TV, usa computador ou tem aparelho de som. Internet é para poucos.

Já as crianças têm energia de sobra. Nas ruas de terra batida de Bissau, capital do país, brincam de "cerca-cerca", como o pega-pega é conhecido. Também jogam "malha" (amarelinha) e brincam de "surumba-surumba".

Os brinquedos são inventados com peças que encontram aqui e ali. Meninos se divertem empurrando pneus e criam carrinhos com qualquer roda.

Na brincadeira "surumba-surumba", as crianças riscam um círculo no chão de terra com um galho de árvore. Vários participantes ficam dentro da área marcada e um fica fora, correndo ao redor do círculo. As crianças de dentro tentam pegar a que está fora, mas sem sair do círculo. Quando quem está dentro pega quem está fora, as duas crianças trocam de lugar – e tudo recomeça.



FOLHA DE SÃO PAULO/IMPRESS

DOMENICH, Mirella. Infância em Guiné-Bissau. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 maio 2011. Folhinha.

Figura XI: Trecho do texto “Dia a dia em Bissau” – **Folha de S. Paulo** – Folhinha

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 6º ano, 2012, p. 165.

Em seguida, solicita-se que o aluno responda a uma atividade de múltipla escolha sobre o uso do presente (cf. **Quadro I**):

Quadro I – Atividade de múltipla escolha sobre o uso do presente do indicativo

- O uso do presente indica para o leitor que os fatos:
- já haviam acontecido quando a repórter escreveu a reportagem;
 - acontecem habitualmente e refletem a realidade das crianças;
 - acontecem apenas na imaginação da repórter;
 - são recordações da repórter.

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 6º ano, 2012, p. 177.

De um modo geral, o aluno perceberá que a alternativa correta de tal atividade é a letra **b**. O exercício seguinte retoma o trecho (“os brinquedos **são** inventados com peças que **encontram** aqui e ali; meninos se **divertem** empurrando pneus e **criam** carrinhos com qualquer roda”) e solicita ao estudante a sua reescrita, como se os fatos tivessem acontecido no passado. Logo após, pergunta-se se a mudança do presente para o passado tornou os fatos mais próximos ou mais distantes do leitor. As autoras do livro didático passam, então, a esclarecer que o uso dos verbos no tempo presente é mais adequado para um relato do que é habitual, mesmo que tal relato seja um fato passado. Elas expressam que isso é comum nas reportagens, nas manchetes de jornal e nos títulos de notícias. Mais adiante, as autoras dizem que o verbo não somente indica ações. Apresentam a definição de que o verbo é “uma classe de palavra que indica ação, qualidade ou estado do ser a que se refere, ou fenômeno da natureza, localizando-os no tempo” (BORGATO, BERTIN e MARCHEZI, 2012, p. 178). Trechos de outra reportagem, intitulada “Tempo de Criança”, do mesmo suplemento do jornal, são apresentados para que o aluno possa conferir como o verbo marca o tempo nas ações ou nos estados do ser a que se refere (cf. **Figura XII**).



Figura XII: Trecho da reportagem “Tempo de Criança” – **Folha de S. Paulo** – Folhinha – I

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 6º ano, 2012, p. 178.

Um dos trechos é um depoimento da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles: “Na rua ou no quintal, eu brincava de estátua, amarelinha... Ouvia histórias que a minha pajem [babá] contava para a meninada. No dia em que ela faltou, comecei a inventar histórias” (cf. **Figura XIII**). Borgatto, Bertin e Marchezi (2012) utilizaram as reportagens para contrastarem relatos do passado – que, numa clara orientação no material, explicam que também é chamado de pretérito – com os do presente, de modo a tornarem evidentes as diferenças entre esses tempos. Embora o objetivo das autoras fosse apresentar uma definição própria de verbos e de tempos verbais para os alunos de 6º ano, teria sido interessante se elas tivessem explicado que o pretérito utilizado nos depoimentos, em sua maioria, se encontra no imperfeito, esclarecendo se tratar de hábitos no passado, já que os exemplos se opunham ao presente.

“Na rua ou no quintal, eu brincava de estátua, amarelinha... Ouvia histórias que a minha pajem [babá] contava para a meninada. No dia em que ela faltou, comecei a inventar histórias.”
Lygia Fagundes Telles, escritora

Boneca de Lygia

“Na rua ou no quintal, eu brincava de estátua, amarelinha... Ouvia histórias que a minha pajem [babá] contava para a meninada. No dia em que ela faltou, comecei a inventar histórias.”
LYGIA FAGUNDES TELLES, ESCRITORA

“Eu brincava com meus amigos sempre na rua, não era perigoso. O brinquedo preferido era bola de futebol.”
DIDI, RENATO ARAGÃO, 76, ATOR DA TV

“Eu brincava com meus amigos sempre na rua, não era perigoso. O brinquedo preferido era bola de futebol.”
Didi (Renato Aragão), 76, ator da TV

FOTOS: FOLHA DE SÃO PAULO/FOLHAPRESS

Folha de S. Paulo, op.cit.

1. Copie no caderno os verbos da fala de Tostão, jogador de futebol.
2. Agora, copie apenas as formas verbais que marcam o tempo passado.
3. Copie os verbos da fala da escritora Lygia Fagundes Telles.
4. Copie dessa fala o único verbo que não marca o tempo pretérito nas ações da escritora.
5. Didi, personagem do ator Renato Aragão, ao falar das brincadeiras na rua, diz:
“Não era perigoso.”
Nessa fala o verbo indica ação? Explique.
6. Copie da fala de Tostão a frase em que o verbo traz uma qualidade para o que ele sentia quando podia descer para brincar sem avisar os pais.

Figura XIII: Trecho da reportagem “Tempo de Criança” – **Folha de S. Paulo** – Folhinha – II

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 6º ano, 2012, p. 179.

Para finalizar a definição de verbo, na reportagem “Tempo de Criança” utilizada no material didático, há a reprodução da página do suplemento fazendo alusão a como será a infância no futuro. O interessante é que as autoras destacam tanto o uso do futuro do presente do indicativo (“existirá”, “poderá”) quanto o das locuções verbais formadas pelo verbo “ir”, no presente do indicativo, mais o infinitivo do verbo principal. Pede-se que os alunos reescrevam frases da reportagem, substituindo essas locuções verbais por suas formas sintéticas no futuro. Há, inclusive, um esclarecimento a respeito do que é o infinitivo dos verbos, que, de acordo com as autoras, são as formas verbais terminadas em –ar, –er ou –ir, não marcam o tempo e são consideradas o “nome” do verbo. Também atentam para o fato de que é através do infinitivo dos verbos que o aluno poderá encontrar seu significado nos dicionários. Enfim, as autoras sintetizam que o verbo é a “palavra que indica ação, qualidade ou estado do ser a que se refere, fenômeno da natureza, localizando-os no tempo: presente, passado, futuro” (BORGATO, BERTIN e MARCHEZI, 2012, p. 182).

Nos capítulos seguintes, cujos gêneros textuais são crônica com diálogo argumentativo e propaganda, respectivamente, Borgatto, Bertin e Marchezi (2012) exploram os conceitos verbais de pessoa e número – estabelecendo uma introdução às noções de concordância verbal – e modos do verbo, associados aos gêneros crônica e histórias em quadrinhos, e usos do modo imperativo, em estreita relação com o gênero propaganda. As atividades referentes aos modos verbais concentram-se basicamente em aspectos morfológicos, pedindo para que os estudantes apenas identifiquem o tempo e o modo dos verbos (destacados), embora haja alguns exercícios que solicitam dos alunos o sentido da utilização de um verbo no subjuntivo (“se nós **votássemos** conscientemente não estaríamos presenciando tanta corrupção”, p. 209) e de outro no indicativo (“os deputados **votaram** pela cassação dos parlamentares envolvidos no escândalo”, p. 209), porém esses exercícios nem chegam a ser instrumentos de reflexão do uso da língua, pois basta dar uma conferida nas definições e exemplos para os modos verbais que o aluno responde mecanicamente a atividade. Há, no entanto, um exercício que exige que o aluno alterne o modo do verbo destacado de forma a indicar certeza de que ocorrerá a ação, em “**se eu voltar** amanhã, prometo que termino a limpeza do jardim” (p. 209 – cf. **Figura XIV**).

2. Copie a alternativa que explica o uso do modo subjuntivo na frase: "Se nós **votássemos** conscientemente não estaríamos presenciando tanta corrupção!".
 - a) Indica certeza da ação.
 - b) Indica uma ação possível.
 - c) Indica uma ação futura.
 - d) Indica um estado de quem fala.
3. Agora copie a alternativa correta para a frase: "Os deputados **votaram** pela cassação dos parlamentares envolvidos no escândalo". O verbo destacado na frase está no modo indicativo, pois expressa:
 - a) fato real.
 - b) fato possível.
 - c) desejo de quem fala.
 - d) incerteza.
4. Reescreva a frase a seguir, alterando o modo do verbo destacado de forma a indicar certeza de que a ação ocorrerá: "**Se eu voltar** amanhã, prometo que termino a limpeza do jardim".

Figura XIV: Atividades referentes aos modos verbais

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 6º ano, 2012, p. 209.

Em uma atividade envolvendo uma tirinha do personagem Hägar (cf. **Figura XV**), há umas questões bem interessantes para o aluno responder: tomando por base a fala dos guerreiros, companheiros de Hägar ("Os homens acham que já está na hora de você começar a nos pagar!"), pede-se que o estudante a reescreva, transformando-a primeiramente numa ordem (modo imperativo) – "comece a nos pagar" – e, em seguida, numa forma de insegurança por parte dos guerreiros (presente do subjuntivo) – "talvez esteja na hora de você começar a nos pagar". É importante destacar que as autoras da coleção utilizaram uma seção dedicada ao ensino do uso do modo imperativo. Seria útil se houvesse, não somente nessa coleção, mas também em outras destinadas ao ensino de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, seções exclusivas sobre o uso do modo indicativo e o uso do modo subjuntivo. Como de costume em várias coleções didáticas de Português, há uma unidade suplementar com pontos essenciais da gramática normativa, incluindo modelos de conjugação dos verbos regulares nos três modos. Por outro lado, a coleção apresenta a conjugação dos tempos compostos do pretérito e do futuro nos modos indicativo e subjuntivo.



Figura XV: Tirinha de Hagar (Dik Browne)

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 6º ano, 2012, p. 210.

No volume do 7º ano, Borgatto, Bertin e Marchezi (2012) retomam o ensino do verbo, começando com os usos dos tempos verbais, com particular destaque para os usos do pretérito, no capítulo destinado ao estudo dos gêneros textuais relato e biografia. Além disso, no capítulo seguinte, cujo gênero em destaque é o relato de experiências, as autoras voltam a explorar as formas do pretérito e os conceitos de locução verbal, flexão verbal e conjugação verbal, e, no capítulo destinado ao gênero notícia, há um estudo sobre os tempos e os aspectos do presente.

Em relação aos usos do pretérito (cf. **Figura XVI**), as autoras definem o pretérito perfeito como o tempo que expressa uma ação ou um fato ocorrido e encerrado no passado, isto é, um aspecto perfectivo (CASTILHO e ELIAS, 2012, p. 162). Já o pretérito imperfeito é apresentado como aquele que indica um fato ou uma ação habitual ou costumeira no passado (aspecto iterativo, CASTILHO e ELIAS, 2012, p. 162). O pretérito-mais-que-perfeito, segundo as autoras, expressa um fato concluso no passado que aconteceu antes de outro fato também no passado. Há uma breve explanação de que o pretérito-mais-que-perfeito pode ser simples ou composto, e que a forma simples é pouco comum na linguagem do dia a dia, em especial a oral; é mais corriqueiro

o uso da forma composta em linguagem informal. É preciso deixar claro que em muitas manifestações monitoradas da língua, principalmente nos textos jornalísticos e em reportagens, que se utilizam da linguagem formal, o uso da forma composta do pretérito-mais-que-perfeito é amplamente aceito.

Usos do pretérito

Releia o parágrafo a seguir:

"Um dos jogadores **era** negro, **usava** um uniforme vermelho e verde. **Adorei**. O outro **era** um jogador branco, mas de uma cor branca enjoada, com uniforme todo branco, muito sem graça. É claro que eu **ia torcer** para o time do jogador negro de uniforme vermelho e verde. Mas, uma fração de segundo antes de decidir, **perguntei** a meu pai qual **era** o nome dos times."

Analisando os verbos destacados, podemos afirmar que todos estão no pretérito (ou passado).

Recordando:

O pretérito, ou passado, é o tempo verbal que indica um fato acontecido **antes do momento** em que se fala.

A língua, porém, nos oferece várias maneiras de expressar os acontecimentos ocorridos no passado. Assim, o pretérito se divide em:

- **pretérito perfeito:** expressa uma ação ou um fato ocorrido e concluído no passado.

"Envergonhado pelo choro provocado por uma canção, **menti**. **Disse** que estava chorando pela derrota do Santos. E dessa mentira nunca mais me **esqueci**."

Observe que o autor está se referindo a ações **iniciadas e terminadas no passado**.

- **pretérito imperfeito:** expressa um fato ou uma ação que era habitual ou costumava acontecer no passado.

"Meu pai **era** Palmeiras, mas o que ele **gostava** mesmo **era** de futebol."

Observe que o autor se refere a uma ação que continuava acontecendo naquele momento passado, quando ele tinha talvez 5 anos. Dizemos que essa **forma verbal indica continuidade no passado**.

- **pretérito mais-que-perfeito:** indica um fato no passado que ocorreu antes de outro fato também no passado.

"Meu pai **havia comprado** o disco e o **troux**e para casa [...]"

↓

ação que ocorreu antes da ação de trazer o disco

↓

ação iniciada e terminada no passado

O pretérito mais-que-perfeito pode ser **simples** ou **composto**. A forma simples é pouco comum na linguagem informal, do dia a dia, principalmente na língua oral. No lugar dela usa-se mais comumente a forma composta, como a do exemplo: **havia comprado** ou **tinha comprado**.

Meu pai **comprara** o disco e o trouxe para casa [...]

↓

pretérito mais-que-perfeito simples



THE QUADRADO DA EDITORA

Figura XVI: Usos do pretérito

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 7º ano, 2012, p. 95.

Após essas explicações no livro didático, as autoras propõem uma série de atividades para os alunos identificarem as formas de pretérito empregadas em frases retiradas do texto de abertura do capítulo, “Como me tornei santista”, de Arrigo Barnabé (BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 2012, p. 81-83), um relato de experiência vivida. Há, também, uma atividade acerca de uma tirinha de Luis Fernando Verissimo (cf. **Figuras XVII e XVIII**), na qual os alunos devem identificar o tempo verbal dos verbos utilizados pelas personagens. É interessante destacar que, ao se referir à fala de uma das personagens da tirinha (“Fiquei duas horas preso no trânsito, fui assaltado e nos disseram que este ano não tem aumento”), as autoras querem saber do estudante em que tempo a personagem está relatando os fatos acontecidos. Não há a menção, na atividade, se se trata de tempo verbal ou tempo cronológico. O manual do professor apresenta como gabarito que os fatos acontecidos foram relatados no pretérito, porém o trecho “este ano não tem aumento” pode causar confusão para o estudante mais atento, que é capaz de pensar nos acontecimentos no tempo presente ou, até mesmo, no futuro. A questão poderia ser mais bem elaborada, solicitando do aluno que identifique qual tempo verbal é predominante na fala da personagem, e se há alguma menção a fatos ainda não ocorridos.

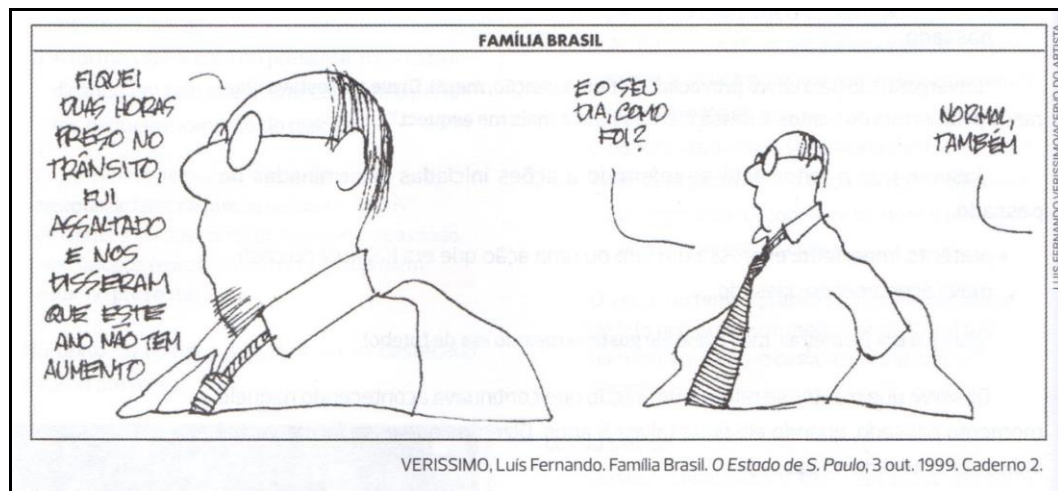


Figura XVII: Tirinha de Luis Fernando Verissimo

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 7º ano, 2012, p. 96.

a) O que a resposta “Normal, também”, da personagem que não aparece, permite supor? b) Na sua opinião, os fatos acontecidos durante o dia abalaram a personagem que aparece na tira? Explique. c) Que tempo verbal aparece na primeira fala? Dê exemplos. d) A personagem, em sua primeira fala, está relatando fatos acontecidos em que tempo: presente, passado ou futuro? 2. Pelo verbo pode-se localizar a ação no tempo: presente, passado ou futuro.	Imagine que a personagem de “Família Brasil” seja muito pessimista e que, antes de sair de casa, pense em tudo o que poderá acontecer com ela naquele dia. O texto ficaria assim, em uma situação mais formal: Ficarei duas horas preso no trânsito, serei assaltado e nos dirão que este ano não haverá aumento. E o seu dia, como será? Como você sabe, em uma situação informal, geralmente usamos a forma composta dos verbos. Escreva no seu caderno como ficaria o texto no futuro em uma situação informal.
---	---

Figura XVIII: Atividades com os usos do pretérito

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 7º ano, 2012, p. 96.

No capítulo seguinte, Borgatto, Bertin e Marchezi (2012, p. 103-105) retomam as formas de pretérito com base em outros dois relatos de experiências, desta vez escritos por Amyr Klink e sua esposa, Marina Bandeira Klink. As autoras reforçam os conceitos básicos dos três tipos de pretérito do PB, porém ressaltam que o pretérito imperfeito também pode indicar uma ação que teve continuidade no passado, citando Amyr Klink: “Em vez de falar em voz alta, eu **gritava**. **Gritava** para mim mesmo [...]” (2012, p. 119). Elas esclarecem que o narrador relatou uma ação passada que continuou por algum tempo. De posse desse material didático, o professor deveria, juntamente com os alunos, retomar a passagem do texto para explicar mais detalhadamente esse aspecto iterativo comum no imperfeito. Klink, em seu relato, repete o verbo “gritar” para destacar tal continuidade no passado:

Em vez de falar em voz alta, eu **gritava**. **Gritava** para mim mesmo o que deveria fazer, que o nó não estava firme. **Gritava** para ouvir minha própria voz no meio daquela turbina eólica infernal, que não parava. **Gritava** para não parar de fazer força, para não desistir dos nós que era preciso dar. (KLINK, 2000, p. 102-103, *apud* BORGATTO *et al.*, 2012, p. 103)

No capítulo destinado ao gênero textual notícia, pertencente à terceira unidade do volume do 7º ano – que trata do relato jornalístico –, Borgatto, Bertin e Marchezi (2012) desenvolvem atividades interessantes sobre os tempos e aspectos do presente. As autoras, em um dos exercícios, expõem que a maior parte dos acontecimentos registrados nas notícias de jornal é de fatos passados, porém é muito comum o uso de formas no presente. Algumas frases, retiradas de

notícias, relatos e textos literários, são apresentadas para que o aluno diga qual é o valor do presente utilizado nelas. Antes da realização do exercício, há uma explicação sobre os empregos do tempo presente, indicando: fato ou estado habitual; fato que ocorre no mesmo momento da fala ou em momento próximo; valor histórico, em substituição ao pretérito, para realçar fatos passados; futuro próximo; tom de ensinamento, sem tempo determinado (cf. **Figura XIX**).

6. Grande parte dos acontecimentos relatados nas notícias lidas são fatos passados. No entanto, nos trechos a seguir, algumas formas verbais estão empregadas no presente. Copie os verbos que estão no presente nesses trechos e identifique o valor desse tempo verbal em cada uma das frases consultando o quadro:

O **presente** é empregado:

- para indicar fato ou estado habitual, frequente;
- para indicar fato que ocorre no mesmo momento ou em um momento próximo da fala ou do registro;
- no lugar do pretérito, com valor histórico, dando mais realce a fatos passados;
- para indicar futuro próximo;
- com tom de ensinamento: não tem tempo determinado.

a) "Cientistas alemães trabalham agora em um projeto [...]";

b) "O médico alemão Jens Titze [...] recorda que não é comum acompanhar seis voluntários";

c) "Com a Cerimônia do Fogo Sagrado ao amanhecer, começa neste sábado (5) a décima primeira edição dos Jogos dos Povos Indígenas";

d) "O encontro esportivo ocorre desde 1996".

Figura XIX: Atividade sobre os usos do presente do modo indicativo

Fonte: BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 7º ano, 2012, p. 153.

Em duas notícias apresentadas no capítulo, uma referindo-se a um fato já ocorrido ("**Termina** simulação de viagem a Marte", **O Estado de S. Paulo**, 5 nov. 2011) e outra a um fato a acontecer ("Cerimônia do Fogo Sagrado **abre** Jogos Indígenas", **Correio do Tocantins**, 5 nov. 2011), as autoras ressaltam a utilização do presente do indicativo nos títulos (manchetes) e

lançam para o aluno o seguinte questionamento: que tempo verbal foi empregado e qual é a intenção desse uso. É um ótimo exemplo de atividade que faz o aluno refletir sobre os usos dos tempos verbais, no caso o presente do indicativo, contrastado com os pretéritos, usados no corpo da primeira notícia, e com algumas construções do futuro apresentadas no segundo texto.

Pode ser que esse tipo de exercício teve apenas o objetivo de explorar as características do gênero textual notícia, mas já é um bom sinal de que muitas coleções didáticas estão direcionando as atividades de reflexão linguística, ou seja, da gramática em uso nos mais diversos gêneros para questões que façam o estudante pensar e compreender sua utilidade na produção de seus próprios textos, na sua expressividade e na aprendizagem da língua padrão. Afinal, é papel fundamental da escola garantir ao aluno a apropriação dessa variante de prestígio – comum nos documentos oficiais, na imprensa, no mundo do trabalho e em diversos meios de comunicação –, não para que ele se adapte às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que consiga, de fato, participar ativamente dessa sociedade e fazer valer seus direitos (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 188).

4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CADERNO COMPLEMENTAR DE ATIVIDADES PARA ALUNOS SOBRE O ENSINO DOS PRETÉRITOS DO MODO INDICATIVO

A elaboração do **Caderno Complementar de Atividades – Os Pretéritos do Modo Indicativo** tomou como referência o material didático utilizado pelos alunos do Ensino Fundamental da rede pública estadual paulista: os materiais de apoio do Currículo do Estado de São Paulo (CA e CP) e os livros didáticos pertencentes ao PNLD. Alguns questionamentos foram essenciais para que pudéssemos desenvolver a presente pesquisa e propor exercícios complementares que abordem o uso dos pretéritos como conteúdo de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental. Entre esses questionamentos, destacamos:

- I. Há atividades de forma reflexiva que envolvem os tipos de passado em diferentes contextos de uso dos falantes (os alunos)?
- II. Os materiais utilizados em sala de aula, que subsidiam o trabalho docente, abordam esses diferentes tipos de pretérito do PB dentro de uma perspectiva funcional ou semântica, ou se restringem apenas às características morfológicas?
- III. Existe alguma abordagem que se refira à noção de aspecto verbal, em especial ao uso do imperfeito do verbo **estar** acompanhado do verbo principal no gerúndio, expressando ideia de iteratividade e de continuidade de ações no passado, comum tanto na língua falada como em contextos mais formais e monitorados de comunicação?

Além de identificar a abordagem dada ao ensino dos pretéritos do modo indicativo nos materiais didáticos dos anos finais do Ensino Fundamental, e de verificar se tal abordagem considera os aspectos semânticos, o objetivo essencial da elaboração do Caderno Complementar consistiu na proposição de exercícios que façam o aluno refletir sobre o passado no PB, por meio de atividades epilinguísticas que privilegiem o uso e não somente conceitos e nomenclaturas. Algumas das propostas de atividades do Caderno foram desenvolvidas junto a estudantes do 7º ano de uma escola da rede estadual paulista no município de Assis, SP, a fim de verificar a aceitabilidade e a aplicabilidade dos exercícios.

4.1 Elaboração do Caderno Complementar de Atividades

Com o propósito de apresentar atividades significativas que explorassem o uso dos pretéritos do modo indicativo, procuramos, na elaboração do Caderno Complementar de Atividades, utilizar textos em seus mais diversos gêneros (crônica, fragmento de romance, letra de música, tirinha, notícia, biografia, texto publicitário etc.) que contemplassem o passado contextualmente, de maneira que não ficássemos restritos ao uso de conceitos gramaticais e de nomenclaturas, uma vez que o foco desta pesquisa é a abordagem funcional e semântica dos pretéritos do modo indicativo. Tais conceitos foram necessários somente quando alguma atividade exigia especificamente o conhecimento dos tipos de pretérito e das formas nominais, como, por exemplo, o uso do imperfeito do verbo “estar” seguido do gerúndio do verbo principal. Tomamos o cuidado de não utilizar conceitos relacionados aos aspectos verbais, como perfectivo, imperfectivo, iterativo, inceptivo, cursivo, progressivo etc., que poderiam deixar as atividades muito complexas para alunos da Educação Básica, além de praticamente não serem explorados nos materiais didáticos. Por outro lado, o sentido que tais aspectos verbais expressam foram apresentados em alguns enunciados para melhor compreensão por parte dos estudantes. Nesta seção discorreremos a respeito de tais atividades.

Uma das primeiras atividades apresentadas tem por base um exercício proposto por Fiorin e Savioli (1997) com um trecho da crônica “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade. Os autores propuseram um trabalho com a seleção lexical na produção de textos. Drummond construiu o texto com arcaísmos, ou seja, com palavras ou expressões muito utilizadas em épocas remotas, mas que não são mais usadas. O autor buscou os termos comumente usados no início do século XX (“Antigamente” fora publicado na década de 1960). No livro **Para entender o texto: Leitura e redação**, Fiorin e Savioli (1997, p. 98) esclareceram que Drummond recorreu aos arcaísmos para “caracterizar uma época através do uso do próprio linguajar dessa época”.

Levando em consideração a proposta dos autores, procuramos explorar as construções verbais do texto de Drummond, predominantemente no pretérito imperfeito do modo indicativo. Uma das questões apresentadas no Caderno Complementar de Atividades busca saber dos alunos a razão de o autor haver colocado o título “Antigamente” na crônica. Neste exercício de levantamento de hipóteses, é possível inferir que os alunos venham a concluir que o texto vá abordar os hábitos e os costumes das pessoas numa época passada (o resultado de tal inferência

será analisado na próxima seção desta dissertação, “Comentários de aplicações do Caderno Complementar de Atividades”). Dessa maneira, a utilização do imperfeito fica devidamente caracterizada e contextualizada para que o estudante compreenda plenamente o uso desse tempo verbal. Assim sendo, um dos primeiros exercícios propostos da primeira sequência de atividades do Caderno Complementar foi a apresentação do fragmento da crônica de Drummond para que os alunos a completassem com os verbos indicados no tempo adequado. Não foi solicitado, inicialmente, que utilizassem o imperfeito do indicativo, mas que se lembrassem do título da crônica (cf. **Quadro II**).

Quadro II – Atividade com trecho da crônica “Antigamente”

Em duplas, leiam com atenção o trecho abaixo. Ele foi retirado de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade, chamada “Antigamente”. Tomando como referência o título do texto, o trabalho de vocês será o de preencher as lacunas com os VERBOS indicados entre parênteses, no tempo adequado. Lembrem-se de que a crônica se chama “Antigamente”.

ANTIGAMENTE as moças _____-se (chamar) mademoiselles e _____ (ser) todas mimosas e muito prendadas. Não _____ (fazer) anos: _____ (completar) primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, _____-lhes (fazer) pé-de-alferes, arrastando a asa, mas _____ (ficar) longos meses debaixo do balaio. E se _____ (levar) tábua, o remédio _____ (ser) tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando _____ (correr), antigamente, _____ (ser) para tirar o pai da forca, e não _____ (cair) de cavalo magro. Algumas _____ (jogar) verde para colher maduro, e _____ (saber) com quantos paus se faz uma canoa. O que não _____ (impedir) que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. _____ (encontrar) alguém que lhes _____ (passar) a manta e _____ (azular), dando às de viladiogo. Os mais idosos, depois da janta, _____ (fazer) o quilo, saindo para tomar a fresca; e também _____ (tomar) cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses _____ (ir) ao animatógrafo, e, mais tarde, ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou _____ (sonhar) em andar de aeroplano, os quais, de pouco siso, se _____ (meter) em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n’água.

Fonte: PAIS, A.; BARBOSA, J. B. **Caderno Complementar de Atividades: Os Pretéritos do Modo Indicativo**. 2016, p. 101.

Após o exercício acima, o professor deve ler o trecho original para que os alunos confirmem se completaram com o tempo verbal adequado. Em seguida, eles devem, com o auxílio do professor, fazer um levantamento dos arcaísmos presentes no texto, para facilitar a compreensão do fragmento da crônica, e, finalmente, conferir o tipo de pretérito do modo indicativo mais utilizado no trecho. Depois dessas atividades, os estudantes farão a reescrita do texto, mudando o título para “Atualmente”, com atenção para a substituição dos arcaísmos por expressões mais atuais (incluindo gírias e ditados populares da atualidade), além da mudança de tempo verbal (para o presente do indicativo).

Em seguida, os estudantes passam à leitura de um trecho que apresenta ações habituais de um adolescente, no tempo presente. Propõe-se que os alunos façam uma reescrita da passagem, colocando no início um marcador de tempo passado (“quando eu estava no 6º ano...”) e fazendo as alterações verbais necessárias (do presente do indicativo para o pretérito imperfeito de mesmo modo). Trata-se de um exercício epilinguístico, em que o aluno não precisa recorrer a nomenclaturas para resolver a atividade, uma vez que se vale de sua própria gramática internalizada (POSSENTI, 2012, p. 69-73) para tal resolução (cf. **Quadro III**).

Quadro III – Atividade: trecho narrativo com ações habituais no presente

Meu dia começa muito cedo. Eu me levanto às seis da manhã, tomo meu café às seis e meia e, em seguida, caminho para a escola, já que eu moro pertinho do colégio. Minhas aulas começam às sete, e fico na escola até o meio-dia e meia.

Chego em casa às 12h45. Almoço com minha mãe e irmãos mais novos, depois ajudo nas tarefas de casa e faço meus trabalhos escolares até às 16h. Então vou para o *shopping* com alguns colegas da escola, e volto para casa às 18h30. Tomo um banho rapidinho para jantar com minha família, pois meu pai faz questão que estejamos todos juntos à mesa.

Assim que terminamos de jantar e de arrumar a cozinha, meu pai e minha mãe ficam assistindo novela na sala, meus irmãos pegam os brinquedos e eu vou para meu quarto, onde fico navegando na *net* até umas 22h30, já que tenho de dormir e acordar cedinho, para começar essa rotina de novo.

Fonte: PAIS, A.; BARBOSA, J. B. **Caderno Complementar de Atividades: Os Pretéritos do Modo Indicativo**. 2016, p. 102-103.

A sequência seguinte de atividades, “A narração e os verbos nos pretéritos”, explora os conceitos de pretérito perfeito e pretérito imperfeito do modo indicativo na construção dos textos narrativos. Como exercício inicial, apresentamos a crônica “Lar Desfeito”, de Luis Fernando

Verissimo, dividida em três partes, com adaptações nas formas verbais, feitas intencionalmente, com o propósito de levar os estudantes a refletirem a respeito da utilização adequada da forma de pretérito em uma narração. Na página 36 deste trabalho, trouxemos uma concepção abordada por Kleiman (2013) no que diz respeito à construção de uma narrativa: usa-se o pretérito imperfeito do indicativo na descrição do cenário e na apresentação da situação inicial dos acontecimentos, enquanto o pretérito perfeito do indicativo é utilizado na indicação do início do conflito e de seus desdobramentos.

A leitura das partes da crônica pode causar certo “estranhamento” aos estudantes. Propõe-se que façam as alterações para que os fragmentos tenham sentido. É preciso esclarecer que, na elaboração desse exercício, optamos por deixar em destaque (negrito) as formas verbais de pretérito, pois o objetivo dessa sequência de atividades, segundo as concepções de Kleiman (2013), é trabalhar especificamente o uso do perfeito e do imperfeito na construção das narrativas. Essas formas de pretérito são tempos verbais importantes como marcadores da superestrutura do texto e estabelecadores da coesão e coerência da tipologia textual narração. Após a resolução do exercício, o professor passará à leitura da crônica originalmente escrita por Verissimo (cf. **Quadro IV**).

Quadro IV – Atividade: fragmento adaptado da crônica “Lar Desfeito”, de Luis Fernando Verissimo

José e Maria **estiveram** casados há 20 anos e **foram** muito felizes um com o outro. Tão felizes que um dia, na mesa, a filha mais velha **reclamava**:

– Vocês nunca brigam?

José e Maria se **entreolhavam**. José **respondia**:

– Não, minha filha. Sua mãe e eu não brigamos.

– Nunca brigaram? – **queria** saber Vítor, o filho do meio.

– Claro que já brigamos. Mas sempre fizemos as pazes.

– Na verdade, brigas, mesmo, nunca tivemos. Desentendimentos, como todo mundo. Mas sempre nos demos muito bem...

– Coisa mais chata – **dizia** Venancinho, o menor.

Vera, a filha mais velha, **teve** uma amiga, Nora, que a **deixou** fascinada com suas histórias de casa. Os pais de Nora **viveram** brigando. **Foi** um drama. Nora **contou** tudo para Vera. Às vezes **chorou**. Vera **consolou** a amiga. Mas no fundo **teve** uma certa inveja. Nora **foi** infeliz. **Deveu** ser bacana ser infeliz assim. O sonho de Vera **foi** ter um problema em casa para poder ser revoltada como Nora. Ter olheiras como Nora.

Vítor, o filho do meio, **frequentou** muito a casa de Sérgio, seu melhor amigo. Os pais de Sérgio **estiveram** separados. O pai de Sérgio **teve** um dia certo para sair com ele. Domingo. **Foram** ao parque de diversões, ao cinema, ao futebol. O pai de Sérgio **namorou** uma moça do teatro. E a mãe de Sérgio **recebeu** visitas de um senhor muito camarada que sempre **troux**e presentes para Sérgio.

Venancinho, o filho menor, também **teve** amigos com problemas em casa. A mãe do Haroldo, por exemplo, **teve** se divorciado do pai do Haroldo e casado com um cara divorciado. O padrasto de Haroldo **teve** uma filha de 11 anos que **pôde** tocar o Danúbio Azul espremendo uma das mãos na axila, o que **deixou** a mãe do Haroldo louca. A mãe do Haroldo **gritou** muito com o marido.

Bacana.

Fonte: PAIS, A.; BARBOSA, J. B. **Caderno Complementar de Atividades: Os Pretéritos do Modo Indicativo**. 2016, p. 103-104.

Após a realização desse exercício, apresentamos um enunciado explicando o uso comum dos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo nos textos narrativos. Utilizamos uma passagem do livro **Coisas de índio**, de Omar Landi e Edmilson Siqueira (*apud* KLEIMAN, 2013, p. 65-67), com os verbos nos pretéritos do modo indicativo destacados, para os alunos primeiramente identificarem quais estão no perfeito, quais estão no imperfeito, quais formas verbais são apresentadas a partir do conflito da narração (além de identificarem a locução adverbial indicadora do início do conflito, no caso, “certa manhã”) e, finalmente, concluírem qual o tipo de pretérito predomina na narração do conflito da história (cf. **Quadro V**).

Quadro V – Atividade: trecho do livro **Coisas de índio**, de Omar Landi e Edmilson Siqueira

Em 1975, **estávamos** na aldeia Sagarana no meio dos índios Pakaa Nova e por onde **andávamos ia** um bando de crianças atrás. Pouco **sabíamos** de índios ainda, **estávamos** aprendendo, tentando nos livrar da vida da cidade grande. Um dos meus maiores medos na ocasião, que ainda hoje persiste embora em menor dose, **era** ser picado por cobra. (...)

Na aldeia **havia** um chiqueirinho onde eu **criava** um leitão, presente do chefe de posto que eu **havia** substituído. Como na aldeia só **havia** alimentos resultantes da caça e da pesca, quase sempre antas e porcos do mato, eu **vivia** sonhando com meu leitãozinho assado, com um pernil bem tostado.

Certa manhã, **fui** levar umas cascas de mandioca para o leitão e me **deparei** com uma cobra perto do chiqueiro. **Era** uma “papa-amarela”, venenosíssima (pelo menos **foi** o que eu **deduzi** na hora). Não **tive** dúvidas: pelo leitão eu faria qualquer coisa, até enfrentar cobra. Como minha coragem **tinha** limite, **fui** apanhar o revólver. (...)

(...) uma das crianças se **desgarrou** do grupo, se **aproximou** por trás da cobra, **apanhou**-a pelo rabo e **bateu** forte com a cabeça dela numa pedra. A cobra **morreu** na hora e o garoto, sorridente, **entregou** para mim.

Depois dessa não me **faltava** nada, **pensei**. Mas **estava** enganado. Alguns dias depois uma sucuri **jantou** meu leitãozinho.

Fonte: PAIS, A.; BARBOSA, J. B. **Caderno Complementar de Atividades: Os Pretéritos do Modo Indicativo**. 2016, p. 106.

Para encerrar a sequência de atividades sobre o uso do passado na narração, propusemos que os alunos completem um fragmento do romance infantojuvenil **Whatever** (2010), do escritor Leonardo Brasiliense⁹, utilizando os verbos nas formas adequadas dos pretéritos perfeito e imperfeito do modo indicativo (cf. **Quadro VI**). Nesse exercício, os estudantes precisam mobilizar o conhecimento adquirido sobre os tipos adequados de pretérito na construção do texto narrativo. Após a resolução, o professor deve ler a passagem originalmente escrita para os alunos conferirem suas respostas.

⁹ BRASILIENSE, L. **Whatever**. 2 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010. p. 13-14.

Quadro VI – Atividade: passagem do romance *Whatever*, de Leonardo Brasiense

Um mês antes o Tóbi _____ (**quebrar**) uma pata. Ele _____ (**correr**) atrás de mim, como a gente sempre _____ (**correr**) um atrás do outro desde que eu me lembre de alguma coisa nessa vida. A gente _____ (**correr**) até um pegar o outro e então _____ (**rolar**) na grama e depois se _____ (**levantar**) e quem antes _____ (**estar**) perseguindo agora _____ (**fugir**). Dessa vez a gente _____ (**rolar**), aquele bolo de João Pedro e Tóbi e grama, eu _____ (**cair**) de mau jeito em cima dele e _____ (**ouvir**) um grito forte e agudo, um só, depois ele rosnando e respirando curtinho.

Por sorte _____ (**ser**) domingo, meu pai _____ (**estar**) em casa. Ele _____ (**vir**) correndo ver o que tinha acontecido, e eu não _____ (**saber**) explicar. O Tóbi _____ (**estar**) lá com a pata curvada, molenga, respirando curtinho. Meu pai _____ (**ser**) muito rápido: _____ (**pegar**) o cachorro no colo, com muito jeito porque ele _____ (**estar**) brabo, e _____ (**sair**) de carro nós três, rumo ao veterinário de plantão. Eu _____ (**ir**) olhando para o Tóbi, no banco de trás, e todo mundo quieto.

— Você tá muito grande pra certas brincadeiras, João Pedro.

_____ (**ser**) a única frase que ele _____ (**dizer**) no caminho do veterinário, mas eu a _____ (**ouvir**) como se fossem muitas. Primeiro me _____ (**remoer**) de culpa, tinha quebrado a pata do Tóbi com uma brincadeira besta, coisa de criança. Depois _____ (**perceber**) que meu pai _____ (**estar**) dizendo que eu já _____ (**ser**) grande, que tinha crescido, o que me _____ (**dar**) certo orgulho. Mas daí _____ (**voltar**) a pensar na porcaria que eu _____ (**fazer**), na pata quebrada do meu cachorro, e ter sentido orgulho só _____ (**piorar**) a culpa.

Para completar, o Tóbi me _____ (**olhar**) como se pedisse ajuda. _____ (**respirar**) curtinho e me _____ (**olhar**) com ar de pidão, como se a culpa fosse dele e não minha. _____ (**estar**) claro que ele _____ (**confiar**) em mim e, se tinha se machucado rolando na grama, a culpa só _____ (**poder**) ser dele, não minha. _____ (**ser**) outro me dizendo que eu já _____ (**ser**) grande. Grande coisa.

O veterinário _____ (**enfaixar**) a pata do Tóbi e _____ (**dizer**) que _____ (**ir**) ficar tudo bem. Tinha quebrado sim, _____ (**dar**) para ver no raio X, mas ele _____ (**ir**) se recuperar logo logo. Meu pai _____ (passar) a mão na minha cabeça. Não _____ (**fazer**) nenhum comentário, só esse gesto, que eu _____ (**sentir**) como se fossem muitos. Ele _____ (**estar**) me perdoando, o que me _____ (**aliviar**) a culpa, isso _____ (**ser**) bom. Mas ao mesmo tempo ele me _____ (**dizer**) que eu não tinha crescido tanto.

E isso _____ (**ser**) bom ou ruim?

Fonte: PAIS, A.; BARBOSA, J. B. **Caderno Complementar de Atividades: Os Pretéritos do Modo Indicativo.** 2016, p. 107-108.

A terceira sequência de atividades, “Quando o pretérito está além do passado...”, explora os diferentes sentidos que determinadas construções apresentam no pretérito, muitas vezes não se restringindo à marcação de tempo passado, graças a utilização de auxiliares e de modais. Tomando como referência o trecho do romance de *Brasiliense* que havia fechado a sequência anterior, alguns períodos foram extraídos do fragmento com o propósito de abordar construções verbais que, normalmente, não são objetos de estudo nos materiais didáticos. Essas construções fazem parte do PB, inclusive em situações formais, e devem ser abordadas com os alunos nos Ensinos Fundamental e Médio. Em determinados exercícios desta sequência, foi necessário explorar os efeitos de sentido que os verbos no passado apresentam, considerando a noção de aspecto verbal.

Algumas passagens do trecho de *Whatever* são construídas com a perífrase de gerúndio no passado, como em “quem antes **estava perseguindo** agora fugia”, “meu pai **estava dizendo** que eu já era grande” e “ele **estava me perdando**”. O quinto exercício da sequência (p. 111-112) esclarece aos alunos que o imperfeito do verbo **estar**, acompanhado do gerúndio do verbo principal, indica o desenvolvimento ou a duração de uma ação no passado. Também foi esclarecido que esse tipo de construção pode expressar o desenvolvimento de uma ação no passado que foi interrompida por outra ação (que vem, usualmente, no pretérito perfeito do modo indicativo), como em “João Pedro e Tóbi **estavam brincando** na grama quando o garoto **caiu** de mau jeito em cima do cachorro”. Há, ainda, uma explicação sobre a simultaneidade de ações desenvolvidas no passado, com a dupla utilização da perífrase de gerúndio no passado: “enquanto João Pedro e Tóbi **estavam brincando** na grama, o pai **estava lendo** o jornal”. Embora essa construção esteja adequada, há outras formas de expressão desse período que mesclam o uso da perífrase de gerúndio no passado com o imperfeito, ou simplesmente o uso desse último tempo verbal: “enquanto João Pedro e Tóbi **brincavam** na grama, o pai **estava lendo** o jornal”, ou “João Pedro e Tóbi **estavam brincando** na grama enquanto o pai **lia** o jornal”, ou ainda “enquanto João Pedro e Tóbi **brincavam** na grama, o pai **lia** o jornal”.¹⁰ Após todas essas

¹⁰ É importante lembrar que as gramáticas e os materiais didáticos destinados ao ensino de Inglês abordam o chamado *past continuous* ou *past progressive*. O próprio nome do tempo verbal, em língua inglesa, ressalta a importância do aspecto verbal imperfeito na aprendizagem do idioma. Os chamados tempos contínuos ou progressivos também existem em língua portuguesa e são normalmente utilizados em diferentes situações comunicativas, formais ou informais, porém não fazem parte dos conteúdos a serem ensinados nas aulas de Língua Portuguesa, nos níveis fundamental e médio.

explicações, propõe-se que os alunos completem algumas frases usando as construções mais adequadas no passado.

A sequência de atividades não se restringe ao uso dos verbos auxiliares mais tradicionais, ou seja, os que são mais utilizados nas aulas de Português e nos materiais didáticos (**ser**, **estar**, **ter** e **haver**). Ainda com referência ao fragmento do livro de Leonardo Brasiliense, alguns exercícios da sequência procuraram abordar o uso de auxiliares que, segundo Neves (2011), são verbos aspectuais. Os alunos, com base na língua que usam para se comunicar no dia a dia, e em suas próprias impressões, devem explicar a diferença entre construções do tipo “eu **ia olhando** para o Tóbi” (ação em desenvolvimento, em continuidade mais prolongada no passado) e “eu **olhava** para o Tóbi” (que pode ser ação em desenvolvimento ou simplesmente um hábito no passado – exercício **3a**, p. 110). O mesmo verbo **ir**, no imperfeito do indicativo, aparece em trechos como “(o veterinário) disse que (o cachorro) **ia ficar** bem” e “(o animal) **ia se recuperar** logo”. No exercício, os estudantes devem argumentar que não se tratam de ações habituais no passado, mesmo que os verbos estejam no imperfeito, mas de possibilidades no futuro (exercício **3b**, p. 110). Tais construções, muito comuns no PB, inclusive em situações mais monitoradas de comunicação, apresentam-se, em contextos mais formais, no futuro do pretérito do indicativo (“**ficaria**”, “se **recuperaria**” – ou “**recuperar-se-ia**”, menos usual), ou com o verbo **ir** conjugado nesse tempo e modo verbal, acompanhado do infinitivo do verbo principal (“**iria ficar**”, “**iria se recuperar**”).

Em outra atividade (exercício **6**, p. 113), os alunos devem explicar, com suas próprias palavras, o sentido da construção destacada na passagem “ele **veio correndo** ver o que tinha acontecido”, em que o verbo auxiliar **vir**, no perfeito, acompanhado do gerúndio do verbo **correr**, expressa o desenvolvimento ou a duração de uma ação. Outro trecho analisado, “eu não **sabia explicar**” (exercício **7**, p. 113), formado com o imperfeito do verbo **saber** e o infinitivo do verbo principal, solicita que os estudantes compreendam tratar-se de uma habilidade que a personagem João Pedro não tinha. Em “mas daí **voltei a pensar** na porcaria que fiz” (exercício **8**, p. 113), os alunos precisam comentar que o trecho em destaque indica a repetição, no passado, da ação de “**pensar**”, graças ao uso do verbo “**voltar**”.

Alguns verbos no pretérito, presentes no texto “Ainda Bem”, canção composta por Marisa Monte e Arnaldo Antunes, são o objeto de análise da quarta sequência de atividades do Caderno Complementar, “O pretérito em diferentes aspectos”. O título da sequência não implica,

necessariamente, na noção de aspecto verbal, conforme discorrido na presente pesquisa, mas aos diferentes efeitos de sentido que o uso do passado apresenta no PB, especialmente em contextos menos formais, como no caso da música popular.

O primeiro verbo destacado no verso “Que agora **encontrei** você” foi objeto de análise do último exercício da sequência anterior, “Quando o pretérito está além do passado...” (exercício 9, p. 113). Os alunos tinham de comparar o uso do perfeito do verbo “encontrar” (indicando uma ação que acabara de ser realizada) com o imperfeito do verbo “fugir”, em uma passagem do romance *Whatever*: “...quem antes estava perseguindo agora **fugia**...” (mudança de ação dos sujeitos). Nos dois casos, o uso do advérbio “agora” faz com que os verbos assumam diferentes sentidos: no primeiro caso, o término recente de uma ação; no segundo, a mudança de ação dos sujeitos (João Pedro e seu cachorro Tóbi).

As demais atividades da sequência “O pretérito em diferentes aspectos” solicitam do aluno a compreensão da letra da canção por meio das flexões de passado dos verbos “fazer”, “dar”, “estar”, “desacreditar”, “vir”, “ser”, “transformar” e “chegar”. Em alguns casos, solicita-se dos alunos que expressem um sinônimo para um determinado verbo (“dar”, em “Porque ninguém / **Dava** nada por mim” – exercício 2, p. 115) tomando como referência a letra da música (o verbo “desacreditar” é a pista para a resposta); em outros, pede-se que os estudantes identifiquem o aspecto verbal dos verbos “vir” e “transformar” (cf. **Quadros VII e VIII**):

Quadro VII – Atividade 4: O pretérito em diferentes aspectos

4. O verbo **vir** em “Você **veio** pra ficar” está no pretérito perfeito, porém não se resume à ideia de uma ação concluída no passado (ou seja, “você ficou”).
- a) Qual o sentido do verbo **vir** na construção “você **veio** pra ficar”?
 - b) Localize na canção um verso que apresenta um outro verbo com o mesmo sentido do verbo **vir** em “Você **veio** pra ficar”.

Fonte: PAIS, A.; BARBOSA, J. B. **Caderno Complementar de Atividades: Os Pretéritos do Modo Indicativo**. 2016, p. 115.

Quadro VIII – Atividade 6: O pretérito em diferentes aspectos

6. Em “Tudo se **transformou**”, o que indica o verbo **transformar**, no pretérito perfeito? Afinal, o que se **transformou** segundo a voz da canção?

Fonte: PAIS, A.; BARBOSA, J. B. **Caderno Complementar de Atividades: Os Pretéritos do Modo Indicativo**. 2016, p. 115.

As duas atividades seguintes exploram os diferentes sentidos do passado dos verbos **ser**, **ter**, **existir**, **usar**, **haver**, **partir**, **ir**, **brigar**, **sorrir**, **chorar**, **voltar** e **sentir**, em duas tirinhas do “Armandinho”, criação do publicitário Alexandre Beck, publicadas no antigo suplemento Folhinha, do jornal **Folha de S. Paulo**; em um anúncio publicitário do *reality show* “A Fazenda”, da Rede Record de Televisão, publicado no mesmo jornal; e em um “meme”¹¹ da internet. Os exercícios sobre as tirinhas de Beck (p. 116-118) abordam questões sobre o uso dos pretéritos dos verbos **ser**, **ter**, **existir**, **haver**, **usar**, **partir** e **ir** tanto no ponto de vista morfológico (a concordância do verbo existir e a conjugação idêntica de **ser** e **ir** no perfeito) quanto em aspectos semânticos (os diferentes significados do verbo **partir**, como o de “falecer” e o de “deslocar-se para outro local”, “ir embora”).

A penúltima sequência de atividades, “O passado que se repete”, ressalta o uso repetitivo dos verbos no pretérito perfeito do indicativo em um anúncio do programa de TV “A Fazenda”, como forma de descrever a rotina vivida pelos participantes do *reality show* da Rede Record, que, confinados em uma fazenda, convivem diariamente com o objetivo de ganhar um prêmio em dinheiro. Para isso, esses participantes devem executar tarefas muitas vezes extenuantes, o que acaba gerando um clima estressante entre todos os demais. A repetição dos verbos destaca a rotina de ex-participantes de “A Fazenda” (por isso a predominância do perfeito do indicativo), em especial a repetição das expressões “**foi** pra roça” (momento que determinados participantes são selecionados para eliminação do programa) e “**voltou**” (indicador de “sobrevivência”, de permanência dos participantes). As atividades com tais verbos (cf. exercícios 3, 4 e 5, p. 120) têm por objetivo propor que o aluno faça uma reflexão sobre a utilização do pretérito perfeito do indicativo em um gênero anúncio publicitário, como meio de convencer o leitor a assistir ao programa de TV, lembrando-o de que emoções vividas por outros participantes também farão parte da nova edição do *reality show*. Essas atividades também ajudam a compreender que nem todo texto publicitário deva ser constituído somente de verbos no modo imperativo.

Ainda nessa penúltima sequência temos a utilização de um “meme” da internet, com o uso do pretérito perfeito do verbo **sentir** em duas orações distintas: “Como você se **sentiu** em nossa loja?” e “tudo caro, me **senti** pobre”. A atividade (cf. exercício 6, p. 121) solicita do aluno a

¹¹ “Meme” é um vocábulo de origem grega que significa “imitação”. Trata-se de um termo muito utilizado na internet, usado para se referir ao fenômeno da “viralização” da informação; em outras palavras, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música etc. que se espalhem rapidamente entre vários usuários, alcançando muita popularidade. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/meme/>>. Acesso em 09 set. 2016.

compreensão dos diferentes significados que o verbo **sentir** apresenta no dicionário (no caso, o exercício apresenta algumas acepções do verbo na edição *on-line* do **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**). O objetivo da atividade é fazer que o estudante perceba que, além do uso do verbo no passado, a diferença de sentidos de uma mesma palavra pode ser a responsável pelo efeito de humor que um gênero textual, como o “meme”, provoca em redes sociais ou em aplicativos de trocas de mensagens. Afinal, uma pergunta sobre como uma pessoa se **sentiu** em uma loja tem como propósito verificar quais foram as impressões do cliente, que sensação ele teve ao visitar o estabelecimento, como foi o atendimento, se encontrou o que realmente queria etc. Ou seja, fazer uma avaliação da loja. Por outro lado, além da utilização do verbo **sentir** como sinônimo de “perceber”, “constatar”, “chegar à conclusão de”, uma resposta do tipo “tudo caro, me **sentí** pobre” é responsável por provocar o riso no leitor, junto ao uso dos adjetivos “caro” e “pobre”, funcionando como forma de crítica aos preços exorbitantes dos produtos de tal estabelecimento.

A última sequência de atividades, “Escrevendo sobre o passado”, explora o uso das formas de pretérito em gêneros textuais como a linha do tempo (linha biográfica), a biografia e a autobiografia. No primeiro, normalmente há a predominância dos verbos no presente, no lugar do passado; nos outros dois gêneros, é muito comum o uso dos pretéritos para apresentar o relato da vida de alguém, as suas realizações.

O primeiro exercício solicita a leitura da linha do tempo sobre a vida do jogador Neymar da Silva Santos Júnior. Por se tratar de um atleta em plena atividade na atualidade, espera-se que os alunos justifiquem, no segundo exercício, a preferência pelo uso dos verbos no presente do modo indicativo na apresentação dos fatos já ocorridos na vida do jogador. Espera-se também que a justificativa leve em consideração a utilização do presente como forma de trazer para a atualidade os feitos de Neymar, da mesma maneira como se redigem as manchetes de jornais e os relatos de personalidades e de acontecimentos da História (o presente histórico). No terceiro exercício, é proposta a produção de uma biografia do jogador, tomando como referência os fatos descritos na linha do tempo e a utilização dos verbos nos pretéritos do modo indicativo e de outros elementos fundamentais para a coesão e a coerência textuais (cf. **Quadro IX**).

Quadro IX – Atividade 3: Escrevendo sobre o passado

3. Vamos reescrever a linha do tempo em forma de um texto biográfico? Imagine que você está participando da elaboração de um livro sobre a vida de vários atletas brasileiros. Apresentamos uma pequena introdução para que você continue sua produção. Fique atento às mudanças nas formas verbais (e a outras mudanças, como o uso de pronomes, de orações, de palavras de ligação como “mas”, “porém”, “entretanto”, “porque”, “portanto”, “e” etc.):

Neymar da Silva Santos Júnior nasceu em Mogi das Cruzes, SP, no dia 5 de fevereiro de 1992. Ele iniciou sua carreira no futebol...

Fonte: PAIS, A.; BARBOSA, J. B. **Caderno Complementar de Atividades: Os Pretéritos do Modo Indicativo.** 2016, p. 123.

O último exercício de “Escrevendo sobre o passado” (p. 123-124) consiste na escrita de uma pequena autobiografia, dentro de um contexto de produção, o lançamento de um livro pela escola com o relato biográfico de ex-alunos. Na verdade, os alunos devem imaginar-se no futuro e redigir um texto que apresente fatos importantes de suas vidas, desde o nascimento até à chegada aos anos finais do Ensino Fundamental. Além de utilizarem os verbos no passado, a atividade apresenta uma sugestão de roteiro para que os estudantes sigam ao produzirem suas próprias autobiografias.

A proposição dessas sequências de atividades com os usos dos pretéritos do modo indicativo no PB tem como objetivo único complementar o ensino de gramática realizado pelo professor de Língua Portuguesa junto a seus alunos da Educação Básica, nos anos finais do Ensino Fundamental. Não se trata de diminuir o trabalho com as características morfológicas dos verbos no passado e em outros tempos verbais, que devem ter tratamento especial no ensino da língua padrão, muitas vezes conflitante com a linguagem do dia a dia dos estudantes; pelo contrário, procuramos desenvolver atividades que possam integrar esse trabalho priorizando questões semânticas, funcionais e aspectuais com os verbos, para que os alunos compreendam a sua utilização nos textos que leem e produzem, tanto no ambiente escolar quanto nos espaços extraescolares.

É importante ressaltar que as atividades propostas no Caderno Complementar são apenas sugestões, e o professor deve ter total liberdade de adaptá-las à realidade de seus alunos e das exigências curriculares que se fizerem necessárias. Também convém mencionar que, no final do Caderno Complementar, apresentamos algumas orientações para a aplicação dos exercícios, além de outros textos para que o professor possa desenvolver atividades específicas sobre o uso dos

pretéritos do modo indicativo, de acordo com as necessidades dos estudantes, de modo a ampliar a aprendizagem sobre as diferentes formas de se expressar o passado no PB, com base em um enfoque semântico e funcional.

4.2 Comentários de aplicações do Caderno Complementar de Atividades

As três primeiras sequências de atividades do Caderno Complementar foram aplicadas a alguns alunos de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual da cidade de Assis, SP. Escolhemos essa série pelo fato de o Currículo do Estado de São Paulo priorizar, nos conteúdos de Língua Portuguesa, o estudo dos textos das tipologias narrar (já vista no 6º ano) e relatar, além de, pontualmente, desenvolver estudos sistematizados da língua que destacam as características morfológicas das diferentes formas de pretérito do modo indicativo. A escolha também se deveu à razão de um dos professores participantes dessa pesquisa lecionar para os alunos da série em questão.

Logo na aplicação da primeira sequência de atividades, “Antigamente X Atualmente – a expressão de hábitos no passado e no presente”, percebemos que uma primeira alteração precisou ser executada. Inicialmente os alunos entrariam em contato com um fragmento da crônica “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade, completando-a com os verbos indicados no tempo adequado (pretérito imperfeito do indicativo). A única “pista” para a resolução da atividade era o título da crônica. Entretanto, antes de iniciarmos a aplicação, perguntamos aos alunos o que eles esperariam de um texto com aquele título. As respostas praticamente indicaram tratar-se de um texto que iria descrever os costumes de pessoas em uma época muito passada. Portanto, após essa discussão, apresentamos o enunciado da primeira atividade, em que os alunos deveriam ler com atenção o trecho e completá-lo com as formas de passado adequadas dos verbos mencionados.

Depois da resolução dessa atividade, fizemos a leitura do trecho originalmente escrito por Drummond, pedindo para que os estudantes verificassem se haviam utilizado as mesmas formas verbais do autor. Antes de identificarem o tipo de pretérito predominante no texto, os alunos analisaram algumas expressões arcaicas usadas em “Antigamente” (como “meter-se em camisa de onze varas”, “fazer pé-de-alferes”, “dar às de vila-diogo”, entre outras, além do estrangeirismo

mademoiselles) para compreenderem o trecho da crônica e, ao término da sequência, produzirem uma espécie de paráfrase do texto, relatando os hábitos das pessoas na atualidade.

Houve pouquíssimos casos em que os alunos utilizaram o pretérito perfeito no lugar do imperfeito. Depois da leitura da passagem original, vale a pena destacar a fala de um aluno do sétimo ano:

Não faz sentido completar com ‘ficaram’, ‘levaram’, ‘correram’, ‘caíram’, ‘jogaram’, ‘encontrou’, ‘passou’ porque o texto fala de rotina no passado, tem que ser ‘ficavam’, ‘levavam’, ‘corriam’, ‘encontrava’ etc. (A, 7º ano, escola pública de Assis)

A declaração foi fundamental para os alunos responderem posteriormente uma atividade que solicitava o tipo de pretérito mais utilizado e por qual razão foi necessário o uso desse tipo de passado. É importante mencionar também que, durante essa atividade, uma aluna disse não entender por que o pretérito se chama “perfeito” ou “imperfeito”. Ela havia compreendido que o perfeito expressa ações iniciadas e concluídas em um passado determinado, e que o imperfeito indica ações habituais, que se repetiam, no passado. Explicamos que os termos vêm do latim *perfectum*, que designa algo acabado.

A sequência terminou com dois exercícios de produção escrita. O primeiro solicitava dos alunos a produção de um texto com o título “Atualmente”. Eles teriam de fazer as adaptações lexicais necessárias (era possível a utilização de gírias e expressões populares da atualidade), além de mudar o tempo verbal (do imperfeito para o presente do modo indicativo). Infelizmente, pelo fato de a aplicação ter sido realizada em um período de término de bimestre e com muitas avaliações finais, não foi possível que todos os alunos produzissem o texto. Por outro lado, alguns estudantes pediram para terminar em casa e trouxeram esta produção:

Atualmente as moças **são** muito novinhas, rueiras e baladeiras. [...] Os playboys, mesmo não sendo moços bonitos, **conseguem** ficar paquerando, mas **ficam** longos meses esperando. Mesmo levando um fora, o jeito **é** desistir e pegar outra mina. [...] Os mauricinhos **vão** ao cinema chupando balas de menta, e **sonham** em ganhar celulares e viajar para o exterior, mas estudar que **é** bom, nada! (B e C, 7º ano, escola pública de Assis)

O último exercício consistia na leitura de um pequeno relato apresentando a rotina de um estudante na atualidade. Os alunos tiveram de reescrevê-lo imaginando estarem no futuro,

contando para alguém a rotina que tinham nos dias de hoje. Os estudantes iniciaram seus textos com a expressão “quando eu estava no 6º ano...” e deram continuidade ao relato. De um modo geral, eles não tiveram problemas na realização desse exercício, tão pouco na identificação do tempo verbal utilizado, o pretérito imperfeito do indicativo. Com essa atividade, retomamos o que Bechara (2015) havia dito: o emprego do imperfeito ocorre “quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente” (p. 291).

A segunda sequência de atividades, “A narração e o verbo nos pretéritos”, focalizou o uso do perfeito e do imperfeito do modo indicativo na construção dos textos narrativos. Foram apresentados fragmentos de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, “Lar Desfeito”, com os verbos no pretérito intencionalmente modificados, para que os alunos conseguissem perceber, intuitivamente, sua utilização na narrativa. Na primeira leitura, a maioria dos estudantes notou que os verbos estavam ‘estranhos’, e que, segundo a fala de um aluno, “não tinha sentido o uso de vários verbos ali” (D, 7º ano, escola pública de Assis). Perguntamos quais seriam, então, as formas verbais mais adequadas. De um modo geral, os estudantes recorreram às formas que coincidiam com as escritas do autor. Após a leitura da crônica escrita originalmente por Verissimo, esclarecemos aos alunos que, na construção do texto narrativo, o uso do imperfeito é próprio na caracterização das personagens, do cenário e da situação inicial dos acontecimentos, ao passo que o perfeito usualmente indica o começo da complicação da história e como os fatos se desdobram até a conclusão – conforme Kleiman (2013), já mencionado nesta pesquisa (cf. p. 36).

Prosseguindo com as atividades da segunda sequência, os alunos leram um trecho do livro “Coisas de índio”, de Omar Landi e Edmilson Siqueira, com os verbos nos pretéritos do modo indicativo em negrito. Os estudantes tiveram de identificar, em azul, os verbos no perfeito, e em vermelho, as formas do imperfeito. Em seguida, constataram que, a partir do conflito da narração, é predominante o uso do pretérito perfeito do modo indicativo. Finalizando a sequência, os alunos receberam um trecho do romance *Whatever*, de Leonardo Brasiense (2010), e completaram-no com os verbos indicados utilizando adequadamente o pretérito perfeito e o imperfeito. A resolução da atividade não teve problemas em sua execução. Assim como ocorreu com o texto “Antigamente”, nesse fragmento de Brasiense houve algumas situações em que os alunos usaram o pretérito perfeito onde originalmente fora usado o imperfeito, e vice-versa. De

um modo geral, as poucas mudanças dos pretéritos que os estudantes fizeram não prejudicaram o entendimento do trecho.

Na sequência seguinte, “Quando o pretérito está além do passado...”, retomamos o fragmento originalmente escrito por Brasiense, com alguns períodos e formas verbais do passado em destaque. As atividades tinham por objetivo a realização de uma análise que contemplasse questões voltadas a fatores semânticos dos verbos, com ênfase nas modalidades e nos aspectos verbais.

Uma das primeiras atividades destacava o uso do pretérito mais-que-perfeito composto, formado pelo imperfeito do verbo “ter” mais o particípio do verbo principal. Procuramos esclarecer aos alunos que o uso desse pretérito é amplamente comum no PB, inclusive em situações formais de comunicação. Esse esclarecimento foi necessário porque muitos materiais didáticos, em especial o utilizado pelos estudantes (BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 2012), definem que o mais-que-perfeito composto é mais corrente em contextos informais. A atividade solicitava que os alunos identificassem qual ação havia ocorrido depois das mencionadas nas formas compostas de passado (“me remoi de culpa, **tinha quebrado** a perna do Tóbi com uma brincadeira besta”). Em um dos itens da atividade, os estudantes notaram que em “se **tinha** se **machucado** rolando na grama”, o ato de “rolar” ocorreu antes de “machucar-se”, mesmo este estando no mais-que-perfeito. Os alunos também perceberam que, na passagem “meu pai estava dizendo que eu já era grande, que **tinha crescido**”, o ato de “crescer” não indicava que a ação fora realizada antes de outra ação no passado, mas reforçava o fato de o narrador-personagem de *Whatever*, João Pedro, “já ser grande”.

Conforme já mencionado na seção anterior desta pesquisa, “Elaboração do Caderno Complementar de Atividades”, a terceira sequência aplicada aos alunos do 7º ano trouxe exercícios com a perífrase de gerúndio no passado (o imperfeito de “estar” mais o gerúndio do verbo principal). Muitos estudantes comentaram apenas ter visto uma atividade semelhante na “apostila” (CA) de Inglês, em que é ensinado o tempo verbal *past continuous* ou *past progressive*, formado pelo passado do verbo *to be* (estar), acompanhado do verbo principal terminado com a desinência *-ing*. Então perguntamos se algum livro de Português ou a “apostila” que eles utilizam apresentava exercícios com tal construção comum na nossa língua, e a resposta foi negativa. Um aluno disse o seguinte: “A gente tá acostumado a falar assim, a gente já sabe, não é preciso aprender” (E, 7º ano, escola pública de Assis). De fato, em se tratando da

construção morfológica da perífrase, os alunos já a expressam naturalmente, nem é necessário aprender sua estrutura, mas os efeitos de sentido que ela apresenta, a funcionalidade, a noção de aspecto (continuidade da ação, aspecto imperfeito) são essenciais para o ensino dessa forma de pretérito comum no PB.

Apenas para ilustrar um dos exercícios, os estudantes deviam completar com a construção de passado mais adequada a frase “o deputado (beijar) a secretária quando a esposa dele (abrir) a porta do gabinete”. Em um total de trinta alunos, dois estudantes escreveram “o deputado **estava beijando** a secretária quando a esposa dele **abriu** a porta do gabinete”, enquanto outros treze escreveram “o deputado **beijava** a secretária quando a esposa dele **abriu** a porta do gabinete”. Essas duas construções expressam a realização de uma ação em continuidade no passado sendo interrompida por outra ação também no passado. Quatorze estudantes redigiram “o deputado **beijou** a secretária quando a esposa **abriu** a porta do gabinete”. É uma construção possível, porém pouco coerente se comparada às duas anteriores. Um aluno escreveu “o deputado **beijava** a secretária quando a esposa **estava abrindo** a porta do gabinete”. Essa construção é pouco plausível, principalmente se levarmos em conta a noção de continuidade, mais verossímil com o verbo “beijar” que com o ato de “abrir a porta”.

Alguns exercícios foram apresentados para os alunos identificarem, ainda com base em trechos do romance *Whatever*, noções de aspecto verbal em algumas formas do pretérito. Na passagem “ele **veio correndo** ver o que tinha acontecido”, os estudantes compreenderam que o perfeito do verbo “vir” acompanhado do gerúndio do verbo “correr” não se restringe somente à ideia de uma ação realizada e concluída no passado, mas ao desenvolvimento ou a duração dessa ação (somente dois alunos disseram que a ação de “vir correndo” expressava a ideia de um fato plenamente concluído no passado, provavelmente por influência do verbo “vir” estar no pretérito perfeito do indicativo). Na frase “...daí **voltei a pensar** na porcaria que fiz...”, os estudantes explicaram que a ação de “pensar” foi ‘repetida’, ‘aconteceu de novo’ – certamente, eles apoiaram-se no uso do verbo “voltar”. Em “...e eu não **sabia explicar**”, os estudantes analisaram, quase que de modo unânime, que o imperfeito do verbo “saber” indicava uma habilidade ou capacidade que o narrador-personagem João Pedro não tinha no trecho analisado – apenas um aluno afirmou que o verbo expressava a ideia que a personagem não tinha vontade ou desejo de fazer a ação (“explicar”).

A última atividade da sequência baseou-se na seguinte frase do romance de Brasiliense, “...quem antes estava perseguindo agora **fugia**...”, comparando com os versos de uma canção de Marisa Monte e Arnaldo Antunes (“Ainda bem / Que agora **encontrei** você”). O objetivo da atividade foi o de mostrar outros sentidos que as formas do perfeito (“encontrei”) e do imperfeito (“fugia”) podem indicar juntamente com a utilização de um adjunto adverbial como “agora”. No fragmento de Brasiliense, o imperfeito do verbo “fugir” expressa uma ação que estava sendo executada em um determinado momento no passado (“agora”), mudando a ação do sujeito que a executava. Por outro lado, com o trecho da canção, os alunos deveriam perceber que o sentido do verbo “encontrar”, ao lado do advérbio “agora”, não se restringe apenas a uma ação realizada e concluída no passado. De modo geral, todos os alunos chegaram à conclusão de que a forma verbal **encontrei** indica que a ação tinha acabado de ser executada.

A aplicação das três primeiras sequências de atividades foi relevante para que fizéssemos alguns ajustes na edição final do **Caderno Complementar de Atividades – Os Pretéritos do Modo Indicativo**. Também foi um meio de conferir como os alunos reagiriam diante de exercícios gramaticais que não lhe cobrariam conceitos e nomenclaturas, mas compreensão do uso de fenômenos linguísticos que fazem parte de sua expressão e de seu uso diário. Foi gratificante constatar a compreensão dos alunos quanto aos tipos de pretéritos do modo indicativo nos textos de Carlos Drummond de Andrade, Luis Fernando Verissimo, Landi e Siqueira e Leonardo Brasiliense. Em outras palavras, é possível trabalhar a gramática sem, necessariamente, exigir que os estudantes dominem regras. O mais importante é propor atividades que os levem a reflexão da língua em uso para entender o funcionamento da gramática, a conjugação verbal no passado e os tipos de pretérito do indicativo, levando os alunos a operar sobre o idioma que usam em seu dia a dia por meio de exercícios epilinguísticos, conforme proposto por Franchi (1991). Trata-se de um trabalho de análise e reflexão linguística, do uso da língua, que ajuda os alunos a desenvolverem seu raciocínio em sua expressão oral, escrita e leitora, a partir da exploração dos diversos gêneros textuais (FERNANDES e HAILER, 2000).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa foi decisiva para que pudéssemos propor um ensino de gramática, mais especificamente, de formas verbais conjugadas nos tempos do pretérito, na Educação Básica que se pautar pela língua em uso, considerando os efeitos de sentido que uma determinada classe gramatical, como o verbo, pode apresentar. No recorte dado aos verbos nos pretéritos do modo indicativo, procuramos destacar a sua importância para além das características morfológicas muito exploradas nos materiais didáticos, que levam em consideração paradigmas de conjugação feitos mecanicamente pelos estudantes do Ensino Fundamental. Quase não são vistas, nesses materiais, propostas de atividades de reflexão sobre a utilização dos pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito, em suas formas simples e compostas. Tão pouco não são exploradas as noções de modalidade e de aspecto verbais, úteis na compreensão do sentido dos verbos. Também não há menção sequer à perífrase de gerúndio no passado, comum tanto na língua falada como na escrita, em situações formais ou informais de comunicação.

Esperamos, com este trabalho, ter contribuído na discussão sobre o uso efetivo dos pretéritos no PB dentro de uma abordagem semântica. É possível compreender os efeitos de sentido que os aspectos verbais (perfectivo, imperfectivo, iterativo, durativo etc.) produzem nas formas verbais de passado, principalmente se pensarmos no nosso aluno de 6º e de 7º ano do Ensino Fundamental lendo e produzindo gêneros textuais como crônicas, notícias, depoimentos, relatos de experiência, entre outros, utilizando, como falante competente da língua, os pretéritos de forma adequada. Mais que saber conjugar os verbos nos diferentes tempos e modos verbais, é essencial que o estudante saiba utilizar adequadamente uma determinada construção verbal de acordo com o texto que ele vá produzir: na produção de uma pequena biografia de uma pessoa marcante na sociedade, espera-se que o aluno use os verbos nas formas de pretérito e de presente (no caso de uma personalidade ainda viva), ao passo que, na leitura de um texto sobre a previsão do tempo de sua cidade ou região, o discente consiga compreender o porquê de os verbos ali utilizados estarem em suas formas de futuro.

Questões morfológicas ou estruturais não devem ser deixadas de lado no ensino dos tempos verbais em Língua Portuguesa, principalmente pelo fato de o estudante, em muitos casos, não utilizar, em sua expressão diária, certas formas de pretérito, como o mais-que-perfeito

simples. Negar-lhe o aprendizado de tais construções, comuns em textos literários e determinados documentos oficiais, é tirar-lhe o direito de aprender uma variedade linguística que pode assegurar-lhe uma competência participativa numa sociedade competitiva e discriminatória. Por outro lado, é importante focar nas questões semânticas dos diversos tempos e modos verbais, incluindo uma imensa variedade de construções compostas que vão muito além dos tradicionais verbos auxiliares presentes nos materiais didáticos. Se houver a compreensão de que os verbos se flexionam em tempo, modo, número, pessoa e, principalmente, aspecto (CASTILHO, 1968; PAULA e COELHO, 2012), será muito útil para o aluno a aprendizagem significativa dessa classe gramatical para que ele consiga usá-la adequadamente em suas produções textuais.

O trabalho significativo com a gramática e com os gêneros textuais é um passo para o desenvolvimento de práticas de letramento, pois o uso dos verbos, de forma consciente e apropriada, integra as diferentes manifestações da linguagem e, portanto, adquire função social. Assim, o estudante terá condições de produzir textos mais bem escritos e, também, elaborar uma linguagem mais dialógica e argumentativa, na qual ele poderá ser ouvido e saberá se expressar em sociedade. Para que isso ocorra, práticas de incentivo à formação continuada devem proporcionar ao professor de Língua Portuguesa condições reais de estudo e de atualização frequentes, garantindo ao profissional da sala de aula autonomia suficiente para gerir um competente ensino de língua, gramática, norma padrão e variação linguística.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. S.; CARVALHO, E. S. S.; SANTOS, J.; FREITAG, R. M. K. A expressão do tempo verbal passado no português: a descrição dos compêndios gramaticais. **Interdisciplinar**, Itabaiana, n. 5, v. 12, jul/dez. 2010. p. 257-269.
- BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo; Parábola Editorial, 2012.
- . **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 27. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- BARBOSA, J. B. **Tenho feito/fiz a tese**: uma proposta de caracterização do Pretérito Perfeito no Português. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2008.
- ; CRUZ, R. C. V. Os valores semânticos do presente do indicativo no PB: um estudo em blogs. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 53-79, jan./jun. 2013.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989 [1974].
- BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. C. **Projeto Teláris**: Português. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2012. Obra em 4 v. para alunos do 6º ao 9º ano (Ensino Fundamental).
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- . **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias. 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2015.
- CAMPOS, O. G. L. A. S.; GALEMBECK, P. T.; RODRIGUES, Â. C. S. A Flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. In: CASTILHO, A.; BASÍLIO, M. (orgs.). **Gramática do Português Falado**: as abordagens. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, vol. IV, 1993. (p.405-423).
- CASTILHO, A. T. A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português. **Alfa**, Marília, v. 9, p. 105-153, 1966.
- . Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **Alfa**, Marília, v. 12, p. 11-134, 1968.

_____. **Nova gramática do Português Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____; ELIAS, V. M. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. **As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

CÓCCO, M. F.; HAILER, M. A. **Alp: análise, linguagem e pensamento – a diversidade de textos numa proposta socioconstrutivista**. São Paulo: FTD, 1994. Obra em 4 v para alunos de 5ª a 8ª séries (Ensino Fundamental).

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português: uma introdução a sua interpretação semântica**. Brasília: Thesaurus, 1985.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRANKA, L. M. et al. A sociolinguística no ensino fundamental: resultados de uma pesquisa-ação. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 16, n. 31, p. 361-376, jul./dez. 2010.

FERNANDES, M; HAILER, M. A. **Alp novo: análise, linguagem e pensamento**. São Paulo: FTD, 2000. Obra em 4 v para alunos de 5ª a 8ª séries (Ensino Fundamental).

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto: leitura e redação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SE/CENP, 1991.

FREITAG, R. M. K. **A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

—————; DAMACENO, T. M. S. S. **Livro Didático – Gramática, Leitura e Ensino da Língua Portuguesa**: Contribuições para a Prática Docente. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

GONÇALVES, C. A. V. Falara-se mais-que-perfeito: estudo presente do tempo pretérito. **Alfa**, São Paulo, vol. 37, p. 135-142, 1993.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação Linguística e Ensino de Gramática. **Working Papers em Linguística**. v. 10, n. 1 (2009). ISSN 1984-8420, Florianópolis (Santa Catarina), Brasil.

HOFFNAGEL, J. C. A modalidade e seu tratamento no ensino de língua. **Revista do GELNE**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, ano 1, n. 1, p. 52-55, 1999.

HOUAISS, A. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. Edição *on-line*. São Paulo: Instituto Antônio Houaiss – UOL, 2012. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em 09 set. 2016.

ILARI, R. **Introdução à semântica**: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

—————; SEPULVEDA, C. **Oficina de gramática**: metalinguagem para principiantes. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

MARTINS, M. A. (Org.) **Gramática e Ensino**. Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, volume I. Natal: EDUFRN, 2013. p. 205-224

MENDONÇA, J. J.; FREITAG, R. M. K. A expressão variável do passado imperfeito: uma contribuição para o ensino de língua portuguesa. **Interdisciplinar**, Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana, Ano VIII, v. 17, p. 49-68, jan./jun. 2013.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PAULA, T. F.; COELHO, S. M. Uma lacuna no ensino do sistema verbal Português: a ausência da categoria gramatical aspecto nas aulas de Língua Portuguesa. **Anais do SIELP**. Volume 2, número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 1-11.

PERINI, M. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

—————. **Questões de Linguagem**: Um passeio gramatical dirigido. São Paulo: Parábola, 2011.

ROCHA, R.; MARTINS, C. Uso e ensino dos tempos e modos verbais em uma perspectiva sociolinguística. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M.; MACHADO, V. R. (orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014. p. 181-203.

RODRIGUES, Â. C. S. Tempo verbal: um problema discursivo ou gramatical. **Boletim da ABRALIN**: Associação Brasileira de Linguística, 1993.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo**: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Coordenação geral: Maria Inês Fini. 2. ed. São Paulo: SE, 2012. p. 9-77.

———. **Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo**: Caderno do Aluno; Língua Portuguesa, Ensino Fundamental – anos finais, 5ª série/6º ano. Coordenação geral: Maria Inês Fini. São Paulo: SE, 2014. v. 1 e v. 2.

———. **Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo**: Caderno do Aluno; Língua Portuguesa, Ensino Fundamental – anos finais, 6ª série/7º ano. Coordenação geral: Maria Inês Fini. São Paulo: SE, 2014. v. 1 e v. 2.

———. **Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo**: Caderno do Professor; Língua Portuguesa, Ensino Fundamental – anos finais, 5ª série/6º ano. Coordenação geral: Maria Inês Fini. São Paulo: SE, 2014. v. 1 e v. 2.

———. **Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo**: Caderno do Professor; Língua Portuguesa, Ensino Fundamental – anos finais, 6ª série/7º ano. Coordenação geral: Maria Inês Fini. São Paulo: SE, 2014. v. 1 e v. 2.

SOARES, M. **Linguagem e Escola**: uma perspectiva social. 8. ed. São Paulo: Ática, 1991.

———. **Português**: uma proposta para o letramento. São Paulo: Moderna, 2002. Obra em 4 v. para alunos de 6º ao 9º ano (Ensino Fundamental).

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 3 ed. Uberlândia: UFU, 1994 [1981].

VARGAS, M. V. A. M. O ensino do verbo: tempo e aspecto como categorias semântico-discursivas. **Linha D'Água**, Revista Científica, Universidade de São Paulo, São Paulo, Edição Especial 30 Anos, p. 119-131, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/62347>> Acesso em: 15 jan. 2016.

———. **Verbo e práticas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.) **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

APÊNDICES

Apêndice A – Caderno Complementar de Atividades para alunos sobre o Ensino dos Pretéritos do Modo Indicativo



**CADERNO
COMPLEMENTAR DE
ATIVIDADES**

Os Pretéritos do Modo Indicativo

**Artur Geraldo Pais
Juliana Bertucci Barbosa
Fomento: CAPES**

1. Apresentação

Este caderno de atividades reúne propostas de exercícios que podem ser aplicadas por você, professor, a turmas de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, em especial os sextos e sétimos anos. Aqui, você encontrará atividades que trabalham questões relacionadas ao ensino dos tipos de pretéritos do modo indicativo, destacando não apenas a tradicional abordagem morfológica, comum nos materiais didáticos e apostilas destinadas a essa fase escolar, mas também uma abordagem semântica, em que conceitos de aspecto e modalidade verbais serão úteis para o estudante aprender, de modo significativo, o uso adequado das diferentes maneiras de expressar o passado verbal no português brasileiro.

Para isso, foram contemplados diferentes gêneros textuais (crônicas, fragmento de romance, letras de músicas, quadrinhos, anúncio publicitário, “meme” da internet, linha do tempo, biografia) para o desenvolvimento de atividades que possam propor ao aluno uma reflexão sobre o uso dos pretéritos do modo indicativo. É essencial que o professor conduza a aplicação dos exercícios de forma que o estudante aprenda naturalmente aquilo que já sabe, pois é falante de Língua Portuguesa e tem internamente as regras de funcionamento de seu próprio idioma, com o objetivo de utilizar a língua em seu nível formal.

Gostaríamos de esclarecer que as atividades apresentadas podem ser adaptadas para aplicação em sala de aula, de acordo com as reais necessidades dos alunos, bem como para atender as propostas curriculares dos diferentes sistemas de ensino. Também gostaríamos de lembrar que, no final deste Caderno Complementar, haverá algumas orientações gerais para a aplicação das atividades, e outros textos serão apresentados como sugestão para você elaborar suas próprias atividades sobre os pretéritos do modo indicativo, a partir de uma perspectiva semântica e funcional.

2. Vamos entender os valores semânticos dos tempos verbais?

Aqui buscamos explicar sucintamente para você e para o aluno, de forma clara e objetiva, como compreender, reconhecer e utilizar o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo com base nos conceitos de tempo, modo, aspecto e modalidade, segundo gramáticos e linguistas.

De um modo geral, as gramáticas tradicionais, os livros didáticos e as apostilas de ensino de língua abordam somente questões estruturais dos tempos verbais, havendo pouca (ou quase nenhuma) menção às noções de aspecto e de modalidade verbais, comuns na produção oral e escrita – inclusive em padrão formal – no português do Brasil.

Pouco destaque é dado à utilização das formas compostas de passado nesses materiais: o pretérito perfeito composto é usado para expressar uma ação iniciada no passado e em continuidade no presente (“eu **tenho trabalhado** muito desde a semana passada”); o mais-que-perfeito composto é comumente usado no Brasil, no lugar de sua forma simples, tanto em situações formais ou informais de comunicação (“ela já **tinha almoçado** quando lhe telefonei”); temos a perífrase verbal constituída pelo imperfeito de “estar” mais o gerúndio do verbo principal, indicando uma ação em desenvolvimento no tempo passado (“**estávamos vendo** um filme quando o celular tocou”).

Nos materiais escolares destinados ao ensino de Língua Portuguesa, a menção de tempos compostos no passado ocorre geralmente apenas em tabelas com modelos de conjugação, ou simplesmente para ressaltar que, no caso do mais-que-perfeito composto, se trata de uma construção comum em linguagem coloquial. Raramente esses materiais destacam a utilização do imperfeito no lugar do futuro do pretérito indicando polidez ou gentileza (“eu **preferia** que você viesse amanhã”), bem como o próprio imperfeito usado nas orações principais das subordinadas adverbiais condicionais (“se eu fosse você, **estudava** mais para a prova”).

Exercícios de reflexão sobre o uso dos pretéritos, na maior parte por meio de atividades epilinguísticas, serão propostos para não se restringir o ensino de gramática a preenchimentos de tabelas de conjugação ou a uma mera memorização de tempos e pessoas não muito comuns na atualidade (embora seja necessário esclarecer ao aluno que, por exemplo, a utilização da segunda pessoa do plural – vós – ainda existe em textos literários e religiosos, e em dialetos do sul do Brasil), com os quais ele terá contato em sua vida escolar e, possivelmente, acadêmica e profissional.

3. Propostas de atividades

Nas próximas páginas, apresentamos atividades com a finalidade de propor uma reflexão, por parte de alunos e professores, a respeito dos usos e dos diferentes sentidos que os pretéritos

do modo indicativo assumem em alguns gêneros textuais, como a crônica, a letra de música, o trecho de um romance infantojuvenil, a tirinha, o anúncio publicitário, o “meme” da internet e a (auto)biografia. De acordo com o objetivo de nossa pesquisa e da realização deste material, procuramos elaborar atividades com enfoque nas questões semânticas, funcionais e de aspecto verbal dos pretéritos, sem deixar de lado as características morfológicas dos verbos. Mais uma vez gostaríamos de esclarecer que o professor tem a total liberdade de fazer ajustes ao aplicar as atividades, considerando as necessidades de aprendizagem de seus alunos.

Atividade 1 – ANTIGAMENTE X ATUALMENTE: A EXPRESSÃO DE HÁBITOS NO PASSADO E NO PRESENTE

1. O que vocês esperam encontrar em um texto cujo título é “Antigamente”? O que tal palavra quer dizer para vocês? O que ela indica toda vez que vocês a escutam ou a leem?
2. Em duplas, leiam com atenção o trecho abaixo. Ele foi retirado de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade, chamada “Antigamente”. Tomando como referência o título do texto, o trabalho de vocês será o de preencher as lacunas com os VERBOS indicados entre parênteses, no tempo adequado. Lembrem-se de que a crônica se chama “Antigamente”.

ANTIGAMENTE as moças _____-se (**chamar**) *mademoiselles* e _____ (**ser**) todas mimosas e muito prendadas. Não _____ (**fazer**) anos: _____ (**completar**) primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, _____-lhes (**fazer**) pé-de-alferes, arrastando a asa, mas _____ (**ficar**) longos meses debaixo do balaio. E se _____ (**levar**) tábua, o remédio _____ (**ser**) tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando _____ (**correr**), antigamente, _____ (**ser**) para tirar o pai da força, e não _____ (**cair**) de cavalo magro. Algumas _____ (**jogar**) verde para colher maduro, e _____ (**saber**) com quantos paus se faz uma canoa. O que não _____ (**impedir**) que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. _____ (**encontrar**) alguém que lhes _____ (**passar**) a manta e _____ (**azular**), dando às de vila-diogo. Os mais idosos, depois da janta, _____ (**fazer**) o quilo, saindo para tomar a fresca; e também _____ (**tomar**) cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses _____ (**ir**) ao animatógrafo, e, mais tarde, ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou _____ (**sonhar**) em andar de aeroplano, os quais, de pouco siso, se _____ (**meter**) em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

3. Agora o seu professor vai ler a passagem originalmente escrita por Drummond. Verifiquem se vocês usaram as mesmas formas verbais utilizadas pelo autor.
4. Na opinião de vocês, por que Drummond colocou o título “Antigamente” no texto?
5. O texto está repleto de expressões que não são mais usadas atualmente, além de outras em língua estrangeira, como *mademoiselles*. Com o auxílio do professor, vocês vão anotar o significado de tais expressões e, em seguida, escrever as que poderiam ser utilizadas nos dias de hoje. Façam um levantamento e apresentem para a classe o resultado do trabalho.
6. Vocês usaram todos os verbos no passado, também chamado de pretérito. Agora respondam: qual pretérito foi mais utilizado, o que indica uma ação iniciada e terminada no passado (pretérito perfeito – “chamaram”, “fizeram”, “completaram”, “correram” etc.), ou o que expressa uma ação que se repetia no passado, que era habitual (pretérito imperfeito – “chamavam”, “faziam”, “completavam”, “corriam” etc.), ou, ainda, aquele pretérito que relata uma ação concluída antes de outra ação no passado (pretérito mais-que-perfeito – “tinham chamado”, “tinham feito”, “tinham completado”, “tinham corrido” etc.)? Discutam com seus colegas de classe e, com a ajuda do professor, registrem suas conclusões no caderno.
7. Vamos reescrever, em duplas, o texto de Carlos Drummond de Andrade, mudando o título para “Atualmente”. Fiquem atentos para as transformações que ocorrerão na reescrita, tanto nos verbos quanto nas expressões que vocês pesquisaram no exercício 5.
8. Agora vamos ler o trecho seguinte, que também apresenta ações habituais:

Meu dia começa muito cedo. Eu me levanto às seis da manhã, tomo meu café às seis e meia e, em seguida, caminho para a escola, já que eu moro pertinho do colégio. Minhas aulas começam às sete, e fico na escola até o meio-dia e meia.

Chego em casa às 12h45. Almoço com minha mãe e irmãos mais novos, depois ajudo nas tarefas de casa e faço meus trabalhos escolares até às 16h. Então vou para o *shopping* com alguns colegas da escola, e volto para casa às 18h30. Tomo um banho rapidinho para jantar com minha família, pois meu pai faz questão que estejamos todos juntos à mesa.

Assim que terminamos de jantar e de arrumar a cozinha, meu pai e minha mãe ficam assistindo novela na sala, meus irmãos pegam os brinquedos e eu vou para meu quarto, onde fico navegando na *net* até umas 22h30, já que tenho de dormir e acordar cedinho, para começar essa rotina de novo.

9. Com a ajuda de um colega, vocês vão fazer o processo contrário do que realizaram com o texto do Drummond. Imaginem que hoje vocês já têm mais de vinte anos e vão contar para alguém as lembranças da infância e da adolescência. Reescrevam o texto do exercício 7 colocando no início a expressão “Quando eu estava no 6º ano...”, continuando a narração e efetuando todas as mudanças necessárias.
10. Vocês utilizaram o pretérito para reescrever o texto na atividade anterior. Qual foi o tipo de pretérito que usaram: o perfeito, o imperfeito ou o mais-que-perfeito? Conversem entre si e apresentem para o professor e para os colegas as suas conclusões.

Atividade 2 – A NARRAÇÃO E O VERBO NOS PRETÉRITOS

1. O trecho abaixo foi adaptado da primeira parte da crônica “Lar Desfeito”, de Luis Fernando Verissimo. Leia com atenção e observe, nos destaques, a utilização dos verbos nos pretéritos perfeito e imperfeito do modo indicativo.

José e Maria **estiveram** casados há 20 anos e **foram** muito felizes um com o outro. Tão felizes que um dia, na mesa, a filha mais velha **reclamava**:

- Vocês nunca brigam?

José e Maria se **entreolhavam**. José **respondia**:

- Não, minha filha. Sua mãe e eu não brigamos.
- Nunca brigaram? – **queria** saber Vítor, o filho do meio.
- Claro que já brigamos. Mas sempre fizemos as pazes.
- Na verdade, brigas, mesmo, nunca tivemos. Desentendimentos, como todo mundo. Mas sempre nos demos muito bem...
- Coisa mais chata – **dizia** Venancinho, o menor.

Vera, a filha mais velha, **teve** uma amiga, Nora, que a **deixou** fascinada com suas histórias de casa. Os pais de Nora **viveram** brigando. **Foi** um drama. Nora **contou** tudo para Vera. Às vezes **chorou**. Vera **consolou** a amiga. Mas no fundo **teve** uma certa

inveja. Nora **foi** infeliz. **Deveu** ser bacana ser infeliz assim. O sonho de Vera **foi** ter um problema em casa para poder ser revoltada como Nora. Ter olheiras como Nora.

Vítor, o filho do meio, **frequentou** muito a casa de Sérgio, seu melhor amigo. Os pais de Sérgio **estiveram** separados. O pai de Sérgio **teve** um dia certo para sair com ele. Domingo. **Foram** ao parque de diversões, ao cinema, ao futebol. O pai de Sérgio **namorou** uma moça do teatro. E a mãe de Sérgio **recebeu** visitas de um senhor muito camarada que sempre **trouxe** presentes para Sérgio.

Venancinho, o filho menor, também **teve** amigos com problemas em casa. A mãe do Haroldo, por exemplo, **teve** se divorciado do pai do Haroldo e casado com um cara divorciado. O padrasto de Haroldo **teve** uma filha de 11 anos que **pôde** tocar o Danúbio Azul espremendo uma das mãos na axila, o que **deixou** a mãe do Haroldo louca. A mãe do Haroldo **gritou** muito com o marido.

Bacana.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Outras do analista de Bagé**. Porto Alegre: L&PM, 1982. *Apud* FERNANDES, Maria; HAILER, Marco Antonio. **Alp 5**: análise, linguagem e pensamento. São Paulo: FTD, 1993. p. 18-20.

2. O que você percebeu nas formas verbais destacadas no texto de Luis Fernando Verissimo? Você faria alguma alteração nos verbos utilizados? Comente com seus colegas e, com a ajuda do professor, registre suas conclusões.
3. Agora leia a adaptação da segunda parte da crônica, prestando atenção novamente nos verbos destacados. Siga as instruções apresentadas na atividade anterior.

- Eu não aguento mais esta situação - **dizia** Vera, na mesa.
- Que situação, minha filha?
- Essa felicidade de vocês!
- Vocês deviam ter o cuidado de não fazer isso na nossa frente – **dizia** Vítor.
- Mas nós não fazemos nada!
- Exatamente.

Venancinho **bateu** com o talher na mesa e **reivindicou**:

- Briga. Briga. Briga.

José e Maria **concordaram** que aquilo não podia continuar. **Precisaram** pensar nas crianças. Antes de mais nada, nas crianças. **Mantiveram** uma fachada de desacordo, ódio e desconfiança na frente deles, para esconder a harmonia. Não seria fácil. Inventariam coisas. Trocariam acusações fictícias e insultos.

Tudo para não traumatizar os filhos.

– Víbora, não! – **gritava** Maria, começando a erguer-se do seu lugar na mesa com a faca serrilhada na mão.

José também **erguia-se** e **empunhava** a cadeira.

– Víbora, sim! Vem que eu te arrebento.

Maria **avançava**. Vera **agarrava**-se ao seu braço.

– Mamãe. Não!

Vítor **segurava** o pai. Venancinho, que **esteve** de boca aberta e os olhos arregalados desde o começo da discussão – a pior até então –, **achava** melhor pular da cadeira e procurar um canto neutro da sala de jantar.

Depois daquela cena, nada mais **houve** a fazer. O casal teria que se separar. Os advogados cuidariam de tudo. Eles não **puderam** mais nem se enxergar.

VERISSIMO, Luis Fernando. Op. cit., p. 18-20.

4. Leia a terceira e última parte da crônica, prestando atenção no uso dos verbos nos pretéritos. Siga as instruções do segundo exercício.

Agora era Nora que **consolava** Vera. Os pais **eram** assim mesmo. Ela **tinha** experiência. A família **era** uma instituição podre. Sozinha, na frente do espelho, Vera **imitava** a boca de desdém de Nora.

– Podre. Tudo podre.

E **esfregava** os olhos, para que ficassem vermelhos. Ainda não **tinha** olheiras, mas elas viriam com o tempo. Ela seria amarga e agressiva. A pálida filha de um lar desfeito. Um pouco de pó de arroz talvez ajudasse.

Vítor e Venancinho **saíam** aos domingos com o pai. Uma vez **foram** ao Maracanã junto com Sérgio, o pai do Sérgio e a namorada do pai do Sérgio, a moça do teatro. O pai do Sérgio **perguntou** se José não gostaria de conhecer uma amiga da sua namorada. Assim poderiam fazer mais programas juntos. José **disse** que **achava** que não. **Precisava** de tempo para se acostumar com sua nova situação. Sabe como é.

Maria não **tinha** namorado. Mas no mínimo duas vezes por semana **desaparecia** de casa, depois **voltava** menos nervosa. Os filhos **tinham** certeza de que ela **ia** se encontrar com um homem.

– Eles desconfiam de alguma coisa? – **perguntou** José.

– Acho que não – **respondeu** Maria.

Estavam os dois no motel onde se **encontravam**, no mínimo duas vezes por semana, escondidos.

– Será que fizemos o certo?

– Acho que sim. As crianças agora não se sentem mais deslocadas no meio dos amigos. Fizemos o que tinha que ser feito.

– Será que algum dia vamos poder viver juntos outra vez?

– Quando as crianças saírem de casa. Aí então estaremos livres das convenções sociais. Não precisaremos mais manter as aparências. Me beija.

VERISSIMO, Luis Fernando. Op. cit., p. 18-20.

5. O professor vai ler a versão original da crônica de Luis Fernando Verissimo. Confira as formas verbais que você indicou como adequadas para os fragmentos adaptados.
6. Na construção de uma narrativa, é comum o uso do **pretérito imperfeito do indicativo** na descrição e na apresentação das personagens, do espaço e da situação inicial dos acontecimentos, enquanto o **pretérito perfeito do indicativo** serve normalmente para indicar o início do conflito e seus desdobramentos, bem como para expressar o desfecho (a conclusão, a resolução) da história.
- a) Leia o texto abaixo, tirado do livro **Coisas de índio**, de Omar Landi e Edmilson Siqueira, e observe como os autores utilizaram os verbos no passado na narração. Circule com a cor azul os verbos utilizados no pretérito perfeito e com a vermelha as formas do pretérito imperfeito.

Em 1975, **estávamos** na aldeia Sagarana no meio dos índios Pakaa Nova e por onde **andávamos** **ia** um bando de crianças atrás. Pouco **sabíamos** de índios ainda, **estávamos** aprendendo, tentando nos livrar da vida da cidade grande. Um dos meus maiores medos na ocasião, que ainda hoje persiste embora em menor dose, **era** ser picado por cobra. (...)

Na aldeia **havia** um chiqueirinho onde eu **criava** um leitão, presente do chefe de posto que eu **havia** substituído. Como na aldeia só **havia** alimentos resultantes da caça e da pesca, quase sempre antas e porcos do mato, eu **vivia** sonhando com meu leitãozinho assado, com um pernil bem tostado.

Certa manhã, **fui** levar umas cascas de mandioca para o leitão e me **deparei** com uma cobra perto do chiqueiro. **Era** uma “papa-amarela”, venenosíssima (pelo menos **foi** o que eu **deduzi** na hora). Não **tive** dúvidas: pelo leitão eu faria qualquer coisa, até enfrentar cobra. Como minha coragem **tinha** limite, **fui** apanhar o revólver. (...)

(...) uma das crianças se **desgarrou** do grupo, se **aproximou** por trás da cobra, **apanhou-a** pelo rabo e **bateu** forte com a cabeça dela numa pedra. A cobra **morreu** na hora e o garoto, sorridente, **entregou** para mim.

Depois dessa não me **faltava** nada, **pensei**. Mas **estava** enganado. Alguns dias depois uma sucuri **jantou** meu leitãozinho.

LANDI, Omar; SIQUEIRA, Edmilson. **Coisas de índio**. São Paulo: Ícone, 1985. *Apud* KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 65-67.

- b) A partir do início do conflito da narração, copie os verbos utilizados. Transcreva, também, uma expressão de tempo que marca o começo de tal conflito.

- c) Qual dos dois tipos de pretérito está **predominante** no conflito da narração?
7. A passagem abaixo é um fragmento do livro **Whatever**, de Leonardo Brasiense. Nesse livro, o narrador-personagem João Pedro é um adolescente de classe média que relata o seu dia a dia em casa e na escola, com humor e ironia. Com a colaboração de um colega, preencha as lacunas usando os verbos indicados entre parênteses em uma das duas formas de pretérito estudadas nessa sequência de atividades, ou seja, utilize o pretérito perfeito ou o pretérito imperfeito do indicativo. Depois, compartilhe com os demais colegas as formas que você usou para completar o trecho. Após discussão em sala, o professor vai ler o fragmento originalmente escrito pelo autor.

Um mês antes o Tóbi _____ (**quebrar**) uma pata. Ele _____ (**correr**) atrás de mim, como a gente sempre _____ (**correr**) um atrás do outro desde que eu me lembre de alguma coisa nessa vida. A gente _____ (**correr**) até um pegar o outro e então _____ (**rolar**) na grama e depois se _____ (**levantar**) e quem antes _____ (**estar**) perseguindo agora _____ (**fugir**). Dessa vez a gente _____ (**rolar**), aquele bolo de João Pedro e Tóbi e grama, eu _____ (**cair**) de mau jeito em cima dele e _____ (**ouvir**) um grito forte e agudo, um só, depois ele rosnando e respirando curtinho.

Por sorte _____ (**ser**) domingo, meu pai _____ (**estar**) em casa. Ele _____ (**vir**) correndo ver o que tinha acontecido, e eu não _____ (**saber**) explicar. O Tóbi _____ (**estar**) lá com a pata curvada, molenga, respirando curtinho. Meu pai _____ (**ser**) muito rápido: _____ (**pegar**) o cachorro no colo, com muito jeito porque ele _____ (**estar**) brabo, e _____ (**sair**) de carro nós três, rumo ao veterinário de plantão. Eu _____ (**ir**) olhando para o Tóbi, no banco de trás, e todo mundo quieto.

— Você tá muito grande pra certas brincadeiras, João Pedro.

_____ (**ser**) a única frase que ele _____ (**dizer**) no caminho do veterinário, mas eu a _____ (**ouvir**) como se fossem muitas. Primeiro me _____ (**remoer**) de culpa, tinha quebrado a perna do Tóbi com uma brincadeira

besta, coisa de criança. Depois _____ (**perceber**) que meu pai _____ (**estar**) dizendo que eu já _____ (**ser**) grande, que tinha crescido, o que me _____ (**dar**) certo orgulho. Mas daí _____ (**voltar**) a pensar na porcaria que eu _____ (**fazer**), na pata quebrada do meu cachorro, e ter sentido orgulho só _____ (**piorar**) a culpa.

Para completar, o Tóbi me _____ (**olhar**) como se pedisse ajuda. _____ (**respirar**) curtinho e me _____ (**olhar**) com ar de pidão, como se a culpa fosse dele e não minha. _____ (**estar**) claro que ele _____ (**confiar**) em mim e, se tinha se machucado rolando na grama, a culpa só _____ (**poder**) ser dele, não minha. _____ (**ser**) outro me dizendo que eu já _____ (**ser**) grande. Grande coisa.

O veterinário _____ (**enfaixar**) a perna do Tóbi e _____ (**dizer**) que _____ (**ir**) ficar tudo bem. Tinha quebrado sim, _____ (**dar**) para ver no raio X, mas ele _____ (**ir**) se recuperar logo logo. Meu pai _____ (passar) a mão na minha cabeça. Não _____ (**fazer**) nenhum comentário, só esse gesto, que eu _____ (**sentir**) como se fossem muitos. Ele _____ (**estar**) me perdando, o que me _____ (**aliviar**) a culpa, isso _____ (**ser**) bom. Mas ao mesmo tempo ele me _____ (**dizer**) que eu não tinha crescido tanto.

E isso _____ (**ser**) bom ou ruim?

BRASILIENSE, Leonardo. *Whatever*. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010. p. 13-14.

Atividade 3 – QUANDO O PRETÉRITO ESTÁ ALÉM DO PASSADO...

1. Vamos retomar o trecho de *Whatever*, do escritor Leonardo Brasiliense, utilizado no último exercício da sequência anterior de atividades, “A NARRAÇÃO E OS VERBOS NOS PRETÉRITOS”. Releia-o com atenção. As frases sublinhadas e as formas verbais em negrito serão referência para a resolução dos próximos exercícios.

ATENÇÃO: Nos exercícios propostos você entrará em contato com termos que designam as **formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio e particípio)**, além dos conceitos de **verbo auxiliar** e **verbo principal**. Em caso de dúvida, solicite maiores esclarecimentos do professor.

Um mês antes o Tóbi quebrou uma pata. Ele corria atrás de mim, como a gente sempre corria um atrás do outro desde que eu me lembre de alguma coisa nessa vida. A gente corria até um pegar o outro e então rolava na grama e depois se levantava e quem antes estava perseguindo agora fugia. Dessa vez a gente rolou, aquele bolo de João Pedro e Tóbi e grama, eu caí de mau jeito em cima dele e ouvi um grito forte e agudo, um só, depois ele rosnando e respirando curtinho.

Por sorte era domingo, meu pai estava em casa. Ele veio correndo ver o que tinha acontecido, e eu não sabia explicar. O Tóbi estava lá com a pata curvada, molenga, respirando curtinho. Meu pai foi muito rápido: pegou o cachorro no colo, com muito jeito porque ele estava brabo, e saímos de carro nós três, rumo ao veterinário de plantão. Eu ia olhando para o Tóbi, no banco de trás, e todo mundo quieto.

— Você tá muito grande pra certas brincadeiras, João Pedro.

Foi a única frase que ele disse no caminho do veterinário, mas eu a ouvi como se fossem muitas. Primeiro me remoí de culpa, tinha quebrado a perna do Tóbi com uma brincadeira besta, coisa de criança. Depois percebi que meu pai estava dizendo que eu já era grande, que tinha crescido, o que me deu certo orgulho. Mas daí voltei a pensar na porcaria que eu fiz, na pata quebrada do meu cachorro, e ter sentido orgulho só piorou a culpa.

Para completar, o Tóbi me olhava como se pedisse ajuda. Respirava curtinho e me olhava com ar de pidão, como se a culpa fosse dele e não minha. Estava claro que ele confiava em mim e, se tinha se machucado rolando na grama, a culpa só podia ser dele, não minha. Era outro me dizendo que eu já era grande. Grande coisa.

O veterinário enfaixou a perna do Tóbi e disse que ia ficar tudo bem. Tinha quebrado sim, dava para ver no raio X, mas ele ia se recuperar logo logo. Meu pai passou a mão na minha cabeça. Não fez nenhum comentário, só esse gesto, que eu senti como se fossem muitos. Ele estava me perdoando, o que me aliviava a culpa, isso era bom. Mas ao mesmo tempo ele me dizia que eu não tinha crescido tanto.

E isso era bom ou ruim?

BRASILIENSE, Leonardo. Op. cit., p. 13-14.

- Quando utilizamos o pretérito imperfeito do verbo **ter**, mais o **particípio** do verbo principal (acontecer – **acontecido** / crescer – **crescido** / machucar – **machucado** / quebrar – **quebrado**), temos o **pretérito mais-que-perfeito composto**, que expressa uma ação no passado anterior a outra também no passado. Como exemplo temos a frase “Ele veio correndo

ver o que **tinha acontecido**”, no qual a ação de **acontecer** se desenvolveu antes da ação de **vir correndo**.

- a) Em “me remoi de culpa, **tinha quebrado** a perna do Tóbi com uma brincadeira besta”, a ação de **quebrar** desenvolveu-se antes de qual ação?
 - b) Na frase “se **tinha se machucado** rolando na grama”, qual ação ocorreu antes da ação de **machucar-se**?
 - c) Na passagem “meu pai estava dizendo que eu já era grande, que **tinha crescido**”, a ação de **crescer** não vem necessariamente desenvolvida antes de outra ação, embora o verbo esteja no pretérito mais-que-perfeito composto. Na verdade, a ação em si reforça uma expressão usada pelo narrador João Pedro. Qual?
3. O verbo **ir** expressa diferentes sentidos além da ideia de deslocamento (**ir** de um local a outro). No trecho lido, vemos a sua utilização no pretérito imperfeito do indicativo, porém com significados diversos dessa noção de deslocamento.
- a) Na passagem “Eu **ia olhando** para o Tóbi”, o sentido seria o mesmo se o narrador dissesse “Eu **olhava** para o Tóbi”? Na sua opinião, o que o verbo **ir**, no pretérito imperfeito do indicativo, mais o **gerúndio** do verbo **olhar (olhando)** indicam?
 - b) Nas frases “(o veterinário) disse que **ia ficar** tudo bem” e “mas ele (Tóbi) **ia se recuperar** logo logo”, o verbo **ir** (auxiliando os verbos **ficar** e **recuperar**) expressa a ideia de uma ação que se repetia no passado? Se você tivesse de eliminar o verbo **ir** dessas frases, mas mantendo o mesmo sentido expresso pelo narrador, como você as reescreveria?
 - c) Na reescrita feita no item anterior, qual tempo verbal você utilizou?
4. Em “se (Tóbi) tinha se machucado rolando na grama, a culpa só **podia** ser dele, não minha”, temos uma oração no passado – “se (Tóbi) tinha se machucado rolando na grama” – seguida

de uma oração principal que expressa um resultado imaginado pelo narrador João Pedro: “a culpa só **podia** ser dele, não minha”.

- a) O verbo **poder**, indicador do resultado criado pelo narrador, está em qual tempo verbal?
- b) Esse mesmo verbo está relacionado a qual hipótese?
- c) Em se tratando de hipótese, ou seja, de uma suposição do narrador, a culpa do cachorro ter se machucado foi, **de fato**, do próprio animal?
- d) Se você tivesse de reescrever a oração principal, que outra forma você utilizaria para o verbo **poder**, mantendo o mesmo sentido?
- e) Qual foi o tempo verbal utilizado na reescrita do item anterior?

5. Observe os seguintes períodos retirados do texto:

- “...quem antes **estava perseguindo** agora fugia...”
- “...meu pai **estava dizendo** que eu já era grande...”
- “Ele **estava me perdoando**...”

A utilização do imperfeito do verbo **estar** com o gerúndio do verbo principal normalmente expressa o desenvolvimento de uma ação no passado, ou a duração dessa ação. É comum também o uso de **estar** no imperfeito mais o gerúndio do verbo principal para expressar o desenvolvimento de uma determinada ação no passado, interrompida por outra ação (esta usualmente expressa pelo pretérito perfeito do indicativo), como em:

- João Pedro e Tóbi **estavam brincando** na grama quando o garoto **caiu** de mau jeito em cima do cachorro. (A ação de **brincar** foi interrompida pela ação de o garoto **cair** sobre o animal.)

Um outro uso de **estar** no imperfeito mais o gerúndio do verbo principal refere-se ao desenvolvimento simultâneo de duas ou mais ações no passado, isto é, duas ou mais ações passadas que aconteciam ao mesmo tempo:

- Enquanto João Pedro e Tóbi **estavam brincando** na grama, o pai **estava lendo** o jornal.

É possível que a frase acima seja também expressa das seguintes maneiras:

- Enquanto João Pedro e Tóbi **brincavam** na grama, o pai **estava lendo** o jornal.
- João Pedro e Tóbi **estavam brincando** na grama enquanto o pai **lia** o jornal.
- Enquanto João Pedro e Tóbi **brincavam** na grama, o pai **lia** o jornal.

Tomando os exemplos e as explicações acima como referência, complete as frases abaixo com os verbos indicados, usando as construções mais adequadas no passado.

- Eu _____ (**tomar**) banho quando o telefone _____
_____ (**tocar**).
- Meus pais _____ (**jantar**) enquanto minha irmã _____
_____ (**estudar**) para a prova.
- Assim que _____ (**chegar**) à casa de nossos avós, eles _____
_____ (**assistir**) ao último capítulo da novela.
- _____ (**rir**) à beça de uma comédia na TV quando minha tia me
_____ (**chamar**) para ajudá-la em uma faxina.
- O professor _____ (**abrir**) a porta da sala de aula no momento exato em
que dois alunos _____ (**discutir**) de modo assustador.
- O professor _____ (**fazer**) a chamada enquanto os alunos _____
_____ (**discutir**) sobre futebol.
- Todos _____ (**levantar-se**) na hora que o presidente _____
_____ (**entrar**).
- O acidente _____ (**ocorrer**) no dia que eles _____ (**voltar**) do
exterior.
- O acidente _____ (**ocorrer**) enquanto eles _____ (**voltar**) do
exterior.
- O deputado _____ (**beijar**) a secretária quando a esposa dele
_____ (**abrir**) a porta do gabinete.

6. No período “Ele **veio correndo** ver o que tinha acontecido...”, temos o verbo auxiliar **vir** no pretérito perfeito acompanhado do gerúndio do verbo principal **correr**. Que ideia essa construção (vir correndo) expressa?
7. Em “...e eu não **sabia explicar**”, há o imperfeito do verbo **saber** e o infinitivo do verbo **explicar**. O que indica a construção “saber fazer alguma coisa”?
8. “Mas daí **voltei a pensar** na porcaria que eu fiz...” Nesse exemplo tirado do texto, o verbo auxiliar **voltar** (no pretérito perfeito) está acompanhado da preposição **a** e do verbo principal no infinitivo. Que ideia podemos concluir a respeito da ação de **pensar**, nesse caso?
9. Preste atenção nesta passagem do texto:
 - “...quem antes estava perseguindo agora **fugia**...”

O verbo **fugir**, no pretérito imperfeito, não indica uma repetição, mas expressa uma mudança de ação, possivelmente em decorrência do uso do advérbio agora, que, no caso, não significa “neste momento”, “atualmente”, mas “naquele momento”, “naquele instante”. Em outras palavras, o narrador quis dizer que em um determinado momento, ele perseguia o cachorro e este fugia dele, e na situação seguinte, era o cachorro que perseguia o narrador e ele, por sua vez, fugia do animal.

Agora observe estes versos da canção “Ainda Bem”, composta por Marisa Monte e Arnaldo Antunes:

“Ainda bem
Que agora **encontrei** você
Eu realmente não sei
O que eu fiz pra merecer
Você”

Aqui, diferentemente da narração de João Pedro, notamos que o uso do advérbio agora mais o pretérito perfeito do verbo **encontrar** apresenta outro sentido. Qual?

Atividade 4 – O PRETÉRITO EM DIFERENTES ASPECTOS

Vamos agora ler a letra da canção “Ainda Bem”, de Marisa Monte e Arnaldo Antunes, prestando atenção no passado dos verbos em negrito.

Ainda bem
 Que agora **encontrei** você
 Eu realmente não sei
 O que eu **fiz** pra merecer
 Você
 Porque ninguém
Dava nada por mim
 Quem **dava**, eu não **tava** a fim
 Até **desacreditei**
 De mim
 O meu coração
 Já **estava** acostumado
 Com a solidão
 Quem diria que a meu lado
 Você iria ficar
 Você **veio** pra ficar
 Você que me faz feliz
 Você que me faz cantar
 Assim
 O meu coração
 Já **estava** aposentado
 Sem nenhuma ilusão
Tinha sido maltratado
 Tudo se **transformou**
 Agora você **chegou**
 Você que me faz feliz
 Você que me faz cantar
 Assim

MONTE, Marisa.; ANTUNES, Arnaldo. Ainda bem. In: **O Que Você Quer Saber de Verdade**. Marisa Monte. Rio de Janeiro: EMI, 2011. Faixa 9.

1. O verbo **fazer**, no pretérito perfeito em “Eu realmente não sei / O que eu **fiz** pra merecer / Você”, refere-se a uma ação concluída no passado ou a uma ação iniciada no passado e com resultados no presente? Que expressão da letra da canção reforça a sua resposta?

2. No trecho “Porque ninguém / **Dava** nada por mim / Quem **dava**, eu não **tava** a fim / Até **desacreditei** / De mim”, temos ocorrências de dois verbos no imperfeito (**dar** e **estar**) e um no perfeito (**desacreditar**).
- Quando a voz da canção diz que ninguém **dava** nada por ela, a ideia de repetição no passado registrada pelo verbo **dar** não significa “ceder”, “entregar” ou “oferecer”. Lendo o trecho com atenção, é possível indicar um sinônimo para esse verbo. Qual?
 - A voz da canção diz que quem **dava** algo por ela, ela não **estava (tava)** a fim. O que ela quis dizer com isso?
 - Em “Até **desacreditei** / De mim”, o que sugere o verbo **desacreditar** no pretérito perfeito?
3. O imperfeito do verbo **estar** nos versos “O meu coração / Já **estava** acostumado / Com a solidão” e “O meu coração / Já **estava** aposentado / Sem nenhuma ilusão”, seguido do advérbio **já**, indica o estado ou a situação em que se encontrava a voz da canção. Que estado é esse?
4. O verbo **vir** em “Você **veio** pra ficar” está no pretérito perfeito, porém não se resume à ideia de uma ação concluída no passado (ou seja, “você ficou”).
- a) Qual o sentido do verbo **vir** na construção “você **veio** pra ficar”?
 - b) Localize na canção um verso que apresenta um outro verbo com o mesmo sentido do verbo **vir** em “Você **veio** pra ficar”.
5. Em “O meu coração / (...) / **Tinha sido** maltratado”, em que o verbo **ser** se encontra no pretérito mais-que-perfeito composto, temos a indicação do estado do coração da voz da canção antes de outro acontecimento. Qual?
6. Em “Tudo se **transformou**”, o que indica o verbo **transformar**, no pretérito perfeito? Afinal, o que se **transformou** segundo a voz da canção?
-

Atividade 5 – O SER, O TER, O EXISTIR, O HAVER, O PARTIR, O IR... E O PASSADO

1. Leia a tirinha abaixo para responder às questões que seguem.



BECK, Alexandre. Armandinho. In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 out. 2015. Folhinha, p. 2.

Os três verbos utilizados no texto (**ser**, **existir** e **usar**) encontram-se no pretérito imperfeito do modo indicativo.

- Tomando como referência a expressão “naquela época”, o que indica a utilização do verbo **ser**, no pretérito imperfeito, em “...o mundo **era** muito diferente...”?
- O imperfeito do verbo **ser** normalmente expressa um estado habitual no passado. Além do exemplo apresentado na tirinha do Armandinho, podemos perceber esse uso em frases como “quando eu **era** mais novo, eu estudava à tarde” e “**éramos** amigos desde a época em que ainda estávamos no colégio”. Por outro lado, esse verbo pode expressar a marcação de tempo remoto, muito antigo, uso comum em textos literários e em contos de fada. Escreva uma frase utilizando o imperfeito do verbo **ser** com esse sentido.
- O verbo **existir** designa, como a própria palavra indica, a existência de algo. Na tirinha, Armandinho escuta uma senhora (provavelmente sua avó ou bisavó) relatando as coisas que não existiam quando ela era mais jovem. Em uma situação em que se deva usar uma linguagem mais culta, além do verbo **existir**, a senhora poderia ter utilizado uma outra forma verbal com o mesmo sentido. Qual?

- d) Na língua que utilizamos no nosso dia a dia, recorreríamos a um outro verbo, com o mesmo sentido do **existir** e do apresentado como resposta no item anterior. Que verbo é esse? Como ficaria sua forma no imperfeito em substituição ao “existia”?
- e) A senhora disse ao Armandinho que “...não **existia** telefone, rádio, nem tevê...”. Como ficaria essa frase se o verbo **existir**, na forma negativa, viesse depois de “telefone, rádio e tevê”? A senhora poderia ter utilizado essa flexão (forma) em sua fala?
- f) Haveria alguma alteração na flexão (forma) verbal se, seguindo o procedimento do item anterior, fosse utilizado o verbo apresentado como resposta no item c?
- g) No último quadrinho da tirinha, o verbo **usar** indica um hábito no passado. Armandinho o utilizou ao fazer à senhora uma indagação que provocou humor na história. Identifique a palavra que reforça o sentido do verbo **usar** e que, conseqüentemente, provoca o riso no leitor e demonstra a inocência do garoto.
2. Agora leia esta outra tirinha do Armandinho para responder às questões seguintes.



BECK, Alexandre. Armandinho. In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 nov. 2015. Folhinha, p. 2.

- a) Segundo o **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o verbo **partir** admite dentre várias acepções as seguintes: dividir(-se) em partes; separar; danificar(-se) ou destruir(-se), quebrando; causar ou sofrer fratura; ter início, origem; deixar um local, sair, ir embora; finir-se, perder a vida, falecer; começar a se deslocar de repente; repartir,

distribuir. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=sentir>>. Acesso em 09 set 2016.

Ao ler o primeiro quadrinho, qual o sentido imediato que o leitor interpreta do verbo **partir** no pretérito perfeito do modo indicativo?

- b) No segundo quadrinho, esse “sentido imediato” se mantém? Por quê?
- c) E ao ler o terceiro quadrinho, qual foi, de fato, o sentido que o pai de Armandinho utilizou para o verbo **partir** no perfeito do indicativo?
- d) Com base na resposta dada no item anterior, o que se pode inferir a respeito do pai de Armandinho em relação à tia do garoto?
- e) Em “...ela **foi** a Belo Horizonte...”, temos o uso de uma flexão (forma) verbal na terceira pessoa do singular (ela), também no pretérito perfeito do indicativo. Na frase “quem **foi** que chegou atrasado à aula ontem?”, temos essa mesma flexão, a mesma terceira pessoa do singular e o mesmo tempo verbal. Porém, trata-se do mesmo verbo? Converse com seus colegas de classe e registre suas conclusões.

Atividade 6 – O PASSADO QUE SE REPETE...

A repetição das formas verbais no anúncio publicitário do programa de televisão “**A Fazenda**” (Rede Record), publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, reforça a rotina que os participantes, confinados em uma fazenda, enfrentaram no campo, lidando com as tarefas típicas do meio rural. O uso repetitivo dos verbos na terceira pessoa do singular (ele/ela) do pretérito perfeito do modo indicativo no anúncio ilustra a saga de uma das participantes que saiu vitoriosa na edição de 2012 do *reality show*, a atriz e modelo Viviane Araújo.

C6 ilustrada ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 2015 FOLHA DE S. PAULO

RECORD

**BRIGOU, SORRIU, CHOROU,
FOI PRA ROÇA, VOLTOU.
BRIGOU, SORRIU, CHOROU,
FOI PRA ROÇA, VOLTOU.
BRIGOU, SORRIU, CHOROU,
FOI PRA ROÇA, VOLTOU.
FOI CAMPEÃ.**

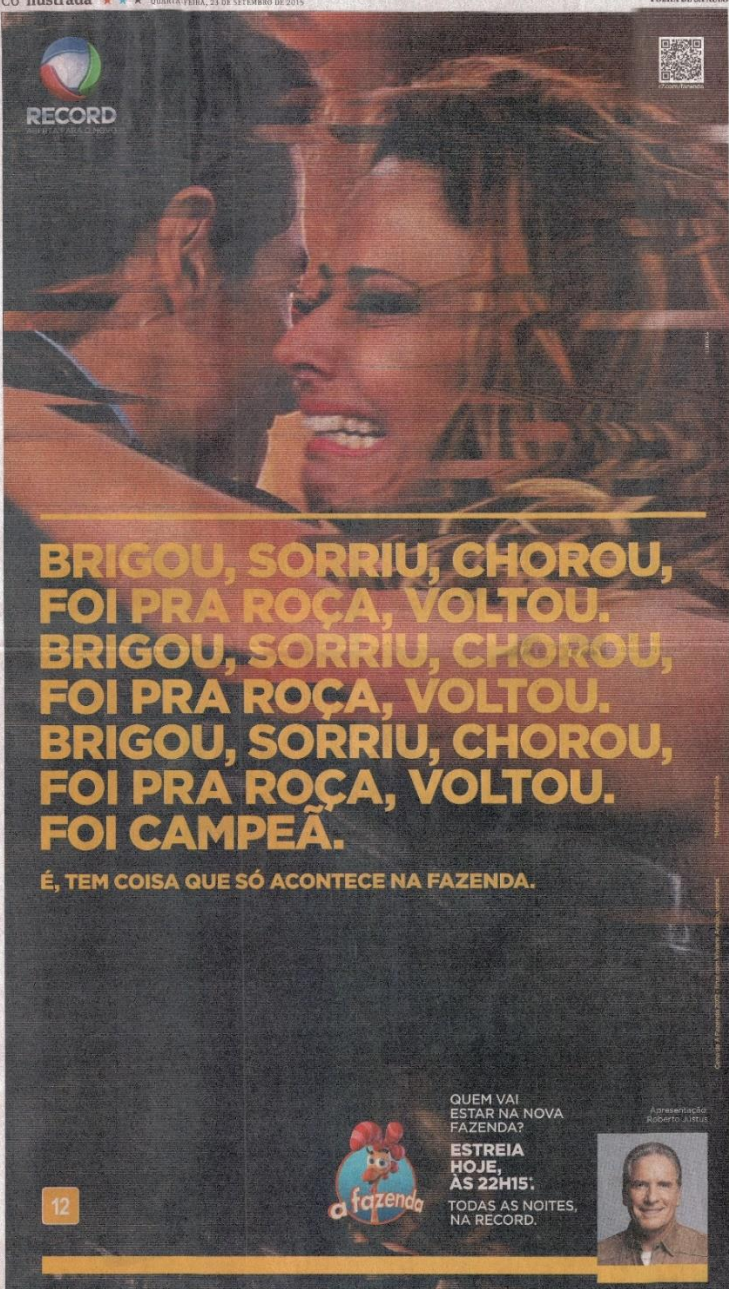
É, TEM COISA QUE SÓ ACONTECE NA FAZENDA.

12

QUEM VAI
ESTAR NA NOVA
FAZENDA?

**ESTREIA
HOJE,
ÀS 22H15:
TODAS AS NOITES,
NA RECORD.**

Apresentação:
Roberto Jurita



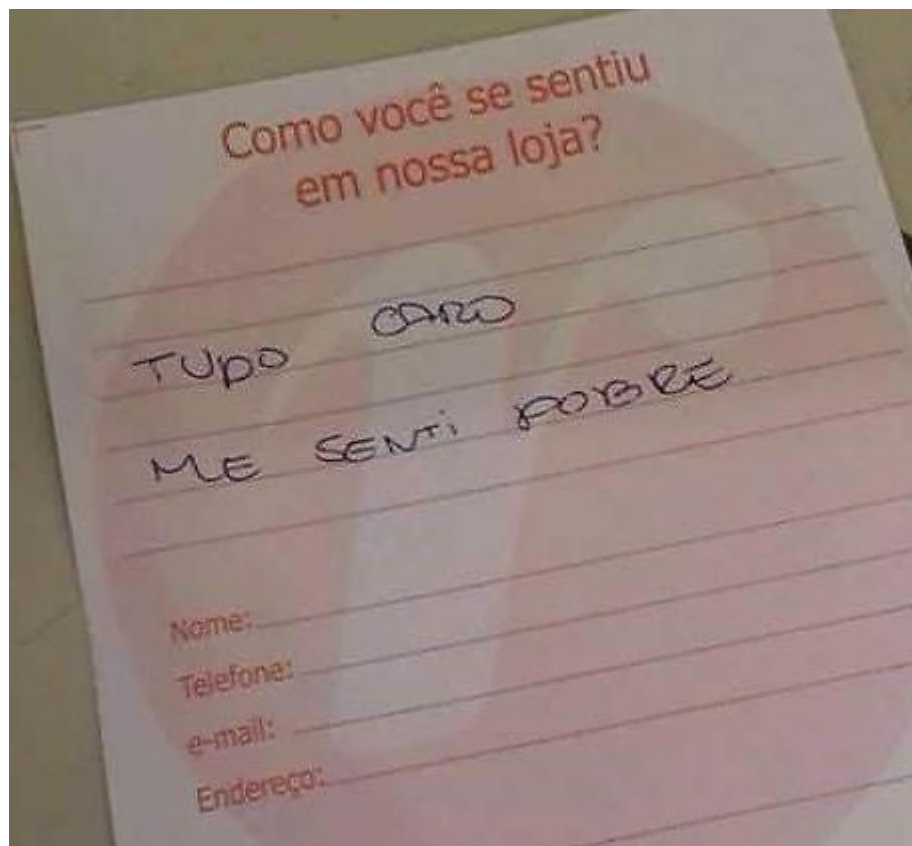
Folha de S. Paulo, São Paulo, 23 set. 2015. Ilustrada, p. C6.

1. Cada participante do programa, na convivência com os demais, passou por momentos de euforia, de desentendimento com os outros habitantes da fazenda e de lamentações. Identifique as respectivas formas verbais do anúncio que se referem a tais momentos. Explique qual o sentido da repetição dessas formas verbais.

2. Em decorrência do que demonstra a repetição das formas verbais, o(a) participante acabava sofrendo uma sanção, uma punição, com o risco de ser eliminado do *reality*. Qual expressão do anúncio indica essa sanção?
3. Em relação à resposta da questão anterior, qual o sentido do verbo **voltar** no pretérito perfeito do indicativo?
4. Depois das repetidas sequências verbais, temos uma mudança de estado de um dos participantes do *reality*. Com base nisso, que outro verbo poderíamos utilizar no lugar da forma verbal destacada em “**foi** campeã”?
5. Embora esteja na mesma terceira pessoa do singular e no mesmo tempo e modo verbal (pretérito perfeito do indicativo), explique a diferença de sentido e de vocabulário entre a forma verbal **foi** em “**foi** pra roça” e “**foi** campeã”.

Segundo o site Significados (www.significados.com.br), “**meme**” é um termo grego que significa imitação. Esse vocábulo é bastante conhecido e utilizado na internet, referindo-se ao fenômeno de “viralização” de uma informação; ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música etc. que se espalhem entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/meme/>>. Acesso em 09 set. 2016.

O **meme** da próxima página é objeto de análise para o exercício 6 desta sequência de atividades.



<<http://www.insoonia.com/opiniao-sincera-de-um-consumidor/>> Acesso em 31 dez 2015.

6. De acordo com o **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o verbo **sentir** apresenta, entre várias, as seguintes definições: ter a sensação de; receber impressão; perceber por meio de qualquer órgão dos sentidos; ter ou tomar consciência (de uma impressão íntima, de um estado espiritual, de uma condição física); apresentar-se (em determinada condição física, mental ou espiritual, mas não de modo permanente); experimentar (algo) em seu corpo e/ou em sua mente; ser sensível a; deixar-se impressionar por; ouvir indistintamente; aprender intelectual e afetivamente; compreender; sofrer a ação de; experimentar etc. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=sentir>>. Acesso em 09 set 2016.

Observando as duas ocorrências do verbo **sentir** no pretérito perfeito do indicativo, esse termo não apresenta o mesmo sentido. Comente quais os dois sentidos do verbo **sentir** e, com suas próprias palavras, explique qual foi o objetivo de o texto ter apresentado essa diferença de significado.

Atividade 7 – ESCRREVENDO SOBRE O PASSADO

1. Leia a linha do tempo abaixo sobre um conhecido jogador de futebol:

- 1992 – Neymar da Silva Santos Júnior nasce em Mogi das Cruzes, SP, no dia 5 de fevereiro.
- 1998 – Inicia sua carreira no futebol nas categorias de base da Portuguesa Santista.
- 2002 – Chega às categorias de base do Santos; conhece Paulo Henrique Ganso.
- 2006 – Aos 14 anos, viaja para a Espanha, com o objetivo de fazer um estágio no Real Madrid; a diretoria do Santos paga um milhão de reais ao jogador para que ele permaneça nas categorias de base do clube e se torne profissional.
- 2009 – No dia 7 de março, faz sua estreia no time profissional do Santos, aos 17 anos.
- 2008 – Participa, pela seleção de base do Brasil, da Copa do Mundo Sub-17.
- 2010 – Consegue, pelo Campeonato Paulista, o feito de marcar cinco gols em cinco clássicos (contra o São Paulo, o Corinthians e o Palmeiras); consagra-se, junto ao Santos, campeão paulista.
- 2010 – A diretoria do Santos, com a ajuda de Pelé, mantém o jogador no clube, em meio a fortes especulações sobre uma possível transferência para o clube inglês Chelsea.
- 2010 – O jogador recebe sua primeira convocação pela Seleção Brasileira em 26 de julho.
- 2010 – Neymar torna-se o vice-artilheiro do Brasileirão, com 17 gols.
- 2011 – Consagra-se com o Santos bicampeão paulista.
- 2011 – Torna-se, pelo Santos, campeão na Libertadores.
- 2011 – É o primeiro jogador atuando na América do Sul a ser indicado ao prêmio Bola de Ouro FIFA 2011.
- 2011 – Após a final do Mundial de Clubes da FIFA, em que o Santos é derrotado pelo Barcelona, Neymar é eleito o terceiro melhor jogador do torneio, conquistando o prêmio Bola de Bronze.
- 2012 – O jogador marca seu centésimo gol no dia 5 de fevereiro, na derrota do Santos pelo Palmeiras, no Paulistão.
- 2012 – Em 13 de maio, marca dois gols na vitória do Santos por 4-2 contra o Guarani, garantindo o tricampeonato paulista.
- 2012 – Joga pela Seleção Brasileira nas Olimpíadas de Londres, conquistando a medalha de prata.
- 2013 – Disputa sua última partida pelo Santos no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, no dia 25 de março.
- 2013 – Transfere-se para o Barcelona, na Espanha, em 25 de maio.
- 2013 – Neymar consagra-se, com a Seleção Brasileira, campeão da Copa das Confederações, derrotando a Espanha.



Alex Fau. In: <<https://www.flickr.com/photos/alexizor/16245492137/>> Acesso em 18 set 2016.

- 2014 – Participa da Copa do Mundo, mas sofre uma dura lesão durante a partida Brasil X Colômbia, o que o impede de jogar as últimas partidas pela Seleção no campeonato.
- 2014 – No dia 10 de dezembro, destaca-se na vitória do Barcelona contra o PSG, por 3 a 1, marcando um belo gol fora de área.
- 2015 – Começa o ano com uma atuação brilhante diante do Atlético de Madrid pelas quartas de finais da Copa da Espanha, marcando duas vezes na vitória catalã por 3 a 2 no Vicente Caldeirón.
- 2015 – Em 21 de abril, destaca-se na vitória que coloca o Barcelona na semifinal da Liga dos Campeões, marcando os dois gols no confronto contra o PSG (2 a 0).
- 2015 – Pela Seleção Brasileira, disputa a Copa América no Chile, mas é expulso na segunda rodada do campeonato.
- 2015 – Em dezembro, disputa, pelo Barcelona, a final do Mundial de Clubes da FIFA contra o River Plate; ajuda o clube catalão a vencer por 3 a 0 e a conquistar seu quinto título no ano.
- 2016 – O jogador fica em terceiro lugar no prêmio Bola de Ouro da FIFA, em 11 de janeiro.
- 2016 – Participa, pela Seleção Brasileira, das eliminatórias da Copa do Mundo 2018.
- 2016 – O Barcelona não libera o atleta para participar com a Seleção Brasileira da Copa América Centenário, nos EUA.
- 2016 – Participa das Olimpíadas do Rio de Janeiro, garantindo a primeira medalha de ouro para o Brasil na final contra a Alemanha.

Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Neymar> > Acesso em 18 set 2016.

2. Você deve ter observado que, apesar de relatar fatos já ocorridos na vida de Neymar, os **verbos** apresentados na linha do tempo do jogador estão no **presente do indicativo**. Explique, com suas palavras, por que foi utilizado o presente no lugar do **pretérito perfeito**.

3. Vamos reescrever a linha do tempo em forma de um texto biográfico? Imagine que você está participando da elaboração de um livro sobre a vida de vários atletas brasileiros. Apresentamos uma pequena introdução para que você continue sua produção. Fique atento às mudanças nas formas verbais (e a outras mudanças, como o uso de pronomes, de orações, de palavras de ligação como “mas”, “porém”, “entretanto”, “porque”, “portanto”, “e” etc.):

Neymar da Silva Santos Júnior nasceu em Mogi das Cruzes, SP, no dia 5 de fevereiro de 1992. Ele iniciou sua carreira no futebol...

4. Agora, imagine que você já esteja com 30 anos e recebe um convite de sua “antiga escola” para escrever uma pequena **autobiografia**, ou seja, um pequeno relato de sua vida, de forma

que os alunos “do futuro” conheçam um pouco mais sobre você, seu perfil, seus gostos pessoais, suas amizades, suas matérias escolares favoritas, como era a escola na sua época etc. A escola pretende lançar um livro com esses relatos autobiográficos de estudantes que marcaram uma fase do colégio e que podem servir de exemplo para futuras gerações.

Que responsabilidade, não? Mas a sua tarefa é simples: escreva sua autobiografia, destacando alguns pontos importantes de sua vida. Procure utilizar os verbos na primeira pessoa e no passado, sejam eles no pretérito perfeito ou no imperfeito do modo indicativo. Para isso, propomos o seguinte roteiro para sua produção:

- no primeiro parágrafo, escreva sobre a data e o local de seu nascimento, relate um pouco de sua infância antes de ir para a sua (primeira) escola, como eram os costumes de seus familiares (pais, avós, tios, primos etc.);
- no segundo parágrafo, apresente a sua reação nos seus primeiros dias na escola (se foi tranquila, se você queria voltar para casa, se ficou chorando, quem foi o/a primeiro/a professor/a, com que colegas você fez amizade, que brincadeiras eram comuns na época, entre outros fatos);
- no terceiro parágrafo, narre sobre a sua aprendizagem da leitura e da escrita, diga quais eram as matérias que você tinha bom desempenho e aquelas que eram difíceis para você; aproveite para escrever sobre os/as professores/as que você teve até o quinto ano, e como eles foram responsáveis pela sua aprendizagem;
- no último parágrafo, escreva sobre a entrada no sexto ano, muito provavelmente em uma outra escola, e diga qual foi o impacto de conhecer vários professores, de ter várias disciplinas, da mudança de ambiente escolar, de entrar em contato com os novos amigos (conte como foi seu primeiro dia de aula nessa nova escola – normalmente situações engraçadas ou embaraçosas ocorrem e vêm sempre às nossas lembranças...).

Lembre-se de que os itens acima são apenas um roteiro para que você faça a sua autobiografia. Nada impede que você acrescente outros fatos que julgar importantes para o seu relato. O essencial é que você produza um texto que será lido por futuros alunos, de modo que se sintam influenciados a estudar e, também, valorizar a escola onde um dia você estudou...

Mãos à obra!

4. Orientações para o professor

Apresentamos, a seguir, algumas orientações para você aplicar os exercícios propostos no **Caderno Complementar de Atividades – Os Pretéritos do Modo Indicativo**. Conforme já exposto no tópico “Propostas de atividades” na introdução do Caderno, a realização de ajustes na aplicação das atividades pode ser necessária conforme as necessidades de aprendizagem dos estudantes.

Atividade 1 – Antigamente X Atualmente: A expressão de hábitos no passado e no presente

A realização do exercício 5 requer a compreensão detalhada das expressões arcaicas que Carlos Drummond de Andrade utilizou na crônica “Antigamente”. Isto é necessário para que o aluno consiga transpor o sentido das expressões de outrora para as que ele usa no seu dia a dia, de forma que ele possa realizar o exercício 7, que consiste na reescrita da crônica, em forma de “paródia”, com o título “Atualmente”, além de mudar o tempo verbal do texto de Drummond (do imperfeito do indicativo para o presente do mesmo modo). Tomando por base Fiorin e Savioli (1997), listamos abaixo as expressões arcaicas presentes no fragmento com seus respectivos significados:

- **aeroplano:** avião;
- **animatógrafo:** cinema;
- **arrastar a asa:** galantear, “paquerar”;
- **azular:** fugir;
- **cair do cavalo:** ter forte ou grande surpresa; decepcionar-se;
- **cinematógrafo:** cinema;
- **dar às de vila-diogo:** fugir, desaparecer, “escafeder”;
- **dar com os burros n’água:** sair-se mal;
- **embarcar em canoa furada:** meter-se em negócios arriscados;
- **fazer o quilo:** fazer a digestão;
- **fazer pé-de-alferes:** namorar;
- **ficar debaixo do balaio:** ficar à espera;
- **ir pregar em outra freguesia:** arrumar outro negócio;

- **janota:** rapaz elegante;
- **jogar verde para colher maduro:** tentar obter informação de maneira indireta;
- **levar tábua:** receber uma negativa;
- **mademoiselles:** termo francês que significa “senhoritas”;
- **meter-se em calças pardas:** meter-se em dificuldades, em confusão;
- **meter-se em camisa de onze varas:** ocupar-se de empreendimento superior às suas forças;
- **nesse entrementes:** nesse momento;
- **passar a manta:** tapear, enganar;
- **saber com quantos paus se faz uma canoa:** receber um corretivo, um castigo;
- **siso:** juízo;
- **tirar o cavalo da chuva:** desistir;
- **tirar o pai da força:** fazer as coisas muito apressadamente;
- **tomar a fresca:** tomar ar.

Atividade 2 – A narração e o verbo nos pretéritos

Esta sequência de atividades tem por objetivo esclarecer o uso dos pretéritos perfeito e imperfeito do modo indicativo nos textos narrativos, conforme Kleiman (2013). Apresentamos a crônica “Lar Desfeito”, de Luis Fernando Verissimo, com os verbos nos pretéritos em negrito, intencionalmente alterados (o perfeito no lugar do imperfeito, e vice-versa), para provocar uma espécie de “estranhamento” ao aluno ao ler o texto. Em algumas passagens, a troca dos pretéritos pode não atrapalhar a compreensão da crônica, como no trecho “– Eu não aguento mais esta situação – **dizia** Vera, na mesa”, no qual, no original de Verissimo, encontra-se a forma verbal **disse**. Entretanto, nas sequências em que o narrador descreve algumas personagens, como em “Vera, a filha mais velha, **teve** uma amiga, Nora, que a **deixou** fascinada...”, a troca das formas verbais tira a coesão do texto. É importante que o professor deixe os alunos perceberem o tal “estranhamento”, partindo deles mesmos as possíveis alterações que se fizerem necessárias para o pleno entendimento do texto. No tópico “Textos suplementares para uso do professor”, está apresentada a crônica de Verissimo no original.

Os exercícios 6 e 7 desta sequência de atividades exploram, de maneira prática, os usos do perfeito e do imperfeito do modo indicativo nos textos narrativos. O fragmento original do

romance de Leonardo Brasiense, objeto do exercício 7, encontra-se na sequência de atividades seguinte.

Atividade 3 – Quando o pretérito está além do passado...

Ainda utilizando o fragmento de *Whatever* da sequência anterior, o propósito desta sequência é abordar o uso das formas de pretérito do indicativo no lugar de outros tempos verbais, como o caso do futuro do pretérito. No item **b** do exercício 3, as formas “**ia ficar**” e “**ia se recuperar**”, com o verbo **ir** funcionando como verbo auxiliar, substituem as formas “**ficaria**” e “**se recuperaria**”. O mesmo ocorre no trecho “a culpa só **podia** ser dele, não minha”, no exercício 4 – no item **d**, o aluno deve substituir a forma do imperfeito do verbo **poder** por sua forma no futuro do pretérito do indicativo, “**poderia**”. É importante discutir com os estudantes por que foram utilizadas as formas de pretérito no romance, uma vez que se trata de um adolescente como o narrador da história, o que justificaria o uso de uma linguagem “menos” formal.

No mesmo exercício 3 desta sequência de atividades, o verbo **ir**, no imperfeito, acompanhado do gerúndio do verbo **olhar**, em “Eu **ia olhando** para o Tóbi”, indicam a continuidade da ação (“eu continuava olhando para o Tóbi”).

No exercício 6, a construção “**vir correndo**” expressa a ideia de desenvolvimento da ação. O uso do verbo **saber**, em “...eu não **sabia explicar**”, no exercício 7, indica a habilidade ou a capacidade de alguém fazer algo. Já no exercício 8, espera-se que os alunos possam concluir que o verbo **voltar**, no trecho “Mas daí **voltei a pensar** na porcaria que eu fiz...”, faz com que a ação de **pensar** se repita, ou seja, que ocorra novamente.

O último exercício desta sequência de atividades apresenta, em um verso da canção de Marisa Monte e Arnaldo Antunes, o uso do perfeito do verbo **encontrar** junto ao adjunto adverbial **agora**, indicando tratar-se de uma ação que acabara de acontecer.

Atividade 4 – O pretérito em diferentes aspectos

A letra da canção “Ainda Bem” (Marisa Monte e Arnaldo Antunes) apresenta os pretéritos de **encontrar**, **fazer**, **dar**, **estar**, **desacreditar**, **vir**, **ser**, **transformar** e **chegar** para o aluno analisar o sentido do passado desses verbos.

Em “Eu realmente não sei / O que eu **fiz** para merecer / Você”, o verbo **fazer** refere-se a uma ação iniciada no passado com resultados no presente. A expressão “não sei” reforça esse sentido, além do advérbio “agora”, utilizado no segundo verso da canção.

O verbo **dar**, em “Porque ninguém / **Dava** nada por mim”, tem como sinônimo o verbo “acreditar”. Pode-se perceber isso nos versos “Até **desacreditei** / De mim”. O verbo **desacreditar** passa a ideia de que o eu-lírico da canção não tinha mais esperança de amar alguém, não acreditava mais na capacidade de amar. Por isso, no verso “Quem **dava**, eu não **tava** a fim”, o imperfeito do verbo **estar**, na forma negativa, indica que a voz da canção não demonstrava mais interesse em amar. O mesmo imperfeito desse verbo, nos versos “O meu coração / Já **estava** acostumado” e “O meu coração / Já **estava** aposentado”, seguido do advérbio “**já**”, indica o conformismo do eu-lírico quanto ao fato de não ter mais esperanças de viver um novo amor.

O verbo **vir**, em “Você **veio** pra ficar”, indica o término da ação, o objetivo da pessoa amada para realizar a ação de **ficar**. O verbo **chegar**, no verso “Agora você **chegou**”, é sinônimo do verbo **vir**.

O pretérito mais-que-perfeito composto do verbo **ser** (“O meu coração / ... / **Tinha sido** maltratado”) indica que o coração da voz da canção está iludido com as promessas de amores anteriores, pois “já estava aposentado” de tantos maus tratos.

No último exercício da sequência, o pretérito perfeito do verbo **transformar**, no verso “Tudo se **transformou**”, indica uma mudança de estado: antes, a voz da canção não acreditava mais no amor, por causa das decepções constantes; **agora**, essa mesma voz, diante de um novo amor, passa a ver sentido em sua vida. Por isso, “Ainda bem / Que agora encontrei você / (...) / Você que me faz feliz / Você que me faz cantar / Assim”.

Atividade 5 – O ser, o ter, o existir, o haver, o partir, o ir... e o passado

Esta sequência de atividades, composta por dois exercícios, tem por base duas tirinhas do personagem Armandinho, publicadas no antigo suplemento Folhinha, do jornal **Folha de S. Paulo**. No primeiro exercício, espera-se que os alunos compreendam a utilização do verbo **ser**, no imperfeito do indicativo, indicando um estado anterior das coisas, como em “Naquela época, o mundo **era** muito diferente...” (item **a**), além do uso habitual em textos literários, como “**era** uma vez...” (item **b**). Nesse mesmo exercício, são explorados os sentidos do verbo **existir**, contrastado com a utilização do verbo **haver**, em um nível de linguagem mais formal (itens **c** e **f**), e o verbo **ter**, em linguagem coloquial (item **d**). Nos itens **e** e **f** são exploradas as diferenças morfológicas dos verbos **existir** e **haver**, especificamente no que diz respeito à concordância verbal. Já no último item do exercício, a letra **g**, a partir da utilização do verbo **usar** no imperfeito do indicativo, expressando hábito no passado, espera-se que os alunos consigam perceber o efeito de humor na tirinha, provocado pelo advérbio **só**: a avó (ou bisavó) do garoto afirmara que o mundo era bem diferente, pois no tempo dela não havia telefone, rádio e televisão; Armandinho, em sua inocência, perguntara se eles **só** usavam a internet.

O segundo exercício da sequência toma por base uma outra tirinha com o mesmo personagem, desta vez dialogando com o pai. O destaque é para os diferentes sentidos do verbo **partir**, segundo o **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Ao ler os dois primeiros quadrinhos da tirinha, o primeiro sentido do verbo **partir** é “falecer”, “morrer”. O último quadrinho apresenta, de fato, o sentido do verbo na história: “deixar um local”, “sair”, “ir embora”. Pelo diálogo, no qual temos a afirmação de que a tia do garoto **partira** em uma viagem, é possível inferir que o pai de Armandinho não gosta da mulher.

O último item do segundo exercício explora a grafia idêntica dos verbos **ir** e **ser** no pretérito perfeito do modo indicativo. A diferença de sentido deve ser obtida pelo contexto.

Atividade 6 – O passado que se repete...

Esta sequência de atividades apresenta um texto publicitário com a utilização, de forma repetida, do perfeito do indicativo dos verbos **brigar**, **sorrir**, **chorar**, **voltar**, **ir** e **ser**. Tal repetição nesse texto é justificada se for levado em consideração de que se trata de um anúncio do

reality show “A Fazenda”, da Rede Record de Televisão, reforçando a rotina dos participantes nesse programa. As expressões “**ir para roça**” e “**voltar**” indicam, respectivamente, o risco de eliminação de um participante do *reality* e o ato de escapar dessa eliminação.

O segundo exercício da sequência tem por base um “meme” da internet, no qual o aluno deve analisar os diferentes significados do verbo **sentir**. Na frase “Como você se **sentiu** em nossa loja?”, o verbo no perfeito indica quais foram as impressões do cliente no estabelecimento. Já em “Tudo caro, me **senti** pobre”, o mesmo verbo no perfeito expressa que o cliente constatou que não tinha condições de comprar nada na loja, que ele teve total consciência de que era “pobre”.

Atividade 7 – Escrevendo sobre o passado

A linha do tempo do jogador Neymar, texto que abre a última sequência de atividades, utiliza os verbos no presente do indicativo, em substituição ao pretérito perfeito, para trazer para a atualidade os fatos passados da vida do jogador. É uma forma de fazer o leitor se aproximar dos fatos marcantes da personalidade em destaque. É semelhante ao uso do **presente histórico** em textos jornalísticos e didáticos (comuns, inclusive, nos relatos apresentados nos livros de História, nas manchetes de jornais, ou em biografias de pessoas importantes da sociedade que ainda se encontram em plena atividade).

5. Textos suplementares para uso do professor

A seguir, apresentamos alguns textos para que você possa utilizar no desenvolvimento de outras atividades que contemplem os diferentes sentidos dos verbos nos pretéritos do modo indicativo no português do Brasil. Em relação às matérias da revista **Recreio** e às do jornal **Folha de S. Paulo**, fizemos a reprodução do material respeitando a formatação original de sua publicação (apresentamos, para consulta, *links* da internet com as matérias do jornal). Incluímos a íntegra do texto “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade, para que você, caso queira, elabore atividades adicionais que complementem as da primeira sequência “Antigamente X Atualmente”. Reproduzimos o texto “Lar Desfeito”, de Luis Fernando Verissimo, para que seja feita a leitura da versão original (exercício 5 da segunda sequência de atividades, p. 106). Acrescentamos alguns diálogos transcritos da telenovela “Malhação – Seu Lugar no Mundo” (Rede Globo), com o propósito de se trabalhar, além das letras de música, algum gênero textual que use como referência o português falado do dia a dia.

TEXTO 1

ANTIGAMENTE

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Antigamente as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava a manta e azulava, dando às de vila-diogo. Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e, mais tarde, ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano. Estes, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n’água.

Havia os que tomavam chá em criança e, ao visitarem uma família da maior consideração, sabiam cuspir na escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: “Farei presente”. Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”; ao que o cumprimentado respondia: “Para sempre seja louvado”. E os eruditos, se alguém espirrava – sinal de defluxo – eram impelidos a exortar: *Dominus tecum*. Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso punham a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam quando,

por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. É verdade que às vezes os meninos eram encapetados, e chegavam a pitar escondido atrás da igreja. As meninas não: verdadeiros cromos, umas teteias.

Antigamente, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim-por-tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas. Uns raros amarravam cachorros com linguiça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na venda, tinham conta no carnicheiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre um “cabrito”, não tivesse catinga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, traziam as novidades “de baixo”, ou seja, do Rio de Janeiro. Ele vinha dar uma prosa e deixar presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apear do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais que velhacos: eram grandessíssimos tratantes.

Acontecia o indivíduo apanhar uma constipação; ficando perrengue, mandava um próprio chamar o doutor e, depois, ia à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica. Antigamente os sobrados tinham assombrações; os meninos, lombrigas; asthma, os gatos; os homens portavam ceroulas, botinas e capa de goma; a casimira tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London; não havia fotografos, mas retratistas e os cristãos não morriam: descansavam.

Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quadrante 1**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.
<<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond07.htm>> Acesso em 19 jan. 2016.

TEXTO 2

LAR DESFEITO

LUIS FERNANDO VERISSIMO

José e Maria estavam casados há 20 anos e eram muito felizes um com o outro. Tão felizes que um dia, na mesa, a filha mais velha reclamou:

– Vocês nunca brigam?

José e Maria se entreolharam. José respondeu:

– Não, minha filha. Sua mãe e eu não brigamos.

– Nunca brigaram? – quis saber Vítor, o filho do meio.

– Claro que já brigamos. Mas sempre fizemos as pazes.

– Na verdade, brigas, mesmo, nunca tivemos. Desentendimentos, como todo mundo. Mas sempre nos demos muito bem...

– Coisa mais chata – disse Venancinho, o menor.

Vera, a filha mais velha, tinha uma amiga, Nora, que a deixava fascinada com suas histórias de casa. Os pais de Nora viviam brigando. Era um drama. Nora contava tudo para Vera. Às vezes chorava. Vera consolava a amiga. Mas no fundo tinha uma certa inveja. Nora era infeliz. Devia ser bacana ser infeliz assim. O sonho de Vera era ter um problema em casa para poder ser revoltada como Nora. Ter olheiras como Nora.

Vítor, o filho do meio, frequentava muito a casa de Sérgio, seu melhor amigo. Os pais de Sérgio estavam separados. O pai de Sérgio tinha um dia certo para sair com ele. Domingo. Iam ao parque de diversões, ao cinema, ao futebol. O pai de Sérgio namorava uma moça do teatro. E a mãe de Sérgio recebia visitas de um senhor muito camarada que sempre trazia presentes para Sérgio.

Venancinho, o filho menor, também tinha amigos com problemas em casa. A mãe do Haroldo, por exemplo, tinha se divorciado do pai do Haroldo e casado com um cara divorciado. O padrasto de Haroldo tinha uma filha de 11 anos que podia tocar o Danúbio azul espremendo uma das mãos na axila, o que deixava a mãe do Haroldo louca. A mãe do Haroldo gritava muito com o marido.

Bacana.

- Eu não aguento mais esta situação - disse Vera, na mesa.
- Que situação, minha filha?
- Essa felicidade de vocês!
- Vocês deviam ter o cuidado de não fazer isso na nossa frente – disse Vítor.
- Mas nós não fazemos nada!
- Exatamente.

Venancinho batia com o talher na mesa e reivindicava:

- Briga. Briga. Briga.

José e Maria concordavam que aquilo não podia continuar. Precisavam pensar nas crianças. Antes de mais nada, nas crianças. Manteriam uma fachada de desacordo, ódio e desconfiança na frente deles, para esconder a harmonia. Não seria fácil. Inventariam coisas. Trocariam acusações fictícias e insultos.

Tudo para não traumatizar os filhos.

– Víbora, não! – gritou Maria, começando a erguer-se do seu lugar na mesa com a faca serrilhada na mão.

José também ergueu-se e empunhou a cadeira.

- Víbora, sim! Vem que eu te arrebento.

Maria avançou. Vera agarrou-se ao seu braço.

- Mamãe. Não!

Vítor segurou o pai. Venancinho, que estava de boca aberta e os olhos arregalados desde o começo da discussão – a pior até então –, achou melhor pular da cadeira e procurar um canto neutro da sala de jantar.

Depois daquela cena, nada mais havia a fazer. O casal teria que se separar. Os advogados cuidariam de tudo. Eles não podiam mais nem se enxergar.

Agora era Nora que consolava Vera. Os pais eram assim mesmo. Ela tinha experiência. A família era uma instituição podre. Sozinha, na frente do espelho, Vera imitava a boca de desdém de Nora.

- Podre. Tudo podre.

E esfregava os olhos, para que ficassem vermelhos. Ainda não tinha olheiras, mas elas viriam com o tempo. Ela seria amarga e agressiva. A pálida filha de um lar desfeito. Um pouco de pó de arroz talvez ajudasse.

Vítor e Venancinho saíam aos domingos com o pai. Uma vez foram ao Maracanã junto com Sérgio, o pai do Sérgio e a namorada do pai do Sérgio, a moça do teatro. O pai do Sérgio perguntou se José não gostaria de conhecer uma amiga da sua namorada. Assim poderiam fazer

mais programas juntos. José disse que achava que não. Precisava de tempo para se acostumar com sua nova situação. Sabe como é.

Maria não tinha namorado. Mas no mínimo duas vezes por semana desaparecia de casa, depois voltava menos nervosa. Os filhos tinham certeza de que ela ia se encontrar com um homem.

– Eles desconfiam de alguma coisa? – perguntou José.

– Acho que não – respondeu Maria.

Estavam os dois no motel onde se encontravam, no mínimo duas vezes por semana, escondidos.

– Será que fizemos o certo?

– Acho que sim. As crianças agora não se sentem mais deslocadas no meio dos amigos. Fizemos o que tinha que ser feito.

– Será que algum dia vamos poder viver juntos outra vez?

– Quando as crianças saírem de casa. Aí então estaremos livres das convenções sociais. Não precisaremos mais manter as aparências. Me beija.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Outras do analista de Bagé**. Porto Alegre: L&PM, 1982. *Apud* FERNANDES, Maria; HAILER, Marco Antonio. **Alp 5**: análise, linguagem e pensamento. São Paulo: FTD, 1993. p. 18-20.

TEXTO 3

EDUARDO E MÔNICA RENATO RUSSO

Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
Noutro canto da cidade
Como eles disseram
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer
Foi um carinho do cursinho do Eduardo que disse
- Tem uma festa legal e a gente quer se divertir
Festa estranha, com gente esquisita
- Eu não estou legal, não aguento mais biritar
E a Mônica riu e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
- É quase duas, eu vou me ferrar
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar

O Eduardo sugeriu uma lanchonete
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard
Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de camelo
O Eduardo achou estranho e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus
De Van Gogh e dos Mutantes
Do Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda estava
No esquema "escola, cinema, clube, televisão"
E, mesmo com tudo diferente
Veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia
Como tinha de ser
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro e artesanato e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar
E ela se formou no mesmo mês
Em que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela e vice-versa
Que nem feijão com arroz
Construíram uma casa uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana e seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo
Tá de recuperação

E quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer que não existe razão?

RUSSO, Renato. Eduardo e Mônica. In: **Dois**. Legião Urbana. Manaus: Microservice (EMI Group), 1986. Faixa 4.

TEXTO 4

Transcrição dos diálogos da novela “Malhação – Seu Lugar no Mundo”, Rede Globo de Televisão, capítulo do dia 15 de janeiro de 2016.

A personagem Luciana, em alguns capítulos anteriores da novela, sofrera um acidente durante uma aula de Educação Física e se machucara com um colega portador do HIV. Por precaução e preocupação dos pais, a garota submeteu-se a uma série de exames e a um tratamento para ter certeza de que não havia contraído o vírus. Acompanhada pela amiga Nanda, Luciana foi a uma consulta para saber dos resultados dos exames. Nanda aproveitou a situação, também, para esclarecer com a médica algumas dúvidas relativas a gravidez e sexo seguro.

CENA I – Luciana e a médica

Médica: Luciana, como é que você tá, você tomou toda a medicação direitinho, os 28 dias consecutivos, você sentiu alguma coisa?

Luciana: Tomei, sim, doutora. Olha, não esqueci nenhum dia. No início fiquei um pouco enjoada, mas agora já tô ótima. Tô preocupada, mesmo, com o resultado do exame.

Médica: Bom, com relação ao resultado do exame você não tem absolutamente nada pra se preocupar, tá? Eu tô com o resultado aqui, eu vou te mostrar. (*Luciana suspira*) O teu exame de HIV deu negativo. OK?

Luciana (*suspirando aliviada*): Ai... que alívio!

Médica: Que bom que você tá aliviada, mas, de qualquer forma, como eu te falei na primeira consulta que a gente fez, a possibilidade de você contrair o vírus do HIV naquele acidente era praticamente zero, tá? Mas eu, como médica, achei melhor receitar o tratamento porque você e sua mãe chegaram aqui muito abaladas, e é um direito de vocês receber esse tratamento, além de ser uma segurança muito maior pra você.

Luciana: É. Nossa, minha mãe quase entrou em pânico só de ouvir a palavra AIDS.

Médica: De qualquer forma, o rapaz que se acidentou com você se trata desde criança, e os exames que ele realizou mostram que ele tá certamente com uma carga viral indetectável. Isso não quer dizer que ele tá curado, mas ele tem tão pouco HIV no sangue que a chance de ele transmitir isso pra outra pessoa é mínima, uma vez que a gente não consegue nem detectar o vírus na corrente sanguínea dele.

Luciana: Tá bom, doutora, muito obrigada. Olha, vou lá porque eu tô louca pra contar pros meus pais.

Médica: Tá OK. Leva os exames, tranquiliza teus pais, e eu queria te pedir uma coisa: é, aproveite, é muito importante que você aproveite essa oportunidade do acidente pra passar maiores informações pros teus amigos e amigas, tá? Então, por favor, leve esses folhetos, eles são

do Ministério da Saúde, e eles explicam direitinho os casos em que esse tratamento que você fez é altamente recomendado, tá? Por exemplo, nas hipóteses de violência sexual, ou de relação sexual sem o uso da camisinha, ou até de uma relação sexual em que a camisinha estourou, por exemplo, tá bom?

Luciana: Tá, tá.

Médica: Leva com você.

Luciana: Pode deixar que eu vou divulgar, sim, tá. Obrigada, doutora.

Médica: Obrigada, Luciana. Qualquer coisa, eu tô à disposição, tá?

Luciana: Tá.

CENA II – Luciana e Nanda

Nanda (*preocupada*): E aí, Lu?

Luciana (*radiante*): O exame deu que eu não tenho nada, Nanda.

Nanda (*radiante*): Ai, eu não acredito! A melhor notícia do mundo!

Luciana: Ai, tô tão aliviada!

Nanda: Ai, a gente fica tão nervosa, né? AIDS tem tratamento, mas não tem cura!

Luciana: É. Mas, olha, eu senti na pele todo o medo e preconceito que uma pessoa com HIV sofre, sabia? Mas vai lá, a médica tá te chamando.

Nanda: Ai, eu tô muito feliz! Me espera aqui, tá? Fica aqui, eu volto.

CENA III – Os pais de Luciana

Sueli (*ao telefone*): Tá. Tá bom, minha filha. Outro beijo pra você, tá bom? (*Desligando o telefone*)

Jorge: Fala, Sueli, o que que ela disse?

Sueli (*hesitante*): Jorge...

Jorge: O quê?

Sueli: O exame da Luciana...

Jorge (*preocupado*): Que que tem?

Sueli: Deu negativo. Nossa filha não tem o vírus da AIDS.

Jorge (*aliviado*): Ah, graças a Deus, meu amor! Eu sabia que nada de mal ia acontecer com a nossa filhota...

Sueli: É, mas olha só, mas a médica disse que ela tem que fazer novos exames daqui a três meses, depois em seis meses pra possibilidade de ela ter sido infectada ser totalmente descartada. Bom, se as chances antes eram mínimas, agora então são praticamente nulas.

Jorge: Meu amor, essa data merece uma comemoração. Vou fazer um jantarzinho especial pra gente.

Sueli: Ih, não vai, não. Não vai, não. Nem se preocupa com isso.

Jorge: Por quê?

Sueli: Porque a Lu disse que convidou o Rodrigo pra vir aqui mais tarde, e ela pediu a cozinha disponível pra eles.

Jorge: Sei... O que que a Luciana vai fazer sozinha na cozinha com o Rodrigo? Só pra saber...

Sueli: Brigadeiro.

Jorge: Ah, brigadeiro.

Sueli: É, aquela bolinha de chocolate, conhece?

Jorge: Sei, claro... Ah, como eu tô feliz!

CENA IV – Nanda e a médica

Nanda: Ai, adorei tudo o que eu aprendi, mas eu tinha mais uma perguntinha, doutora.

Médica: Fala.

Nanda: Tá. É que... Eu andei pensando e eu queria transar com meu namorado. Aí eu queria saber o que eu tinha que fazer a mais além de usar camisinha pra eu não engravidar.

Médica: Tá. Bom, vamos por partes. A camisinha, ela não é só pra evitar a gravidez. Ela é muito importante na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Nanda: Ah... Não, mas não, o Felipe, meu namorado, ele é muito quietinho, ele é muito certinho, nunca que ele ia ter doença, imagina.

Médica: Tudo bem, mas não são assim que as coisas funcionam, vou te explicar. Às vezes, uma pessoa, ela é portadora de uma bactéria ou de um vírus, e mesmo sem nunca ter desenvolvido uma doença, ela pode ser transmissora. Entendeu?

Nanda: Ah, tá. Mas será que ele não vai achar que eu tô desconfiando dele?

Médica: Bom, se ele achar que você tá desconfiando dele, você vai explicar que o uso da camisinha é a melhor forma de prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis, tá? E é bom que você tenha essa conversa com ele agora logo no início da relação.

Nanda: Tá.

Médica: Depois, com calma, você vai agendar uma nova consulta comigo, e a gente vai conversar sobre todas as possibilidades de métodos contraceptivos, tá bom?

Nanda: Tá, eu vou falar com a menina da recepção.

Médica: Tá joia.

Nanda: Tá, obrigada.

Médica: Tô à disposição.

Nanda: Tá bom, tchau, tchau.

Médica: Tchau.

TEXTO 5

EXISTE VIDA FORA DO WHATSAPP (Fernanda Mena)

FOLHA DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 2015 ★ ★ ★ mercado A21

Existe vida fora do whatsapp

FERNANDA MENA
DE SÃO PAULO

De repente, fez-se o silêncio. Aquele assobio (ou campainha), cujo anúncio irresistível é capaz de interromper conversa, trabalho, banho e até namoro, cessou.

Para muitos, essa quietude digital — e não o Congresso, a Lava-Jato, o impeachment ou a lama da Samarco — era sinal do fim dos tempos.

"Primeiro, entrei em pânico. Depois, fiquei revoltado. Em seguida, comecei a experimentar outros caminhos para suprir a falta do WhatsApp", diz o bancário Henrique Rocha, 28, que teve uma conversa via aplicativo interrompida à 0h desta quinta (17). "A gente não está mais acostumado a fazer ligações. Tive de telefonar para o meu amigo. E foi muito estranho."

O aplicativo de mensagens instantâneas ficou bloqueado por 12 horas após decisão judicial. O bloqueio deveria durar 48 horas, mas um desembargador ordenou a volta do serviço (leia ao lado).

Passada a crise de abstinência, sem as tantas interrupções do grupo de trabalho, do grupo de familiares, do grupo de amigos ou dos feitos para planejar algo — fora os diálogos avulsos —, houve quem descobrisse que

Após o bloqueio do serviço, que durou 12 horas, pessoas se telefonaram, redescobriram a família, leram e conversaram... até a Justiça mandar o app voltar ao ar

existe vida fora do WhatsApp.

"Resolvi interagir com umas pessoas que tem aqui em casa... Acho que eles participam daquele grupo do WhatsApp chamado 'Família'", brincou uma usuária do Twitter, cujo ranking das hashtags mais usadas tinha em primeiro lugar #Nessas48HorasEuVou.

Nas redes sociais, pipocaram memes divertidos sobre quem finalmente tirou os olhos da telinha do celular e redescobriu os pais, os irmãos, o rosto dos amigos etc.

Rocha, que entrou em pânico com o bloqueio do "Zap zap", admite que, com o celular no bolso, mesmo cercado de amigos, está sempre conversando com alguém que não está ali. "É dispersivo. Sem ele, você aproveita melhor o momento."

O estudante João Paulo Nascimento, 24, leu durante quatro horas seguidas na manhã de quinta, sem pegar no celular. "Ganhei um tempo livre e foi incrível. Estava tudo muito calmo..." disse.

Numa loja do shopping Higienópolis, em São Paulo, houve gritaria por volta do meio-dia de quinta. "Voltou, gente, voltou! O WhatsApp voltou!", anunciou uma cliente, efusiva. Todos sacaram seus celulares. E ninguém voltou a ser olhar.

OS MEMES DO "ZAPZAP"
Internautas reagem com humor ao bloqueio do app

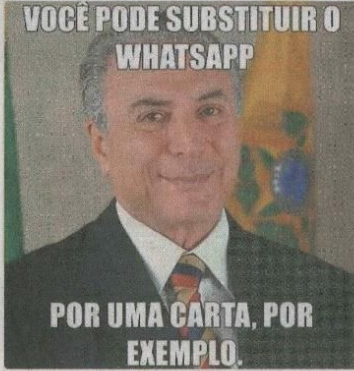


Você pode substituir o whatsapp por um pombo correio!

Via @gustavomendes

até aguento 48 horas sem whatasapp mas 2 dias ja é demais" disse uma estudante de Humanas.

16/12/15 18:37



VOCÊ PODE SUBSTITUIR O WHATSAPP POR UMA CARTA, POR EXEMPLO.

Serviço volta, mas ainda pode ser suspenso

DE SÃO PAULO

Depois de ficar cerca de 12 horas fora do ar, o WhatsApp voltou a funcionar em todo o país nesta quinta (17) por determinação do desembargador Xavier de Souza, da 11ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo.

O serviço havia sido bloqueado na virada de quarta para quinta por decisão da 1ª Vara Criminal de São Bernardo do Campo. Inicialmente, a determinação era para que o serviço ficasse fora do ar em todo o país por 48 horas.

Quatro recursos foram enviados ao Tribunal de Justiça de São Paulo para derrubar o bloqueio — o primeiro da Oi e outro do próprio WhatsApp.

A decisão do desembargador é provisória até que o mérito do pedido de bloqueio pela Justiça de São Bernardo do Campo seja julgado pela 11ª Câmara Criminal de São Paulo.

Como o órgão entra em recesso na segunda-feira, a decisão definitiva deve ocorrer até esta sexta ou a partir do dia 7 de janeiro.

O presidente-executivo do Facebook, Mark Zuckerberg, que comprou o WhatsApp por US\$ 16 bilhões, comemorou a volta do aplicativo. Em sua conta do Facebook, Zuckerberg agradeceu a comunidade no Brasil pela ajuda em "resolver isso" (bloqueio).

Antes, o próprio Facebook divulgou mensagem dizendo que estavam "trabalhando duro" para "tentar reverter a situação".

MENA, Fernanda. Existe vida fora do whatsapp. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 dez. 2015. Mercado, p. A21.
<<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/12/1720508-apos-bloqueio-do-whatsapp-pessoas-redescobrem-vida-fora-do-aplicativo.shtml>> Acesso em 19 dez. 2015.

TEXTO 6

JÁ CHAMOU ALGUÉM DE VELHO? (Rosely Sayão)

2 coluna

SÁBADO, 24 DE OUTUBRO DE 2015 folhinha ★ ★ ★ FOLHA DE S. PAULO

Q U E B R A C A B E Ç A por ROSELY SAYÃO

Já chamou alguém de velho?

Você tem avós? Ou bisavós? Muita criança hoje tem uma “bisa” ou um “biso”, porque as pessoas estão vivendo muito mais. Um tempo atrás, isso não era nada comum, sabia?

Qual é sua relação com seus avós? Conversa com eles? Chama para a sua escola de vez em quando? Conviver com os avós é muito bom. Para você e para eles.

No seu caso, porque eles sabem muitas coisas e são experientes —isso quer dizer que é possível aprender muito.

Como já conheceram muitas coisas do mundo, isso ajuda você a saber como era a vida quando eles eram crianças, como nasceram seus pais e essas histórias de família. No fim, é como se conhecêssemos mais sobre nós mesmos. É que o passado influencia o presente, sabia disso?

E esse contato pode ser bom para eles porque a presença de uma criança na vida das pessoas mais velhas geralmente traz alegria, entusiasmo, um pouco de felicidade.

Velhice, assim como a infância, não é ofensa; é apenas uma fase da vida

É muito bom para os avós ou bisavós contar histórias, fazer aquela receita especial que só eles conhecem, passear e até mimar um pouco os netos. Muitos pais acham que eles mimam demais, mas um pouco de mimo de avó até que faz bem.

De vez em quando eles são ranzinhas, reclamações, sem paciência? É verdade: quando as pessoas envelhecem, isso pode acontecer.

Mas, aí, você precisa aprender a conviver também com os defeitos deles. Todos têm imperfeições. E a gente gosta das pessoas apesar disso, não é mesmo?

São poucas as crianças hoje em dia que aprenderam a conviver com pessoas velhas. A maioria não tem paciência, e muito menos respeito por eles.

Se já pensou em chamar uma pessoa de “velha”, achando que isso é um xingamento, pode esquecer. Seria a mesma coisa se alguém chamasse você de criança, achando que isso é uma ofensa. Pois saiba que não é: são etapas da vida, apenas isso.

Todo mundo já foi criança e todos vão ficar velhos. Assim é a vida!

ARMANDINHO

SAYÃO, Rosely. Já chamou alguém de velho? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 out. 2015. Folhinha, p. 2. <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/quebracabeca/2015/10/1697573-ja-chamou-alguem-de-velho.shtml>> Acesso em 25 out. 2015.

TEXTO 7

MINHA AVÓ MORREU. E AGORA? (Rosely Sayão)

2 coluna

SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO DE 2015 **folhinha** ★ ★ ★ FOLHA DE S. PAULO

Q U E B R A C A B E Ç A por ROSELY SAYÃO

Minha avó morreu. E agora?

Morreu a avó de uma garota de nove anos, filha de uma conhecida minha. A menina está inconsolável.

A avó nem estava doente—estava firme e forte, até fez bala de coco no domingo para ela. Dois dias depois, não acordou pela manhã: morreu dormindo.

A garota está com o coração doído que só. Toda hora chora, não tem vontade de brincar, de conversar com os amigos nem de ir à escola—embora vá, porque os pais acham que ela precisa ir. A morte da avó não sai dos pensamentos, mas a menina não quer falar sobre esse assunto.

Quando alguém de quem a gente gosta muito morre é assim mesmo. Aparece uma tristeza muito grande, uma dor que parece que não vai acabar nunca. Mas a vida continua, e essa dor vai ficando um pouco menos doída com o tempo—até se transformar em saudade, que é um pouco triste e um pouco alegre.

A menina está também muito brava com seus pais, pois eles não a deixaram ir ao velório e ao enterro. Disseram que isso não era coisa para criança, que ela iria ficar “impressionada”.

É normal ficar triste, mas conversar sobre seus sentimentos pode ajudar

As cerimônias são uma maneira de se despedir da pessoa que morreu, por isso não tem nada demais as crianças acompanharem. Muita gente pensa do mesmo jeito que os pais da menina, mas, se a criança quiser ir, talvez seja bom respeitar sua vontade, não acha?

A garota está brava com os pais por mais um motivo. Disse que eles mentiram ao contar que a avó se transformou em uma estrela que vai olhar por ela todos os dias. “Desde quando uma pessoa que morre vira estrela?”, perguntou-me. “Meus pais acham que sou criancinha!”

Não, aos nove anos ela não é uma criancinha—já cresceu para entender o que é a morte. Mas os pais não mentiram. Só tentaram explicar o que é a morte de outra maneira. Em vez de ficar brava, a garota poderia ter dito que já estava pronta para conversar sobre o assunto, não é?

Quando alguém próximo morrer, converse sobre seus sentimentos e pensamentos. Vai ver como isso ajuda.

ARMANDINHO

SUA TIA PARTIU EM UMA VIAGEM, FILHO...

...MAS UM DIA A VEREMOS DE NOVO!

PAI, PODE FALAR A VERDADE... EU CONSIGO ENTENDER!

FILHO, ELA FOI A BELO HORIZONTE... VOLTA SEMANA QUE VEM...

AH, TÁ...

SAYÃO, Rosely. Minha avó morreu. E agora? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 nov. 2015. Folhinha, p. 2. <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/quebracabeca/2015/11/1706127-minha-avo-morreu-e-agora.shtml>> Acesso em 15 nov. 2015.

TEXTO 8

O MUNDO É FEITO DE GRANDES INVENÇÕES (Letícia Yazbek)

Viva a história!

O MUNDO É FEITO DE GRANDES INVENÇÕES!

Viaje pela história de criações que mudaram a humanidade por trazerem diversão, conforto, ajudaram na locomoção, na comunicação e muito mais!

Texto • Letícia Yazbek
Design • Aline Casassa
Ilustração • Ricardo Chucky

Conforto	Comunicação	Transporte	Entretenimento	Vestuário	Eletricidade
-----------------	--------------------	-------------------	-----------------------	------------------	---------------------

ENTRE 200 MIL E 10 MIL ANOS ANTES DE CRISTO
FOGO

Pesquisadores acreditam que o fogo surgiu a partir da queda de um raio. Depois, o homem aprendeu a produzir o fenômeno batendo uma pedra na outra ou esfregando dois pedaços de madeira.



POR VOLTA DE 3200 ANTES DE CRISTO
ESCRITA

Os sumérios (povo que habitava a região da Mesopotâmia, área do atual Iraque) criaram o primeiro modelo conhecido: era a escrita cuneiforme, que usava uma cunha – instrumento de bambu para gravar os sinais na argila mole.



POR VOLTA DE 3 MIL ANTES DE CRISTO
RODA

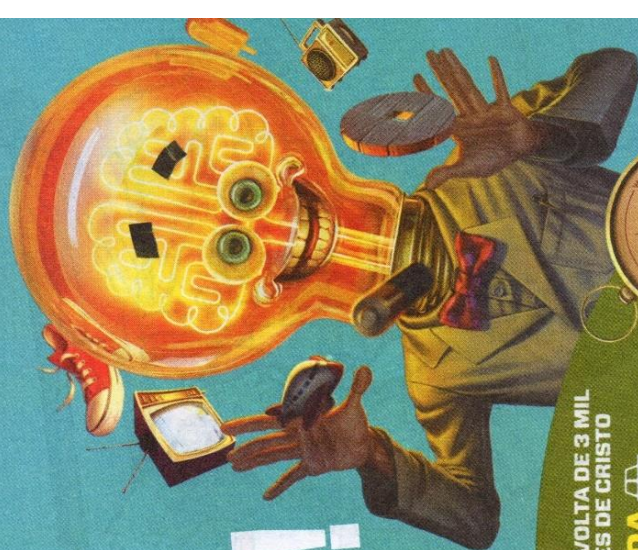
Os sumérios também inventaram a roda, a partir de um tronco de árvore. A novidade levou ao surgimento de carroças, que evoluíram para outros meios de transporte.



SÉCULO 14
BÚSSOLA

No século 1, os chineses já usavam um objeto com uma agulha magnética que apontava para os polos da Terra. Porém, apenas 13 séculos depois, a bússola passou a ser usada para nos direcionar. O objeto foi muito importante para as navegações.







1800

PILHA

Surge a pilha elétrica, ideia do físico italiano Alessandro Volta: ele empilhou, de forma alternada, discos de zinco e de cobre, separando-os por pedaços de tecido embebidos em solução de ácido sulfúrico. A pilha produzia energia elétrica sempre que um fio condutor era ligado aos discos das extremidades.

DÉCADA DE 1820

COMPUTADOR

O inglês Charles Babbage foi o primeiro a construir algo parecido com um computador, nos anos 1820. A máquina funcionava com um sistema mecânico de engrenagens e rodas, e fazia operações matemáticas programadas. Em 1940, o húngaro John von Neumann acrescentou à máquina a capacidade de armazenar informações.



1769

AUTOMÓVEL

O engenheiro francês Nicolas-Joseph Cugnot criou a carruagem movida a vapor. Bem depois, em 1886, o alemão Karl Benz inventaria o primeiro carro com motor a explosão (usava gás ou petróleo).



DÉCADA DE 1750

ELETRICIDADE

Os egípcios antigos já conheciam a eletricidade – eles estudaram peixes elétricos. Mas foi o inventor norte-americano Benjamin Franklin quem começou a controlar essa força da natureza. Ele criou um método para atrair a eletricidade dos raios: o para-raios.



1450

PRENSA

Pelas mãos do alemão Johannes Gutenberg, surge a prensa de tipos móveis. As letras podiam ser combinadas de várias maneiras, formando palavras diferentes. Ou seja, não era mais preciso escrever livros inteiros a mão!



1832

TÊNIS

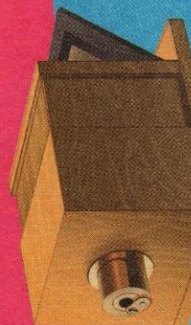
Numa época em que os calçados, em geral, eram de couro, o norte-americano Wait Webster inventou o tênis – sapato com solas de borracha, mais eficazes para a prática de esportes.



1826

FOTOGRAFIA

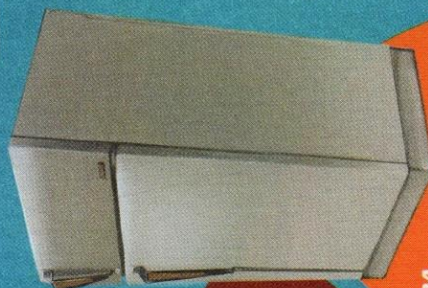
A história da fotografia volta para a Antiguidade, com a criação da câmara escura – caixa preta com um pequeno buraco no meio que reflete de forma invertida a imagem no fundo da caixa. Mas foi só em 1826 que o francês Joseph Niepce conseguiu fazer a primeira foto da história por meio da câmara escura. O também francês Jacques Daguerre criou, em 1839, o daguerreótipo – aparelho que tornou o processo mais rápido.



1834

GELADEIRA

As primeiras, do século 18, eram um buraco, cheio de gelo ou neve e palha, em alguma parte da casa. Mas o refrigerador mesmo é de 1834, ideia do norte-americano Jacob Perkins.



Viva a história!



1876

TELEFONE

O norte-americano Alexander Graham Bell realizava experiências com um telégrafo, quando percebeu que um som emitido por ele podia ser ouvido do outro lado do aparelho. Aí, inventou uma máquina que transformava ondas sonoras em impulsos elétricos. Os impulsos se moviam por um fio até chegar a outro aparelho, que os traduzia para som novamente. Era o telefone!

1879

LÂMPADA

O norte-americano Thomas Alva Edison usou um filamento de carbono para criar a primeira lâmpada – ela ficou acesa por 40 horas.



1884

TELEVISÃO

O primeiro passo veio do alemão Gottlieb Nipkow, que, em 1884, elaborou um sistema de TV. Com o tempo, outros pesquisadores acrescentaram tecnologia. Até que um dos primeiros a mostrar uma TV foi o engenheiro escocês John Baird: em 1926, ele exibiu imagens de objetos em movimento numa tela de 8 por 6 centímetros.



1853

CALÇA JEANS

Naquele ano, o empresário alemão Levi Strauss teve a ideia de dar um novo uso para a lona que possuía. Assim, criou calças resistentes, que passaram a ser usadas pelos mineradores. No século 20, o jeans tornou-se popular.



1888

DISCOS

Ano em que o gramofone foi inventado pelo alemão Emil Berliner. O aparelho reproduzia sons por meio de uma agulha que lia a informação gravada nos sulcos de um disco feito de cera. Na década de 1940, surgiram os discos de vinil, mais resistentes. Até que, em 1979, veio o CD, com maior capacidade e clareza sonora.



1895

RÁDIO

O físico italiano Guglielmo Marconi é considerado o criador do rádio. Em 1895, ele enviou e recebeu o primeiro sinal de rádio – patenteou o invento no ano seguinte. Em 1901, conseguiu fazer ondas sonoras atravessarem o Oceano Atlântico!



1852

ELEVADOR

No Egito, há 4 mil anos, elevadores movidos à tração animal já transportavam mercadorias para as altas habitações dos faraós. Só em 1852 o norte-americano Elisha Graves Otis criou o primeiro elevador para transportar pessoas – funcionava com a energia do vapor (modelos usando eletricidade viriam em 1889).

ANOS 1960

INTERNET

No começo da década de 1960, o norte-americano Paul Baran ligou vários computadores entre si. Depois, em 1969, os engenheiros J. Licklider e Robert Taylor, nos Estados Unidos, criaram uma rede para conectar computadores de centros de pesquisas universitários e militares, que acabou virando a internet. Na década de 1990, a rede cresceu e passou a ser usada por cidadãos comuns.

1903

AVIÃO

Por volta de 1880, o engenheiro norte-americano John Montgomery criou o planador, que voava usando a força dos ventos. Em 1903, os irmãos Orville e Wilbur Wright realizaram o primeiro voo com uma aeronave motorizada, a Flyer I, nos Estados Unidos.

1902

AR-CONDICIONADO

A ideia do engenheiro norte-americano Willis Carrier era um mecanismo que fazia o ar circular por dutos artificialmente resfriados, controlando a temperatura de ambientes fechados. Funciona até hoje!

FINAL DO SÉCULO 19

CINEMA

Os irmãos franceses Auguste e Louis Lumière inventaram uma máquina chamada cinematógrafo, que funcionava como câmera e projetor. Em 1895, eles apresentaram a invenção em Paris (França), projetando filmes com cerca de 1 minuto de duração.

SEM QUERER!

Algumas invenções bem úteis foram descobertas por acaso

PALITO DE FÓSFORO

Em 1826, o britânico John Walker pesquisava uma forma de obter fogo e transferi-lo para um material inflamável. Até que, de repente, percebeu que um dos palitos usados para misturar pegou fogo ao ser raspado, por acidente, contra o chão de pedra.

PICOLÉ

O norte-americano Frank Epperson criou a guloseima quando tinha 11 anos, em 1905: ele usava um palito para misturar um refresco na varanda da casa onde morava, quando esqueceu tudo do lado de fora. Ao voltar, viu que a bebida tinha congelado com o palito dentro!

MICRO-ONDAS

Em 1945, o norte-americano Percy Spencer trabalhava em um radar de micro-ondas quando notou que, ao se aproximar de um desses dispositivos, uma barra de chocolate que ele tinha no bolso havia derretido. Usando o mesmo princípio, ele criou um novo tipo de forno.

2001

IPOD

Ideia do norte-americano Tony Fadell para tocar música em formato MP3. Ele foi contratado pela empresa Apple para desenvolver o projeto.

CONSULTORIA: ALFREDO GOLDMAN (PROFESSOR DO INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA DA USP), CARLOS M. ZACCHETTI (PROFESSOR DE ENGENHARIA AUTOMOTIVA DA UFSC) E HISTÓRIA DA UFSC). FONTE: LINHA DO TEMPO (CLAUDIA DE CASTRO LIMA, EDITORA PANDA BOOKS).

TEXTO 9

CORRENDO PELOS TRILHOS (Letícia Yazbek)

ESPECIAL

CORRENDO PELOS TRILHOS

O **trem** surgiu no século 16 e se desenvolveu até chegar ao **metrô** e aos atuais modelos avançados. Faça suas malas e embarque nessa história!

SÉRIE TRANSPORTES
trem e metrô

Versão de madeira
A ideia de construir um carro que corresse sobre trilhos surgiu na Alemanha, em 1550. Esses veículos eram usados para **retirar minérios das minas**. Eles destizavam mais e eram mais rápidos do que qualquer outra opção que tivesse que encarar as ruas esburacadas da época. As rodas e os trilhos eram feitos de madeira e o veículo funcionava com a força dos animais.

Tecnologia a vapor
Em 1803, o norte-americano Richard Trevithick decidiu usar o motor a vapor no antigo trem feito de madeira. Um ano depois, ele e Samuel Homfray construíram uma locomotiva que puxou 10 toneladas de aço, 70 homens e cinco vagões extras por 14,5 quilômetros. O percurso demorou 2 horas para ser concluído.

Fez a diferença!
A primeira linha férrea só foi criada em 1825, pelo britânico George Stephenson. Isso permitiu que o trem a vapor andasse em trechos maiores (entre duas cidades, por exemplo). A linha de Stephenson percorria 61 quilômetros, entre Darlington e Stockton (Inglaterra). A viagem inaugural foi feita por 450 pessoas, a 24 quilômetros por hora.

Alguns dos principais momentos dessa história

1550
O primeiro trem surge na Alemanha. As rodas e os trilhos eram feitos de madeira.

1803
O norte-americano Richard Trevithick inventa o primeiro trem movido por um motor a vapor.

1825
O britânico George Stephenson cria a linha férrea, permitindo que os trens percorressem distâncias maiores.

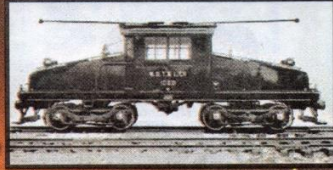
24

Por baixo da terra

O metrô nasceu em Londres (Inglaterra), em 1863, proposto por Charles Pearson. A intenção do governo era levar linhas de trem para a zona central da cidade. Mas a ideia de fazer isso no nível do solo foi descartada – haveria interferência nas construções. Aí, surgiu a ideia do transporte subterrâneo. A obra começou em 1860 e terminou três anos depois. A primeira linha tinha 6 quilômetros de extensão e os primeiros carros de metrô eram locomotivas movidas a vapor.

Até hoje!

Em 1879, o alemão Werner von Siemens apresentou, na Exposição Mundial de Berlim (Alemanha), a



primeira locomotiva elétrica. Na década de 1890, surgiram trens elétricos mais avançados – ainda usamos esses modelos. A partir de 1970, vieram outras formas de energia, como a turbina a gás e a levitação magnética, que melhoraram a qualidade desse tipo de transporte.

Eles dão um show!

Sistema metroviário mais longo (em extensão total): o de **Seul (Coreia do Sul)**, com cerca de **940 quilômetros.** Ele foi inaugurado em 1974 e conta com 18 linhas por toda a cidade.

Sistema metroviário mais movimentado do mundo: o de **Tóquio (Japão)**, que transporta, em média, **7 milhões de passageiros por dia.** Fundada em 1927, a rede tem 328 quilômetros de extensão, é formada por 13 linhas e 290 estações.



Trem mais rápido do mundo: **JR-Maglev MLX01**, sistema experimental do grupo Japan Railways, do Japão. Durante testes, ele atingiu 603 quilômetros por hora. O trem funciona por levitação magnética e faz parte de um projeto para ligar Tóquio a Osaka.

Texto • Leticia Yazbek
Design • Fábio Bertolozzi

PONTE: LINHA DO TEMPO (CLAUDIA DE CASTRO LIMA, EDITORA PANDA BOOKS) E GUINNESS WORLD RECORDS 2015.

1863

Na Inglaterra, o primeiro metrô é proposto pelo britânico Charles Pearson.



1879

O alemão Werner von Siemens cria a primeira locomotiva elétrica, permitindo o surgimento de trens mais avançados

1974

É aberto o primeiro trecho do Metropolitano de São Paulo, o metrô da cidade, entre Jabaquara e Vila Mariana.

6. Sugestões de Leitura

Seguem abaixo algumas sugestões de leitura para que você, professor, possa se aprofundar mais no ensino dos tipos de pretérito no português brasileiro, e para que compreenda as noções de aspecto e de modalidade verbais, podendo adequar as atividades em suas práticas pedagógicas.

BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo; Parábola Editorial, 2012.

CASTILHO, A.T.; ELIAS, V. M. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

FERNANDES, M; HAILER, M. A. **Alp novo: análise, linguagem e pensamento**. São Paulo: FTD, 2000. Obra em 4 v para alunos de 5ª a 8ª séries (Ensino Fundamental).

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto: leitura e redação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SE/CENP, 1991.

FREITAG, R. M. K.; DAMACENO, T. M. S. S. **Livro Didático – Gramática, Leitura e Ensino da Língua Portuguesa: contribuições para a Prática Docente**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

ILARI, R. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2001.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

—————; SEPULVEDA, C. **Oficina de gramática: metalinguagem para principiantes**. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

PERINI, M. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

_____. **Questões de Linguagem:** um passeio gramatical dirigido. São Paulo: Parábola, 2011.

ROCHA, R.; MARTINS, C. Uso e ensino dos tempos e modos verbais em uma perspectiva sociolinguística. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M.; MACHADO, V. R. (orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014. p. 181-203.

SOARES, M. **Linguagem e Escola:** uma perspectiva social. 8. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Português:** uma proposta para o letramento. São Paulo: Moderna, 2002. Obra em 4 v. para alunos de 6º ao 9º ano (Ensino Fundamental).

VARGAS, M. V. **Verbo e práticas discursivas.** São Paulo: Contexto, 2011.

Apêndice B – Autorização da Escola

Assis, 29 de dezembro de 2015.

À Direção da EE Prof. Carlos Alberto de Oliveira**Assunto: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA**

Solicito autorização da direção desta escola para que **Artur Geraldo Pais**, aluno do Programa de Mestrado em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), colete dados, nesta unidade escolar, para a sua pesquisa de Mestrado intitulada **O ENSINO DAS FORMAS DO PRETÉRITO DO MODO INDICATIVO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**, desenvolvida sob a minha orientação. Ressalto que o nome da escola e todos os participantes da pesquisa não terão seus nomes divulgados, serão tratados por letras ou números.

Caso a autorização seja deferida, solicito, respeitosamente, que, neste documento, seja assinalado o resultado (abaixo) e conste o carimbo e a assinatura do responsável pela unidade escolar.

Contamos com o apoio da direção da escola e coloco-me a disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente.

PROFA. DRA. JULIANA BERTUCCI BARBOSA
Professora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS)
Orientadora do Projeto

Resultado:

☒ deferido

☐ indeferido

Assinatura e carimbo do responsável pela unidade escolar:**Data da autorização:** 29 / 12 / 15

Solange S. Bezerra Tempass
RG 17.652.698
Diretor de Escola Substituto

Apêndice C – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

**MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE -
PARA PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES COMO
PARTICIPANTES DE PESQUISA**

Título do Projeto: AS FORMAS DE PRETÉRITO DO MODO INDICATIVO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: REFLEXÕES E PROPOSTAS DE ATIVIDADES

TERMO DE ESCLARECIMENTO

A criança (o adolescente) sob sua responsabilidade está sendo convidada(o) a participar do estudo **AS FORMAS DE PRETÉRITO DO MODO INDICATIVO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: REFLEXÕES E PROPOSTAS DE ATIVIDADES**, ligado ao Programa Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da UNESP, campus de Assis, SP, por ser aluna(o) da Educação Básica em escolas públicas. Os avanços na área do Ensino de Língua Portuguesa ocorrem através de estudos como este, por isso a participação da criança (ou do adolescente) é importante. O objetivo deste trabalho é investigar como se dá o ensino dos tempos verbais nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, anos finais. Caso a criança (o adolescente) participe, será necessário que ela(ele) realize atividades propostas pelo professor da sala sobre o tema deste projeto. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco à vida da criança (do adolescente). Esperamos, como benefício(s) desta pesquisa, contribuir para melhoria do ensino de língua portuguesa em nossa região, a partir do desenvolvimento de propostas produtivas sobre o ensino de verbos e tempos verbais. Como riscos, temos consciência que a técnica utilizada – aplicação de atividades –, às vezes, pode ocasionar desconfortos/incômodos, pois o participante sabe que sua escrita será analisada. Por isso, solicitamos a permissão do responsável legal (respeitando-se o previsto na Resolução 466/12 CNS) e destacamos que os participantes da pesquisa serão tratados como números, e o risco de perda de confidencialidade será minimizado.

Você e a criança (o adolescente) sob sua responsabilidade poderão obter todas as informações que quiserem; a criança (o adolescente) poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela participação do(a) aluno(a) no estudo, você nem a criança (o adolescente) receberão qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. O nome da criança (do adolescente), como já mencionado, não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ela(ele) será identificada(o) por um número ou por uma letra ou outro código.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: AS FORMAS DE PRETÉRITO DO MODO INDICATIVO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: REFLEXÕES E PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Eu, _____ (nome do responsável), li o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento ao qual a criança (o adolescente) sob minha responsabilidade será submetida(o). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que eu e a criança (o adolescente) sob minha responsabilidade somos livres para interromper a participação dela(dele) na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada e que isso não afetará o tratamento dela(dele). Sei que o nome da criança (do adolescente) não será divulgado, que não teremos despesas e não receberemos dinheiro por participar do estudo. Eu concordo com a participação da criança (do adolescente) no estudo, desde que ela(ele) também concorde. Por essa razão, ela(ele) assina junto comigo, caso seja possível, este Termo de Consentimento. Após assinatura, receberei uma via (não fotocópia) deste documento.

Assis, _____/_____/_____

Assinatura do responsável legal: _____

Documento de Identidade: _____

Assinatura da criança/adolescente (caso possa assinar): _____

Documento de Identidade / RA escolar (se possuir): _____

Assinaturas da orientadora e do pesquisador:



Telefones de contato:

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa
Telefone: (34) 9916-0550
E-mail: julianabertucci@gmail.com

Pesquisador Artur Geraldo Pais
Telefone: (18) 99176-9449
E-mail: arturpop2001@gmail.com

Em caso de dúvida em relação a este documento, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – da Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Assis, pelo telefone (18) 3302-5800.

Apêndice D – Plano de Intervenção

Título: Caderno Complementar de Atividades – Os Pretéritos do Modo Indicativo

Público-alvo: Alunos do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental

Tema: As formas de pretérito do modo indicativo no Ensino Fundamental II – reflexões e propostas de atividades

Problematização: Tomando como referência os materiais de apoio (Caderno do Aluno e Caderno do Professor) do Currículo do Estado de São Paulo, bem como os livros didáticos do PNLD, existem atividades gramaticais de forma reflexiva, envolvendo o uso em situações dos falantes – no caso, os alunos? Como se dá o ensino dos chamados tempos do pretérito do modo indicativo nas aulas de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental? Existe alguma abordagem semântica e/ou funcional quanto ao estudo dos diferentes tipos de pretérito no Português do Brasil?

Justificativa: O Currículo do Estado de São Paulo destaca a necessidade de o centro da aula de Português, nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, ser o texto e seus variados gêneros, e, dessa forma, o ensino da gramática deve destacar tópicos que geram mais dificuldade de uso para os falantes, levando em consideração as diferenças entre a norma padrão e a linguagem utilizada em situações informais de comunicação.

Assim, as atividades gramaticais relacionam-se diretamente às variedades linguísticas e aos gêneros textuais, e o foco desse ensino gramatical seguirá, de acordo com o documento regulador dos conteúdos a serem ensinados na educação pública paulista, a organização tradicional adotada pelos livros didáticos.

Também é importante ressaltar que os materiais de apoio do Currículo voltam-se para as tipologias textuais narrar (6º ano) e relatar (7º ano), que estruturam as situações de aprendizagem. Por essa razão, o enfoque dado ao uso dos pretéritos do modo indicativo vem ao encontro do trabalho com os gêneros textuais específicos das tipologias narrar e relatar, uma vez que a proposta deste plano de intervenção consiste em desenvolver um trabalho significativo com o

passado no português brasileiro em textos narrativos, crônicas, letras de música, biografias, relatos de experiência, notícias etc., de maneira que o aluno compreenda semanticamente o uso dos pretéritos, muito além de aspectos morfológicos.

Objetivos:

- I. Identificar como os pretéritos do modo indicativo são ensinados no 6º e no 7º ano do Ensino Fundamental, com base nos gêneros textuais comuns das tipologias narrar e relatar;
- II. Verificar como o material didático utilizado pelo professor aborda as questões relacionadas às formas de pretérito do modo indicativo e se leva em consideração a variedade linguística do aluno e aspectos semânticos, além dos morfológicos;
- III. Propor questões que levem o aluno de 6º e de 7º ano a refletir sobre o uso dos pretéritos do modo indicativo, por meio de atividades epilinguísticas a serem realizadas individualmente, em duplas ou coletivamente, sempre sob a orientação do professor.

Metodologia / Estratégias de ação (desenvolvimento):

- I. Identificar nos materiais didáticos a abordagem dada ao ensino dos pretéritos em português brasileiro, e verificar se existem propostas de trabalho reflexivo com a gramática;
- II. Realizar estudos sobre gramática, variação, ensino, tempo verbal, aspecto verbal e as formas do pretérito com base na perspectiva das gramáticas tradicionais e descritivas, da sociolinguística e dos documentos oficiais do Ministério da Educação e da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo;
- III. Aplicar propostas de atividades que complementem o material didático visando garantir aos alunos um aprendizado significativo das formas de pretérito do modo indicativo em Língua Portuguesa; utilizar o Caderno de Atividades Complementar;
- IV. Discutir as propostas de atividades a alunos de 6º e de 7º ano do Ensino Fundamental, a fim de verificar sua aceitabilidade e aplicabilidade.

Recursos Pedagógicos

- Material didático utilizado pelo professor, incluindo os materiais de apoio;

- Dicionário;
- Conexão com a Internet (se possível);
- Xerox.

Resultados Esperados

- I. Levantar as principais dificuldades que os alunos apresentam com relação ao uso dos tempos verbais, em especial os pretéritos do modo indicativo;
- II. Identificar pontos positivos no material didático e maneiras de complementá-lo no que falta com relação aos aspectos verbais e à abordagem semântica dos pretéritos;
- III. Melhorar (por meio do caderno de atividades) a habilidade de reflexão sobre o uso da língua pelos alunos e também sua compreensão sobre a própria língua e as variedades linguísticas, entendendo a necessidade de adequação linguística;
- IV. Contribuir para que o trabalho do professor não se restrinja ao ensino mecânico de formas verbais, de modo que ele possa fazer com que o aluno compreenda os efeitos de sentido do uso das diferentes formas de se expressar o passado no português brasileiro, através de diferentes gêneros textuais.

Avaliação

A avaliação será realizada durante o desenvolvimento das atividades complementares. Poderemos verificar a aceitabilidade e a aplicabilidade dos exercícios que propõem uma aprendizagem dos tipos de pretéritos do modo indicativo, com base em seus usos efetivos e na reflexão sobre os efeitos de sentido das diferentes formas de expressão do passado. Esperamos que os alunos reconheçam essas formas em diversos gêneros textuais e utilizem-nas adequadamente em suas próprias produções.

Referências

BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo; Parábola Editorial, 2012.

CASTILHO, A.T.; ELIAS, V. M. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

FERNANDES, M; HAILER, M. A. **Alp novo**: análise, linguagem e pensamento. São Paulo: FTD, 2000. Obra em 4 v para alunos de 5ª a 8ª séries (Ensino Fundamental).

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto**: leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SE/CENP, 1991.

FREITAG, R. M. K.; DAMACENO, T. M. S. S. **Livro Didático – Gramática, Leitura e Ensino da Língua Portuguesa**: contribuições para a Prática Docente. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

ILARI, R. **Introdução à semântica**: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

—————; SEPULVEDA, C. **Oficina de gramática**: metalinguagem para principiantes. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

PERINI, M. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

—————. **Questões de Linguagem**: um passeio gramatical dirigido. São Paulo: Parábola, 2011.

ROCHA, R.; MARTINS, C. Uso e ensino dos tempos e modos verbais em uma perspectiva sociolinguística. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M.; MACHADO, V. R. (orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014. p. 181-203.

SOARES, M. **Linguagem e Escola**: uma perspectiva social. 8. ed. São Paulo: Ática, 1991.

—————. **Português**: uma proposta para o letramento. São Paulo: Moderna, 2002. Obra em 4 v. para alunos de 6º ao 9º ano (Ensino Fundamental).

VARGAS, M. V. **Verbo e práticas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.